

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
CJE0314 – Projeto Experimental em Produção Editorial

Camila de Souza Gonçalves | 11372222

A Mulher de Aleduma e a Imaginação de um Futuro Possível: Proposta de Edição

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
CJE0314 – Projeto Experimental em Produção Editorial

Camila de Souza Gonçalves | 11372222

A Mulher de Aleduma e a Imaginação de um Futuro Possível: Proposta de Edição

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Editoração, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Dr. Thiago Mio Salla

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Camila de Souza
A Mulher de Aleduma e a Imaginação de um Futuro Possível: Proposta de Edição / Camila de Souza Gonçalves; orientador, Thiago Mio Salla. - São Paulo, 2023.
74 p.: il. + Inclui livro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Editoração;. 2. Literatura; . 3. Afrofuturismo;.
4. Edição;. I. Salla, Thiago Mio. II. Título.

CDD 21.ed. -
070.5 Editoração

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Gonçalves, Camila de Souza

Título: A Mulher de Aleduma e a Imaginação de um Futuro Possível: Proposta de Edição

Aprovada em: 14/07/2023

Banca:

Nome: Fernanda Silva e Sousa

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Nome: Thiago Mio Salla

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (ECA)

Nome: Wagner Souza e Silva

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (ECA)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aqueles que vieram antes de mim, aos meus pais que fizeram o melhor que podiam durante os meus anos de formação e na minha vida adulta. Pai, obrigada por me apresentar a coleção Vagalume; mãe, obrigada por ler, contar e recontar histórias para eu dormir. Gosto de pensar que eu me formezi leitora com vocês.

Aos meus amigos que me ouviram pacientemente e que nunca duvidaram de mim, mostrando animação e interesse até mesmo quando eu parecia para baixo. Não sou capaz de colocar em palavras, me ajudaram muito, de verdade.

Ao meu orientador, agradeço a paciência e apoio. E aos demais professores do CJE que me ouviram gentilmente cada vez que eu tive dúvidas, especialmente ao professor Wagner Souza e Silva que, lá em 2019, no meu primeiro ano na graduação, me apresentou as diversas formas de colagens e as possibilidades da fotomontagem de uma forma tão animada que me contagiou e tem efeitos até hoje.

Agradeço, por fim, também aos professores Paulo Verano e Luciano Guimarães, que têm um vasto repertório gráfico e de editoras independentes e que me fizeram olhar com mais atenção para esse espaço de resistência e de rica produção editorial.

Pra que amanhã não seja um novo ontem
Com um novo nome¹

¹ EMICIDA, MAJUR, VITTAR, Pabllo. *AmarElo* (Sample: Sujeito de Sorte – Belchior). In: *AmarElo*. [S.l]. Sony Music Entertainment, 2019. 1 CD, Faixa 10 (5min 20s).

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso explora os aspectos teóricos, práticos, políticos, criativos e éticos do fazer editorial. Para tanto, propõe uma discussão sobre a publicação de pessoas negras no Brasil, centrando-se em produções literárias e, mais especificamente, em obras classificadas como ficção especulativa, ou, de modo ainda mais particular, como Afrofuturismo. Com o objetivo de explorar tal proposta ampla, elegeu-se como objeto o romance *A Mulher de Aleduma*, de autoria da escritora baiana Aline França, publicado inicialmente em 1981 e que teve uma segunda edição em 1985. A obra se destaca por sua capacidade imaginativa e pelo protagonismo negro. A partir de uma avaliação do livro, da retomada do contexto de sua edição e do estabelecimento do texto por meio de pesquisa filológica, apresenta-se uma proposta de edição modernizada da narrativa em formato de livro de bolso, na qual se exploram características e experimentações gráficas presentes em seu formato inicial (com destaque para o uso de fotomontagens).

Palavras-chave: Editoração; Literatura; Afrofuturismo; Edição; *A Mulher de Aleduma*; Aline França.

Abstract

This final paper explores many aspects of publishing such as the theory, the praxis, the political, the creative as well as the ethical. On that basis, the discussion that has been brought to attention is about the publication of books written by black people in Brazil, focusing on literary production, specifically, on works classified as speculative fiction, particularly, Afrofuturism. In order to explore such broad proposal, the work of fiction *A Mulher de Aleduma*, written by Aline França, a black woman who was born in Bahia, was chosen as the object of the study. The book was initially published in 1981, it had a second edition in 1985. The fiction stands out for its imaginative capacity and black protagonism. The tools used to present a proposal for a modernized edition of the book were the evaluation of the book, the recovery of the context of its edition and the establishment of the text through philological research. The pocket size book format was chosen to conclude this piece of work, in which characteristics and experiments were compiled (with emphasis on the usage of photomontages).

Keywords: Publishing; Literary production; Afrofuturism; Editing; *A Mulher de Aleduma*; Aline França.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Fonte: BRANDÃO, Nivaldo. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 1 ed., p. 9	41
Figura 2 – Fonte: BRANDÃO, Nivaldo. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 1 ed., p. 17.	41
Figura 3 – Fonte: BRANDÃO, Nivaldo. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 1 ed., p. 13.	42
Figura 4 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 2 ed., p. 10.	43
Figura 5 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 2 ed., p. 30.	43
Figura 6 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 2 ed., p. 57.	44
Figura 7 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 2 ed., p. 86.	44
Figura 8 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. <i>A Mulher de Aleduma</i> , 2 ed., p. 95.	45
Figura 9 – Capa da primeira edição (1981) de <i>A Mulher de Aleduma</i>	45
Figura 10 – Capa da primeira edição (1981) de <i>A Mulher de Aleduma</i>	46

Sumário

Introdução	8
O Mercado Editorial Brasileiro	10
A Importância do Recorte Racial	10
Publicações de Autores Negros	13
Ficção Especulativa e Afrofuturismo	17
Resgate da Obra.....	22
Informações Filológicas	22
A Autora	23
Parecer: A Mulher de Aleduma	25
Relevância e Linha Editorial	32
Nota Editorial	34
A Edição	40
As Primeiras Edições.....	40
Proposta de Edição	46
Sobre o Formato	46
Sobre as Ilustrações	51
Conclusão	54
Referências Bibliográficas.....	56
Referências das Imagens – Anexo I	61
Anexo II – Proposta de Edição – <i>A Mulher de Aleduma</i>	71

Introdução

Este projeto experimental tem o objetivo de apresentar algumas análises sobre a importância do resgate e da publicação de obras literárias de pessoas negras brasileiras, num exercício que mescla conhecimentos em ecdótica, estudos filológicos e sobre a práxis da edição. Para tanto, foi escolhida a obra *A Mulher de Aleduma*, de autoria de Aline França, publicada de forma independente pela Organização Clarindo Silva, primeiramente em 1981 e reeditada em 1985, com reimpressão em 1987, pela editora Ianamá; em todos os casos, a publicação ocorreu no estado da Bahia.

A seleção desse romance partiu de uma vontade de retomar protagonismo para uma autora negra infelizmente esquecida. Uma vez que o projeto de conclusão de curso é livre, muitas possibilidades se apresentaram, mas fazer um livro pareceu ser a escolha mais óbvia. Por isso, diante de uma menção em uma rede social a uma obra esquecida dos anos 1980, a oportunidade pareceu ser ótima. Uma vez que o livro flertava com questões de ficção científica – um assunto cada vez mais interessante e popular, principalmente na comunidade negra por causa do afrofuturismo, e um tema que abre caminhos para diversos pontos de vista e possibilidades de criação –, e era escrito por uma mulher negra e baiana – portanto bastante marginalizada nas questões literárias não só dá época, como também na atualidade – as possibilidades de agir no fazer editorial e, de certa maneira, prestar respeito aos mais velhos honrando a memória se tornaram muito palpáveis.

A menção ao livro veio a partir de uma *thread* na rede social Twitter no começo de 2021, na qual a usuária @sailorlenin, ou G. G. Diniz, escritora e uma das pessoas idealizadoras do movimento *sertãopunk*², mencionou a obra *A Mulher de Aleduma*. Em seus *tweets*, a autora comentava como escritoras normalmente são apagadas da história da ficção brasileira, principalmente tratando-se de pessoas negras e fora do eixo Rio-São Paulo, polos privilegiados. O comentário tinha um tom de denúncia sobre como esse tipo de situação se mostra prejudicial e violenta para as pessoas e para a própria história dos movimentos dos quais essas autoras participam e participaram, uma vez que as questões

² Sertãopunk é um movimento que surge por idealização dos escritores Alan de Sá, Alec Silva e G. G. Diniz, com a intenção de dar protagonismo para autores de cada um dos nove estados do nordeste, pautando-se pelas bases do realismo mágico, do solarpunk e do afrofuturismo.

encenadas em suas narrativas seriam deixadas de lado, como se não fossem tão importantes para a literatura contemporânea e geral quanto outras.

Esse pensamento é como uma denúncia de uma realidade bem conhecida, na qual se vê que, para além dos méritos artísticos, para sua obra ser considerada de qualidade, ser positivamente criticada e possuir chances de ser republicada, você só precisa ser branco, ter conexões com pessoas relativamente relevantes no mercado editorial e ser sudestino³. É possível, então, inferir que a obra de Aline França merece um novo cuidado editorial, unindo esforços com outras pesquisas, para que essa voz não perca sua potência como tantas outras perderam. Esse cuidado se refere a exploração da obra em sua integralidade, entendendo o contexto em que ela surge, resgatando conteúdos e pessoas que a atravessam, mas, acima de tudo, o cuidado tem em sua base o respeito presente em todas as etapas.

Dessa maneira, o presente trabalho se dividirá em três momentos: no primeiro, será abordado o contexto em que se dá a publicação de pessoas negras, como isso acontecia antigamente e como ocorre nos dias atuais, além de explicar sobre publicações de ficção especulativa e sobre o afrofuturismo, gênero de potencial múltiplo; no segundo, a obra *A Mulher de Aleduma* será analisada, fornecendo informações filológicas, com explicações sobre a autora e a importância do texto por meio de um parecer crítico; por fim, na última parte, o projeto gráfico para a obra será apresentado, justificando cada escolha, desde o formato até as ilustrações, em relação às edições anteriores.

³ Palavra nova reconhecida pela Academia Brasileira de Letras, que diz respeito a algo que é do Sudeste do Brasil, próprio dessa região ou de seu povo. Para mais informações, acessar: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sudestino>. Acesso em: 15 jun. 2023

O Mercado Editorial Brasileiro

A Importância do Recorte Racial

A história da literatura brasileira teve muitos movimentos representativos que são identificáveis conforme os períodos históricos em que se inserem, como aquele que se convencionou chamar de Barroco, com seu grande jogo de palavras em textos considerados rebuscados; o Romantismo, com uma forte carga nacional que elegeu o indígena idealizado como o grande herói; e o Romance de 1930, que, em certa medida herdeiro das experimentações estéticas do Modernismo de 1922, debruçava-se sobre a realidade nacional⁴. No mesmo sentido, cada movimento contou com um autor conhecido que, de certa maneira, representou bem as particularidades literárias de cada momento: para o Barroco temos o padre Antônio Vieira; para o Romantismo, José de Alencar; e para o Romance de 1930, Jorge Amado. Tais nomes são importantíssimos para a construção literária brasileira, que criam um padrão a ser observado pelas gerações futuras e que servem de base para estudos sobre as diversas ramificações.

T. S. Eliot, em seu texto sobre “Tradição e Talento Individual”, no livro *Ensaios*, disse que “A crítica é tão inevitável quanto o ato de respirar”⁵ e que, dessa forma, a busca pela “tradição literária” deve ser cautelosa, e ser desestimulada a intenção de manter o mesmo tipo de arte em produção. Um artista incluso num meio inserirá sua arte num todo e, ao comparar e fazer contraste com outras, poderá fazer algo novo surgir. Essa novidade para Eliot é como “o passado sendo modificado pelo presente, tanto quanto o presente sendo orientado pelo passado”⁶. Isso se conecta bem ao que refletiu Ítalo Calvino em *Por que Ler os Clássicos*⁷, no sentido de que esses autores e marcas históricas devem ser lidos pelas novas gerações, porque é assim que o pensamento crítico se desenvolve. Em outro texto, Eliot enfatiza que a crítica não seria uma atividade autotélica, destituída de uma função delimitada ou que se definiria em si mesma⁸, mas algo que cumpre diferentes funções mediante o uso de várias teorias de valor, com o objetivo de elucidar as obras de

⁴ CUTI. *Literatura Negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 16.

⁵ ELIOT, T. S. *Ensaios*. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 38.

⁶ *Ibidem*, p. 40.

⁷ CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸ ELIOT, T. S., *op. cit.*, p. 51.

arte e corrigir o gosto dos apreciadores. No entanto, Eliot sinaliza que muitas vezes esse objetivo não ocorre de forma pacífica, já que existem divergências e oposições entre os críticos, muito provavelmente porque os fatos são corrompidos pelo gosto pessoal, de modo a beneficiar determinada posição em detrimento de outra.

Essas informações servem de base para que se pense um pouco na produção e publicação literária nacional de pessoas negras no Brasil. Ainda que existam escritores negros importantes e publicados, nomes como Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus, Solano Trindade e tantos outros, e que cada um, à sua maneira, tenha trabalhado a questão do negro na sociedade brasileira, não é possível afirmar que tinham o que Eduardo Assis Duarte diz constituir a literatura afro-brasileira, ou seja, “textos que apresentam temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor culturalmente identificados com a afrodescendência como fim e começo”⁹.

Em outras palavras, a literatura deveria considerar o afrodescendente como centro da narrativa, não um sujeito marginalizado, como aponta Regina Dalcastagnè em sua pesquisa sobre a narrativa contemporânea brasileira¹⁰. Nesses casos, a autoria, de forma bastante explícita, seria “uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro”, portanto, que o objeto de escrita representa uma perspectiva histórica e cultural sobre a população negra, no que tangem seus costumes, pensamentos e até mesmo a linguagem, quase como uma escrevivência. O leitor é então a última instância, como um público específico, que se identificaria e passaria a não apenas aprender, como também entender criticamente as nuances sobre as questões étnicas e raciais além das qualidades estéticas presentes nos textos.

Octavia E. Butler diz que começou a escrever sobre poder porque era algo que ela tinha muito pouco¹¹, o que dialoga bastante com o que escreveu Cuti, em seu livro *Literatura Negro-brasileira*¹², “falar e ser ouvido é um ato de poder”; a relação do autor negro com a produção editorial é bastante desbalanceada e defasada. A pesquisa *Panorama Editorial da Literatura Afro-brasileira Através dos Gêneros Romance e*

⁹ DUARTE, E. Literatura Afro-brasileira: Um Conceito em Construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 31, p. 11-23, 2011, p. 2.

¹⁰ DALCASTAGNÈ. A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, p. 13-71, 2011, p. 15.

¹¹ BUTLER. *Kindred: Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2019, p. 13.

¹² CUTI. *Literatura Negro-brasileira*, p. 47.

*Conto*¹³, que tem a intenção de “analisar as dinâmicas editoriais e sociais que viabilizaram o surgimento, a produção e a circulação de livros de contos e romances escritos por autores afro-brasileiros”, elaborada por Luiz Henrique de Oliveira e Fabiane Rodrigues, faz uma análise de publicações de autoria negra em editoras tradicionais, entre os anos 1839 e 2016. Os pesquisadores concluíram a pesquisa com 88 contos, de 42 escritores, e 61 romances, de 29 escritores. Em um país que prega a “democracia racial”, é no mínimo estranho que seja tão baixa a produção editorial negra, ainda que essa análise se paute por um recorte de tempo e canal de publicação. Abdias Nascimento diz em seu livro *O Quilombismo* que esse discurso falso democrático ainda é “invocado para silenciar os negros, significando opressão individual e coletiva do afro-brasileiro”¹⁴.

É claro que quando falamos em produção editorial, também temos que pensar na forma que a população negra teve acesso à educação. Se pensarmos em 1839, primeiro ano da pesquisa, muito antes da abolição da escravatura, a educação para afro-brasileiros era quase inexistente, com exceção de alguns casos, como de Francisco de Paula Brito¹⁵ e Maria Firmina dos Reis¹⁶. Anos depois, os sistemas de ensino para a população geral foram pensados em formar mão de obra útil para trabalhos que exigiam conhecimento técnico, mas não pensamento crítico. Ainda assim, esse modo de pensar, como concluem Oliveira e Rodrigues, pautou-se na resistência, ou com movimentos intelectuais negros que se reuniam para estudar e reivindicar suas próprias questões, como o Movimento Negro Unificado e o Quilomboje, ou em movimentos centrados na recuperação do passado, das tradições culturais, com destaque para as religiões de matriz africana, os sambas e suas escolas, além de projetos e as histórias transmitidas de geração a geração, como a Cantina da Lua e locais como a Comunidade de Jongo Dito Ribeiro.

Mesmo com a presença de ações articuladas pelo movimento negro, como a Imprensa Negra e os Cadernos Negros, que existem até hoje, não podemos afirmar que existiu um incentivo institucional, pensando em ações governamentais, para que essa população pensasse criticamente, muito menos para que passasse a produzir sua própria literatura. E, se uma população não escreve, ela não pode se inserir ou estar inserida em

¹³ OLIVEIRA; RODRIGUES. Panorama Editorial da Literatura Afro-brasileira Através dos Gêneros Romance e Conto. *Em Tese*, v. 22, n. 3, p. 90-107, out. 2017.

¹⁴ NASCIMENTO. *O Quilombismo*: Documentos de uma Militância Pan-africanista. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019, p. 93.

¹⁵ HALLEWELL. *O Livro no Brasil*: Sua História. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

¹⁶ REIS. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.

uma tradição, como a descrita por T. S. Eliot, que se alimenta e forma teorias de valor, muito menos ocupar um local de destaque para que críticas, positivas ou negativas, sobre suas produções sejam feitas. A cultura escrita se mantém, então, restrita a um pequeno grupo de pessoas.

Assim, falar sobre as publicações negras brasileiras se revela um assunto que merece atenção, para que Aline França e tantos outros, que escreveram antes e depois dela, assumam um destaque maior que apenas os pontos fora da curva e para que assim constituam esse *corpus* de literatura, que pode ser estudado e criticado de acordo com parâmetros além dos considerados tradicionais.

Publicações de Autores Negros

Laurence Hallewell afirma que “é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros”. E ele complementa dizendo que “o livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos”¹⁷. Se sabemos como uma parcela da elite do Rio de Janeiro era em 1940, foi também por influência de autores do teatro e do folhetim, como Nelson Rodrigues. Se entendemos como era a São Paulo de 1955 para Carolina Maria de Jesus, foi porque ela nos apresentou suas escrevivências¹⁸ com seus diários. Com tudo isso em mente, quando Roberto Calasso diz que uma editora é “um ramo secundário da indústria no qual se tenta fazer dinheiro publicando livros”¹⁹ e André Schiffrin afirma que o modelo de lucros do capitalismo, a partir da segunda metade do século XX, influenciou muito a produção de livros, na qual editores passaram a se adequar mais a essa lógica de procurar sempre as obras que poderiam se tornar *best-sellers*, ou mais vendáveis, com a finalidade de trazer lucro para a empresa²⁰, podemos entender de forma simples que há procura por diversos conteúdos e que todos movimentam o mercado.

No entanto, até pouco tempo, a majoritária presença de apenas um tipo de público consumidor e, de certa maneira, um único tipo de produtor, combinado aos valores que

¹⁷ HALLEWELL, *op. cit.*, p. 31.

¹⁸ EVARISTO. A Escrevivência e seus Subtextos. In: DUARTE; NUNES (org.). *Escrevivência: A Escrita de Nós: Reflexões sobre a Obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

¹⁹ CALASSO. *A Marca do Editor*. Belo Horizonte, Editora Áyiné, 2020, p. 83.

²⁰ SCHIFFRIN. *O Dinheiro e as Palavras*. São Paulo, BEI Comunicação, 2011, p. 26.

eles prezavam, muitas vezes elitistas, autocentrados e com a intenção voltada apenas para os lucros, fizeram com que muitas características da edição de livros se perdessem, a bibliodiversidade foi uma delas. Bibliodiversidade é um termo explicado pela professora Marisa Midori Deaecto, que diz respeito “ao funcionamento máximo da cadeia [de livros], abarcando os mais diferentes circuitos de [sua] produção”²¹, ou seja, essa cadeia que contempla a existência de uma diversidade cultural de livros e outros produtos editoriais desde o autor até o leitor final.

De certa maneira, a falta de bibliodiversidade, nesse caso as poucas publicações de autores negros para o grande público, pode ser explicada também pelo racismo. Mais especificamente pela tentativa de silenciar vozes negras. Afinal, se não isso, como se explica que só recentemente os textos das mais velhas tenham ganhado popularidade? Como pode bell hooks só ter um de seus livros mais marcantes, o *Ain't I a Woman?*, traduzido para o português apenas trinta anos depois de sua publicação original?²² Ou como pode Lélia Gonzales produzir um material importantíssimo para o pensamento intelectual negro e ter seus textos organizados apenas muitos anos após sua morte?²³ Ou ainda como pode Conceição Evaristo ser uma das maiores escritoras contemporâneas, com uma contribuição literária potente a partir de sua escrivivência, conseguir sua visibilidade apenas dentre os seus?²⁴

Em um artigo, Anselmo Peres Alós e Jefferson Paim Luquini chegam a questionar: “A quem interessa o que escritores negros têm a dizer?”²⁵ Quem está disposto a ouvir uma subjetividade negra?”. A ativista Winnie Bueno, em seu livro *Por que Você Não Acredita em Mim*, afirma que se hoje reconhecemos a importância das vozes negras nos locais “é porque intelectuais negros não mediram esforços para fazer circular o pensamento produzido por essas e outras pessoas negras”²⁶. Fala comprovada por

²¹ DEAECTO. Diversidade em Ciência#39: Marisa Midori fala sobre Bibliodiversidade e História do Livro. *Podcast Diversidade em Ciência*. Rádio USP, 8 jun. 2022.

²² SILVA; OHMER. Resenhando Autoras Negras: Feministas, Plurais e Diaspóricas. *ReDoC (Revista Docência e Cibercultura)*, v. 3, n. 3, 2019.

²³ GONZALEZ, Lélia. *Lélia Gonzalez: Primavera para as Rosas Negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

²⁴ EVARISTO. “Quem me Colocou em Visibilidade Foi o Movimento Negro”, diz Conceição Evaristo”. Entrevista concedida a Mariana Quadros. *Portal Geledés*, 6 jul. 2021.

²⁵ No texto original os autores falam especificamente sobre escritoras negras, mas para o contexto deste texto entende-se que a exclusão ocorreu com autores negros independente de gênero. Para mais informações: LUQUINI; ALÓS. A Voz da Mulher em Terra Negra: Feminismo Negro e Mercado Editorial na Poesia de Cristiane Sobral. *Revista Crioula*, [S. l.], v.1, n. 22, p. 221-242, 2018.

²⁶ BUENO. *Por que Você Não Acredita em Mim*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2023, p. 88.

diversas pessoas e pelo Movimento Negro Unificado, que, inclusive, fazia reivindicações para que uma reavaliação do que se entendia pela cultura negra fosse feita²⁷.

Esse tipo de ação culminou – depois de muitas revisões e insistência – na criação da Lei 10.639 em 2003, que estabeleceu novas diretrizes e bases da educação nacional, segundo o texto do § 1º e do § 2º do Artigo 26-A:

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.²⁸

O potencial dessa lei, segundo o pesquisador Amilcar Araujo Pereira²⁹, seria “promover a construção de uma prática docente que questione preconceitos e que seja pautada pelos princípios da pluralidade cultural e do respeito às diferenças”. Mas, como é sabido, nem mesmo uma lei pode transformar uma prática de uma hora para a outra. Mesmo que a adoção de livros diversos no contexto escolar possa refletir uma certa diversidade quando se fala na produção para mercado – visto que muitas editoras se adequaram ao que a lei afirma e o que público deseja e tenham optado por fazer a publicação das obras tanto em editais governamentais, como o PNLD³⁰, quanto para trade, vendas ou negociação para o grande público –, não é possível dizer que todos os livros hoje publicados se enquadram na questão da agência e do protagonismo negro.

Sheila Gonçalves e Priscila da Silva apontam, em seu artigo de 2019³¹, algumas das dificuldades da implementação da Lei 10.639. Segundo elas “os conteúdos ainda estão presos à visão eurocêntrica da contribuição do negro e do indígena na construção

²⁷ MOVIMENTO Negro Unificado. *Carta de Princípios MNU*. 18 jun. 1978. Disponível em: <https://mnu.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CARTA-DE-PRINC%C3%8DPIO-MNU-1.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2023.

²⁸ BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Diário Oficial da União*, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 4 jun. 2023.

²⁹ PEREIRA. A Lei 10.639/03 e o Movimento Negro: Aspectos da Luta pela “Reavaliação do Papel do Negro na História do Brasil. *Cadernos de História*, [S. I.], v. 12, n. 17, p. 25-45, out. 2011.

³⁰ Programa Nacional do Livro Didático.

³¹ GONÇALVES; SILVA. As Dificuldades da Implantação da Lei 10.639/2003 e Algumas de suas Implicações. *CSONLINE – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. [S. I.] n. 28, 2019.

do Brasil. Tanto o negro quanto o [indígena] não são tratados como protagonista de suas histórias”, o que leva a diversos docentes e alunos a procurarem seus próprios materiais³² para se inteirarem sobre o que dizem escritores e escritoras negras sobre si mesmos.

Esse tipo de busca por algo que não está no popular, no *mainstream*, é bastante comum quando falamos de publicações negras e de outras pessoas marginalizadas, além de pessoas com interesses em assuntos nichados. O que resulta então é na publicação independente, um tipo de publicação nem sempre bem viabilizada, divulgada ou apreciada, mas que existe e resiste em sua bibliodiversidade. Schiffrin explica que são essas editoras independentes que publicam “as traduções difíceis, os livros complexos de não ficção, os autores novos e não testados”. Ele completa dizendo, talvez de uma maneira um tanto idealista e romântica, que essas editoras “sobrevivem de coragem e auto sacrifício”³³.

É importante especificar aqui a expressão “editora independente”. Para este texto, a definição abarca casas editoriais pequenas que não competem com grandes conglomerados e funcionam como ponte de organizações e coletivos. Esse tipo de editora existe há muito tempo, sendo organizadas mesmo quando a publicação de produtos editoriais era mais difícil, pelas questões gráficas, financeiras, entre tantas outras. Felizmente, com os avanços gráficos, muitas dessas produções estão presentes hoje em livrarias especializadas, em “*e-commerce* [comércio na internet] próprio, feiras de publicações e outras iniciativas que, se desestabilizam a cadeia editorial tradicional, as colocam em relação direta como seus leitores”³⁴. Como exemplos é possível citar: a Organização Clarindo Silva, ou Projeto Cultural Cantina da Lua (não mais ativa como espaço editorial), a publicação Cadernos Negros – ainda ativa –, organizada pelo coletivo Quilombhoje, mais recentemente as Editoras Kitembo e Mostarda, assim como grupos nichados e organizados em seus próprios interesses literários.

São, como Paulo Verano chama, *brechas* e *contrabrechas*, em um mercado cada vez mais competitivo. Essas ramificações, por assim dizer, motivadas pela vontade de

³² Com ações como as dos organizadores do projeto “Tem Cor no Ensino”. Mais informações em: <https://negre.com.br/tem-cor-no-ensino-um-projeto-sobre-visibilidade-negra/> e no Instagram: <https://www.instagram.com/temcornoensino/>.

³³ SCHIFFRIN, *op. cit.*, p. 33.

³⁴ VERANO, Paulo. Entre as Corporações e os Caminhos Independentes: O Mercado Editorial em Tempos Ambivalentes. In: DEAECTO, Marisa Midori *et al* (orgs.). *Bibliodiversidade e Preço do Livro. Da Lei Lang à Lei Cortez*: Editorial (1981-2021). São Paulo: Ateliê Editorial, 2021, p. 162.

criar e de chegar até um público, motivam o mercado a se expandir tecnologicamente e em quantidade de pessoas que tem acesso. Isso significa que são “novos atores no mercado, novos pensares, novos fazeres”³⁵.

Esses exemplos parecem servir para mostrar que existe e sempre existiu o público e a demanda para publicações de pessoas negras, de todos os tipos, do texto acadêmico ao infantil, até mesmo porque, se não fosse essa realidade, todas essas empreitadas não teriam se sustentado. Assim, reconhece-se a importância de publicações independentes, mas reforça-se que o racismo editorial ainda existente nas grandes editoras pode explicar a falta de bibliodiversidade nas suas publicações.

Ficção Especulativa e Afrofuturismo

Se a produção de livros fala muito sobre a realidade de uma sociedade, os textos literários falam muito mais, com destaque para clássicos, como *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, *O Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus, ou contemporâneos, como *O Avesso da Pele* de Jeferson Tenório ou *Pequena Coreografia do Adeus* de Aline Bei. Trata-se de pequenas partículas de tudo que se pode conseguir por intermédio da ficção. Temas importantes para a sociedade podem ser discutidos; vidas, representadas; reflexões, feitas; e diferentes perspectivas de realidade, analisadas.

A ficção se mostra bastante significativa independentemente da forma por meio da qual é explorada. Para colaborar com tal pensamento, a leitura de Umberto Eco, em seu livro *Seis Passos pelos Bosques da Ficção*, ajuda a entender que há duas maneiras de percorrer um bosque ou uma obra literária: a primeira é experimentando caminhos possíveis; a segunda é andar e descobrir possíveis trilhas, percebendo se são acessíveis ou não³⁶. Esses “caminhos possíveis” podem ser entendidos como os gêneros literários, que são vários e muitas vezes se unem em suas definições; já as “trilhas” podem ser tomadas pelas estratégias narrativas que o leitor se permite explorar para dar sequência no texto. Isso significa que o leitor tem liberdade para explorar o texto da maneira que ele achar melhor.

³⁵ *Idem*, p. 164.

³⁶ ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 33.

Assim, quando pensamos em obras como *Nós Somos a Cidade*, de N.K. Jemisin³⁷, ou *A Mão Esquerda da Escuridão* de Ursula K. Le Guin³⁸, ou ainda *A Viúva de Ferro* de Xiran Jay Zhao³⁹, percebemos que existem entre elas diferentes abordagens de um mesmo gênero. São diferentes perspectivas que convergem para aquilo que podemos chamar de ficção especulativa, que é explicado por Cláudio Braga em um artigo sobre o tema e sua união com o feminismo literário. Ele diz:

[...] a ficção especulativa lança mão, dentre vários mecanismos, de tempos, espaços e conjunturas com regramentos que extrapolam o convencional, de maneira que sua leitura conduza à problematização do *status quo* e à reflexão sobre ordenamentos sociais alternativos às realidades de leitoras e leitores, abrindo, assim, brechas para revisões daquilo que aparenta ser inerente ao mundo contemporâneo⁴⁰.

E ainda completa ao dizer que:

[...] [algumas] narrativas então poderiam ser chamadas de especulativas, desde que trouxessem em suas premissas as noções do “suponha que” ou o famoso questionamento “o que aconteceria se...?”⁴¹

Certas questões podem facilmente ser encontradas nas obras supramencionadas. Em *Nós Somos a Cidade* o mote narrativo parte da especulação a respeito de o “que aconteceria se a cidade de Nova Iorque, conhecida por sua multiculturalidade, fosse viva e estivesse sobre ataque de um ser ultradimensional, contando apenas com um grupo de pessoas muito diferentes e nem um pouco amigáveis para ser defendida?”. Em *A Mão Esquerda da Escuridão*, tem-se o seguinte questionamento inicial: “suponha que um homem partisse para uma missão em um planeta no qual as pessoas que vivem ali não são definidas pelo seu gênero, como ele se entenderia nesse lugar? O que seria gênero para ele?”. Já em *A Viúva de Ferro*, conjectura-se: “suponhamos que uma mulher seja mais forte que um homem, seria ela facilmente respeitada em uma sociedade machista? Ou ela teria que destruir a organização dessa sociedade para isso?”.

³⁷ JEMISIN. *Nós Somos a Cidade*. São Paulo: Suma, 2021.

³⁸ LE GUIN. *A Mão Esquerda da Escuridão*. São Paulo: Aleph, 2019.

³⁹ ZHAO. *Iron Widow*. Toronto: Penguin Random House, 2021.

⁴⁰ BRAGA. “The Visit” (2021), de Chimamanda Ngozi Adichie: Feminismo Literário e Ficção Especulativa. *Ilha do Desterro. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. Santa Catarina, v. 76, n. 1, 2 mar. 2023, p. 60.

⁴¹ *Ibidem*, p. 61.

Pode não parecer em um primeiro momento, mas todas essas histórias exploram características da realidade, seja socialmente ou historicamente, de uma forma diferente daquela a que estamos acostumados com ficção literária, uma maneira mais abstrata e, por conseguinte, mais ampla.

É com essa base de exploração alternativa que encontramos outro caminho nesse bosque ficcional. Entende-se que, por algumas vezes, os termos são limitantes, e outras, como diz Waldson de Souza, “temas e elementos sobrenaturais por si só nem sempre são suficientes para definir o gênero de uma obra especulativa”⁴². Às vezes uma característica ou outra pode gerar confusão, como em *A Viúva de Ferro*, em que temos simultaneamente robôs e magia, fazendo com que a obra se encaixe tanto em ficção científica quanto em ficção especulativa⁴³.

No entanto, os termos em alguns casos garantem protagonismo, quer para quem escreve, quer para quem a história é escrita. Trata-se do caso do Afrofuturismo. Em termos práticos, é possível afirmar que as obras que têm elementos afrofuturistas trazem elementos da ficção especulativa, mas nem toda a obra afrofuturista é ficção especulativa. Para explicar, precisamos entender que a “produção literária de negros e brancos tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, [ou seja] pelo lugar socioideológico de onde esses produzem”⁴⁴. Assim, o afrofuturismo tem suas marcas diferentes da ficção especulativa, ainda que esteja inserida nela.

O termo Afrofuturismo surge em primeiro momento com Mark Dery, uma pessoa branca, que em sua pesquisa procurou entender por que poucas pessoas negras escreviam sobre ficção científica, já que se tratava de um gênero que falava tanto sobre a outrificação⁴⁵. Nessa pesquisa ele entrevistou o escritor Samuel R. Delaney, o crítico Greg Tate e a socióloga Tricia Rose, todos negros. Foram várias as respostas que ele recebeu,

⁴² SOUZA. *Astrofuturismo: O Futuro Ancestral na Literatura Brasileira Contemporânea*. 2019. 102 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019, p. 13.

⁴³ Esta investigação não discutirá essa diferenciação em específico, mas o artigo de Cláudio Braga, já mencionado, faz um ótimo trabalho ao definir cada um dos gêneros.

⁴⁴ CUTI, *op. cit.*, p. 33.

⁴⁵ Termo que se refere ao olhar estrangeiro que aplicam sobre o corpo fora do padrão estabelecido na sociedade. Se o padrão é branco, tudo aquilo que foge dele, vira o outro, passando a ser suscetível a todo tipo de ação sobre seu corpo, sem autonomia. Algo que concorda com o que bell hooks, quando ela diz que a outridade é um “ponto de vista do patriarcado supremacista branco capitalista, a esperança é que os desejos pelo ‘primitivo’ ou fantasias sobre o Outro possam ser exploradas de modo contínuo, e que tal exploração ocorra de uma maneira que reforce e mantenha o *status quo*”. (HOOKS. *Olhares Negros: Raça e Representação*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 58).

as quais colaboram com a ideia que ele apresenta desde o início do artigo: “*Black people live the estrangement that science fiction writers imagine*” (“pessoas negras vivem a marginalização que escritores de ficção científica imaginam”, trad. livre)⁴⁶.

Ao longo dos anos, percebeu-se que, na mesma época de Dery, as produções de pessoas negras com aspectos do Afrofuturismo já eram observadas por outros pensadores, seja na escrita, com obras como *Homem Invisível* (1952), de Ralph Ellison⁴⁷, que com o uso de metáfora retrata a invisibilidade da pessoa negra em uma sociedade racista; na música, com artistas como Sun Ra ou Itamar Assumpção, ambos brincando com uma estética alternativa e futurista, entre outros. Então, pode-se dizer que o termo Afrofuturismo parte de um conjunto de reflexões, informação colaborada por Tricia Rose na entrevista para Dery quando diz:

mesmo que a maioria das pessoas não tenham o poder de transformar estruturalmente o mundo que vivem, muitos tentam respostas microscópicas para as coisas que surgem no horizonte⁴⁸.

Assim, é possível entender que essas pessoas perceberam nesse gênero uma oportunidade de reimaginar futuros nos quais pessoas negras tivessem sua humanidade reconhecida por eles mesmos, além de poder discutir suas questões mais importantes, com protagonismo, participando da cultura, – com arte, musicalidade, ou ao entender a própria relação com as religiões, observando os encontros entre as crenças da diáspora – , bem como testando sua própria relação com a imaginação e com a organização de mundos por meio da escrita acadêmica ou literária, nesse último caso, mesmo que os planetas nem sempre existissem⁴⁹.

No entanto, não é só de “humanidades” e de “especulações” que o Afrofuturismo se mantém. Como explica Edson Rangel, a variável econômica também se mostra relevante para o tema, uma vez que o mundo se encontra num cenário globalizado⁵⁰. Ou

⁴⁶ DERY. Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. In: DERY (org.). *Flame Wars: The Discourse of Cyberspace*. Durham: Duke University Press, 1994, p. 212.

⁴⁷ ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

⁴⁸ No original: Although most people do not have the power to structurally transform the worlds they live in, many attempt microscopic responses to things that appear in their landscapes. DERY, *op. cit.*, p. 213.

⁴⁹ Um exemplo é a trilogia Xenogênese de Octavia E. Butler, na qual ela destrói o planeta e leva alguns humanos ou memórias deles nos DNAs, e recria uma comunidade liderada por uma mulher negra e seus companheiros alienígenas.

⁵⁰ RANGEL. Afrofuturismo e Questões Políticas do Negro na Ficção Científica. *Revista de Audiovisual Sala 206*, [S. I.] n. 5, ago. 2016.

seja, estar inserido nas discussões sobre quais são as atualizações possíveis na tecnologia, nos investimentos e nos locais em geral faz com que os grupos que estão ativos nesses debates sejam capazes de se afirmar como presentes, e isso representa poder para produzir um futuro em que eles mesmos estejam inseridos, para além do campo da imaginação, sem precisar de outros para definir como eles podem existir.

Por ser um movimento novo, ganhando atenção de escritores, artistas e pessoas no geral há pouco tempo, principalmente no Brasil, ele ainda pode e deve ser muito questionado, analisado e modificado. É importante que isso aconteça, para que não se engesse, ou pior, fique marginalizado como apenas algo que só importe a um pequeno grupo de pessoas. Faz-se preciso entender que ao reimaginar a vida de pessoas negras, o Afrofuturismo dá destaque para questões do presente que precisam ser pensadas e mudadas para um futuro melhor. Porque, como Souza afirmou, “O presente é futuro em relação ao passado, para pessoas negras é também projeção coletiva”⁵¹.

⁵¹ SOUZA, *op. cit.*, p. 93.

Resgate da Obra

Informações Filológicas

De forma breve podemos entender a filologia como um processo de resgate de uma obra em seus mais diversos estágios, sejam eles editoriais, físicos ou imateriais⁵². Quando falamos dos estágios editoriais, podemos pensar nos processos de edição que o livro sofreu, assim como a aferição de suas cópias existentes. Para os aspectos físicos, avalia-se a qualidade dos papéis utilizados tanto na capa quanto nos miolos, assim como os cuidados com o projeto gráfico em cada edição, indo desde a organização das margens do arquivo até a tipologia utilizada. Já para os imateriais aparecem tanto questões como o contexto social de produção da obra quanto a recepção pelo público e pela crítica.

Iniciando pelas questões editoriais, existem duas versões da obra *A Mulher de Aleduma*, datadas de 1981 e 1985. A primeira foi uma edição subsidiada pelo Organização Clarindo Silva, uma organização cultural ainda viva nos dias de hoje, sediada no Restaurante Cantina da Lua, no Centro Histórico de Salvador. Segundo a filóloga Rosinês Duarte⁵³, tal fundação não tinha objetivo de agenciar a edição de livros e só houve a criação de um selo editorial para viabilizar a publicação de autores rejeitados pelas editoras baianas. Ela ainda afirma que a edição de 1981 foi feita de modo improvisado e com poucos recursos, o que resultou em alguns problemas no texto, principalmente na parte da revisão textual e aferição das repetições de trechos. Já a segunda, sabe-se que foi publicada pela editora Ianamá, que realizou um trabalho editorial um pouco mais organizado, com revisão de texto e organização de capítulos.

Ambas as edições podem ser encontradas em bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a primeira na Biblioteca do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO-UFBA) e a segunda na Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa. São poucas as edições encontradas em circulação atualmente; mesmo assim, em seu artigo, Duarte diz que a circulação do romance na década de 1980 foi bastante expressiva em seu primeiro

⁵² DUARTE, R. “Gestos de Escritas de Mulheres Negras na Bahia dos anos 80”. In: LOSE; MAGALHÃES; MAZZONI (org.). *Paleografia e suas Interfaces*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021, p. 445.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 448-449.

lançamento no Instituto de Geociências da UFBA, durante o Encontro de Entidades Negras da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que ocorreu no dia 11 de julho de 1981⁵⁴. Já a segunda edição teve dois locais de lançamento, na sede do bloco Ilê Aiyê e no Teatro Castro Alves, ambos em Salvador. Todavia, não foi possível identificar a data exata dos eventos além do ano 1985.

Passando para o resgate imaterial, para Duarte, o contexto de escrita de *A Mulher de Aleduma*, encontra-se no final dos anos 1970, época em que o movimento negro brasileiro tomava maiores proporções, liderado por grandes nomes como o bloco Ilê Aiyê, Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez e Luiz Silva Cuti, entre tantos outros. O fato foi corroborado por Amilcar Araujo Pereira em sua tese de doutorado, em que aponta que foi no final de 1978 o momento em que aconteciam muitas assembleias do Movimento Negro Unificado (MNU). As ideias que essas reuniões traziam falavam muito sobre transformações sociais, sobre “uma nova sociedade onde todos realmente participassem”⁵⁵.

Essa movimentação provavelmente inflou os ânimos de Aline França, que era jovem e vivia durante a ditadura militar, e, talvez inspirada por essas discussões, escreveu o romance. No seu artigo, Duarte afirma que a tiragem, embora pequena, foi o suficiente para que fosse conferido à obra e à autora reconhecimento internacional, o que a levou a participar de eventos literários, dar entrevistas e ter suas edições circulando no exterior.

A Autora

Nascida em 15 de fevereiro de 1948⁵⁶, em Teodoro Sampaio, Bahia, Aline dos Santos França começou a escrever ainda criança, enquanto acompanhava os pais agricultores na plantação e na colheita. Possuidora de uma mente muito fértil, França nunca parou de criar e inventar, mesmo que sua mãe tenha aconselhado a parar. Na

⁵⁴ Para mais informações: <https://memorialcantinadalua.com.br/1981-2/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

⁵⁵ PEREIRA. “O Mundo Negro”: A Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 p. Tese (Doutorado em História) –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 102.

⁵⁶ Informações coletadas tanto no Literafro, o portal da literatura afro-brasileira do departamento de Letras da UFMG, quanto na entrevista concedida pela autora a Jorge de Souza Araujo e no próprio blog da autora. Informações disponíveis em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/527-aline-franca>; <http://editorasegundoselo.com.br/loja/revista-organismo/revista-organismo-n0/>; e <http://mulherdealeduma.blogspot.com/>, Acessos em 25 jun. 2023.

década de 1970, após prestar concurso público, foi aprovada para trabalhar na Universidade Federal da Bahia como secretária em um departamento.

Durante esse período, foi muito influenciada por escritores e movimentos nos quais a negritude e a valorização do povo africano eram presentes. Assim, em 1978, escreveu a novela *Negão Dony*, com protagonismo negro e que narra a história de um funcionário do manicômio do Estado, que também é profundo conhecedor das tradições do candomblé.

Tempos depois, foi eleita em Salvador – BA como suplente de um vereador pelo PMDB-BA. Uma vez que buscava conhecer melhor a realidade baiana e do espaço onde vivia, passando a ter uma outra visão a propósito dos compromissos sociais de seu povo, Aline França entendeu que a denúncia pura não ajudava a solucionar as discriminações raciais e que as “lamentações” não resolveriam os problemas básicos da população brasileira, em especial a negra, tais como a falta de moradia, o acesso aos sistemas de educação ou de saúde, entre outros.

Por isso, além de desenvolver essa visão política, a autora voltou a escrever sobre temas ligados ao mundo negro. Mas não apenas sobre a realidade, seu foco era projetar um futuro diferente, produto da sua mente imaginativa. Assim, em 1981, publicou a primeira edição de *A Mulher de Aleduma*. Também participou da antologia *Dicionário de Escritores Baianos*, com o texto “Mensagens dos Nossos Ancestrais”, e integrou a comissão julgadora do Miss Afro-Bahia (1982) e do Festival de Música Popular (1985), produzindo e dirigindo espetáculos populares.

Após a repercussão de suas obras na mídia, participou de inúmeros debates sobre a mulher e o negro na literatura afro-brasileira no Brasil e no exterior. Também deu entrevistas a jornais e revistas, como a nigeriana *Ophelia*, publicada em língua inglesa e de circulação internacional, a qual se referiu a Aline França como uma das precursoras da literatura contemporânea, no gênero “ficção em estilo surrealista”.

O terceiro livro publicado por França, no ano de 1995, foi *Os Estandartes*, que descreve a cultura de um povo denominado fortiafri e os mistérios dos seus estandartes, ao mesmo tempo em que apresenta um olhar futurista sobre o cuidado com a natureza e a memória de um povo. A obra foi adaptada para o teatro e apresentada durante as comemorações pelos 300 anos de Zumbi dos Palmares. Em 2005, França publicou sua

obra *Emoções das Águas*, que também foi adaptada ao teatro com o nome *As Fontes Antigas de Salvador e Seus Convidados*

Pouco se sabe sobre a vida atual da autora. Em fevereiro de 2009, ela criou um blog para registrar na internet suas obras, marcando a existência de cada uma com recortes de jornais, citando entrevistas, anúncios e textos que outras pessoas escreveram para os livros, incluindo ali também o prefácio da edição de 1985, escrito pelo professor Edvaldo Brito⁵⁷. Navegando na internet, é possível encontrar a participação de França em um evento de 2019 chamado FLITEN – Festa Literária de Terra Nova⁵⁸, em Terra Nova na Bahia. O evento, que tinha Aline França aos 71 anos como uma das convidadas homenageadas, apresentava o tema: “Negritude: A Beleza em Ser Quem Somos”. Em 2020, A autora disputou com a coreógrafa Lia Robatto a posição da cadeira de número 15 na Academia de Letras da Bahia (ALB), vaga após o falecimento de João Carlos Teixeira Gomes⁵⁹. Aline França não venceu.

Para encerrar o texto sobre a autora, uma passagem que a amiga e professora Ieda Machado Ribeiro dos Santos deixou em seu blog:

[...] Certa vez fui cobrar de Aline França a continuação de *A Mulher de Aleduma* – que ela nos havia prometido com o título de *Vencedores de Kija* – e a resposta, dada com a maior tranquilidade do mundo: “Eu agora estou pintando”, não me surpreendeu nem um pouco. Na verdade, foi como se ouvisse algo que, inconscientemente, há muito esperava ouvir. Aline, descobriu também o segredo das tintas e dos pincéis e foi pintando com as palavras⁶⁰.

Parecer: A Mulher de Aleduma

A Mulher de Aleduma narra em terceira pessoa, com uma estrutura sem capítulos, a história de habitantes de Coinjá, uma ilha sem dono, afastada de uma sociedade e

⁵⁷ Para ler o texto na íntegra, acessar: <http://mulherdealeduma.blogspot.com/search/label/ode%20aos%20valores%20da%20ra%C3%A7a%20negra>. Acesso em: 5 jun. 2023.

⁵⁸ RECONHECIMENTO: Homenagens são realizadas para importantes personalidades, na 2ª FLITEN. *Fala Genefax. Berimbau Notícias*, 7 nov. 2019. Disponível em: <https://www.falagenefax.com/2019/11/reconhecimento-homenagens-sao-realizadas-para-importantes-personalidades-na-2a-fliten/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

⁵⁹ ABREU, Yuri. “Escritora negra é indicada para a ALB”. *Tribuna da Bahia*, 31 out. 2020. Disponível em: <https://www.trbn.com.br/materia/I29343/escritora-negra-e-indicada-para-a-alb>. Acesso em 16 jun. 2023.

⁶⁰ Para ler o texto na íntegra, acessar: <http://mulherdealeduma.blogspot.com/search/label/uma%20escritora%2Fpintora>. Acesso em: 5 jun. 2023.

estabelecida num continente não identificado. Nesse romance, a raça negra é originária de um local extraterrestre, o planeta Ignum, governado por uma deusa chamada Salópia. Quando os habitantes desse povo decidem expandir seu domínio, mandam um mensageiro para o planeta Terra: trata-se de Aleduma, um deus tão poderoso quanto Salópia e responsável por recriar a glória de Ignum nesse novo planeta, é com ele que a ilha de Coinjá também se torna ilha de Aleduma. Muitas gerações de pessoas negras chegam a habitar ali – em comunidade, tal qual um quilombo –, é possível entender que elas passam por situações como a escravidão, mas, sobre isso, não se entra em detalhes.

A história apresenta Maria Vitória, a mulher de Aleduma, uma representante tanto da ilha quanto daquele ser divino, a qual se torna a protagonista da maior parte da narrativa. Contudo, ela não é a única mulher com destaque, visto que existem outras personagens fortes que exercem funções diversas para o desenrolar da narrativa. Em seu transcurso, prevê-se em alguns documentos que um grande mal se aproxima da ilha, uma vez que Aleduma está fraco e não pode proteger a todos enquanto se comunica com Ignum. Nesse momento, pessoas do “continente” chegam ali em submarinos e em grandes barcos, são homens brancos, liderados por Hermano de Alencar, e, assim como os antigos colonizadores, têm um olhar distorcido para os costumes dos habitantes de Coinjá, fazendo o primeiro contato ser carregado de violência e de abuso de poder.

Para além das grandes riquezas, o que interessa Hermano é a inteligência daquele povo e o paradeiro de Aleduma, que nunca é revelado para esses invasores. A narrativa traz informações sobre Tadeu de Abrantes e Abrantes, presidente de uma rica empresa de sua família adotiva e noivo da filha do invasor da ilha. O rapaz possui uma forte ligação psíquica com Maria Vitória, algo que preocupa sua família e faz com que o convençam a procurar ajuda psiquiátrica. Ele é aconselhado a tirar férias e é o que faz, partindo para a ilha de Coinjá. Ao chegar lá, o homem entende que seu lugar é na comunidade, ao lado da mulher de Aleduma. Isso se torna motivo de revolta para Hermano, que se revolta e decide sair da ilha, mas não antes de causar estragos, como estuprar Maria Vitória, que engravidou, machucar gravemente Tadeu e destruir o submarino que utilizou para chegar até lá.

Tadeu e Maria Vitória ficam separados e ambos vivem momentos de extrema tristeza. Quando finalmente voltam a ficar juntos, Tadeu descobrirá coisas horribéis sobre seu passado, rompendo com os pais adotivos, e a criança que Maria Vitória esperava

morre. Depois de um tempo, a ilha se populariza e passa a ser local de visitação de pessoas, uma geração nova começa a habitar tal espaço e Datigum, filho de Maria Vitória e Tadeu, decide ir para o continente fazer experimentos com ingredientes químicos para curar doenças e neuroses da Terra. O jovem tem sucesso, mas precisa voltar à ilha de Aleduma para ajudar a mãe, que passa a sofrer com uma doença misteriosa.

Além disso, as mudanças em Coinjá fazem com que o local se contamine e o velho Aleduma saía de seu exílio. Com a intenção de proteger os habitantes, o romance se encerra com o velho destruindo a ilha principal e isolando sua população do resto do mundo, em uma ilha menor chamada Filha Doce. Aleduma, então, embarca em uma nave espacial para Iignum, prometendo voltar para seus habitantes dali a três gerações. Ao mesmo tempo, acontece uma convenção entre a deusa Salópia e muitos representantes de lideranças negras terrestres que se comunicam telepaticamente, a fim de tentar encontrar uma forma que contemple um futuro distópico, ou afrofuturista, para aquelas populações.

De forma geral, o texto é breve, criativo e apresenta uma boa progressão no desenvolvimento dos personagens, que tem seus arcos bem-marcados e características com fácil identificação. Entretanto, ele contém algumas pontas soltas que podem prejudicar a leitura, principalmente daqueles leitores mais atentos. Nos próximos parágrafos, serão listados alguns pontos de atenção para a obra.

É interessante observar a construção do mundo, uma vez que aqui estão presentes elementos de ficção científica na obra, desde a apresentação de uma raça extraterrestre até a interação entre Maria Vitória e Tadeu, nesse caso marcada pela comunicação telepática. A explicação desse tipo de contato pode ser encontrada no próprio texto:

— Não se esqueça, Sulamita, de que o povo da Ilha de Aleduma é o único da Terra que possui a mente capaz de se aproximar à mente do povo de Iignum, e além disso, quando Maria Vitória visitou a deusa Salópia, ela sofreu transformações mentais a ponto de suas mentes se igualarem⁶¹.

A presença de seres como as graúnas, mulheres que possuem seis mamilos, são hidrófobas e se escondem em uma gruta, é outro ponto fantasioso. A escolha de explicar, ainda que sem muitos detalhes, a construção dos poderes dos personagens é curiosa, porque exige um leitor modelo, como diz Umberto Eco, para a leitura, alguém que tenha

⁶¹ FRANÇA, A. *A Mulher de Aleduma*. 2. Ed., Salvador: Editora Ianamá, 1985, p. 19.

repertório para entender quais são as ferramentas que a autora utiliza nessa explicação e que esteja atento para conectar essas referências. É uma ação diferente, por exemplo, de Octavia E. Butler que, em seu livro *Kindred: Laços de Sangue*, deixa a explicação de como sua personagem principal consegue viajar no tempo no campo do não dito.

A representatividade negra é outro aspecto a ser marcado como positivo, uma vez que todos os personagens negros presentes têm voz e características importantes que dão movimento para a história. Aline França, em uma entrevista a Jorge de Souza Araujo para a revista *Organismo*, diz que ela não retrata a escravidão ou relatos de sofrimento no texto, ou pelo menos não coloca isso como um foco, apesar de saber e estar inserida em todas as consequências de tal sistema cruel, já que, para ela, o interessante é mostrar o negro em ascensão⁶². Por isso, a forma por meio da qual a mulher negra é representada vai positivamente contra o que Conceição Evaristo constatou em vários outros romances brasileiros⁶³: em *A Mulher de Aleduma*, à personagem feminina negra é conferido um papel de musa, heroína romântica e mãe, esse último bastante distante daquilo que Evaristo chama de “imaginário da mãe-preta”. Maria Vitória e Irisan, as duas mulheres escolhidas por Aleduma; Dona Catilê, a mulher que tem orelhas de estrela e é quase como oráculo; e, até mesmo, Sulamita, aquela que questiona as decisões de Aleduma; são mulheres negras muito bem representadas.

Os homens na narrativa têm destaque com Mucujaí, Tadeu e Datigum. São homens que, à sua maneira, contestam papéis dos homens negros na sociedade. Mucujaí é descrito como uma pessoa sábia, talvez como um *griot*, por guardar os documentos importantes da ilha, e acima de tudo é um marido e pai amoroso, característica positiva e que vai contra o estereótipo do homem negro que não forma família nem cuida de seus filhos. Tadeu também compartilha dessas características, mas é a partir dele que a autora traz a discussão da hipersexualização do homem negro. Em uma das falas, a personagem Eleonora afirma:

— Sinto atração por Tadeu, ele é um negro sensual, um negro especial. Vou ficar exuberante para agradá-lo, ainda mais que ele vem com amigos⁶⁴.

⁶² FRANÇA, A. Entrevista concedida a Jorge de Souza Araujo. *Organismos*, Salvador.

⁶³ EVARISTO. Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009.

⁶⁴ FRANÇA, A. *A Mulher de Aleduma*, 2. Ed., Salvador: Editora Ianamá, 1985, p. 59.

Ao que a prima Bibiana responde:

— Vocês criaram o mito do negro, sensual, rico e dotado de grande virilidade. Mas saibam que Tadeu é um homem inteligente, enxerga muito bem a verdade — observou Bibiana⁶⁵.

Em outro momento Tadeu conversa com Hermano sobre o paradeiro de Aleduma e a seguinte cena se desenrola:

— Não conte comigo, senhor Hermano. Será muito melhor deixar as coisas na ilha como as encontrou.
— Qual a razão de proteger esses negros primitivos? É por que é negro também? Mas você é diferente deles, tem outra formação.
Hermano falava surpreendido com a reação de Tadeu, que lhe respondeu:
— O senhor se engana, sou igual a todos eles⁶⁶.

Dessa forma, se torna bastante interessante notar o tom crítico no texto da autora. Nessa fala o leitor pode perceber a hipersexualização e a outrificação desse corpo, temas descritos por diversos pensadores negros, como Franz Fanon, que diz em *Pele Negra, Máscaras Brancas* que “O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo”⁶⁷, delimitando a existência desse corpo negro como fixa e contrária à norma. Os personagens até tentam distanciar Tadeu desse “ser-negro”, como se o fato de ele ser um ponto fora da curva do que é “esperado” para um negro, fosse algo benéfico e a ser celebrado. Fato esse contrariado em vários momentos, porque Tadeu não se encaixa nessa diferenciação, até mesmo entrando em conflito com o pai adotivo que o quer apenas por interesse, por aquilo que o filho pode fazer pelos lucros de sua empresa.

Para finalizar o tópico sobre a representatividade negra na obra, é preciso mencionar também uma figura presente no texto, constantemente mencionada, que faz direta relação ao que Evaristo vem chamar de “mitos cristãos”. Ela explica que são figuras que foram apropriadas pelos africanos escravizados e seus descendentes, tornando-se cúmplices e protetores do povo negro⁶⁸. Nesse romance, esse tipo de mito aparece na

⁶⁵ *Ibidem*, p. 59-60.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 65.

⁶⁷ FANON. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 26.

⁶⁸ EVARISTO. Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasilidade, p. 19.

forma de Santo Antônio de Categeró, o padroeiro da ilha, e quase sempre comparado por seus habitantes como um ser equivalente a Aleduma.

Apesar desses pontos que podem ser positivos para o romance, é proveitoso para esse texto que se explore também os aspectos negativos. Retomando T. S. Eliot, a ideia da crítica não é se concentrar no individual; na realidade ela vai usar várias teorias para tornar as obras mais coesas. Para *A Mulher de Aleduma* há, então, uma questão principal que surge a partir da organização dos acontecimentos, que se revela um tanto quanto confusa. A obra não se divide em capítulos, assim, a pouca descrição em alguns momentos e os vários saltos temporais podem fazer com que o leitor menos atento, em um primeiro contato, se sinta bastante perdido. É possível que isso tenha alguma relação com os recortes editoriais feitos na segunda edição da obra, mas é difícil precisar.

Pensando em personagens, há pouca construção de contexto em alguns casos. Toda a construção do grupo das graúnas, por exemplo, é bastante deficitária. Existem momentos dedicados à explicação do que elas são e a quem elas serviram – um personagem chamado Rei Coinjá –, além de afirmar que elas temem e respeitam tanto o Velho quanto a representante dele na terra, Maria Vitória, mas não fica claro se elas são descendentes diretas de Aleduma. E ao não esclarecer a diferença entre os povos – as graúnas e os habitantes da ilha – o lugar reservado às graúnas parece apenas existir para mostrar na narrativa a ideia de três povos, com diferentes organizações, mas com o mesmo nível de desprezo e ideia de superioridade com relação aos outros. As pessoas do continente chamam os habitantes de Coinjá de selvagens e atrasados, enquanto o povo da ilha chama as graúnas de bestiais e monstruosas. Partindo desse ponto, a questão da bestialidade, ato praticado pelas graúnas, não é descrita em detalhes, mas é um aspecto dispensável no livro, já que sua única função aparente é a de chocar o leitor.

Uma questão importante é o fato de que o mundo fora de Coinjá é doente, não fica explícito quais são os sintomas dessa doença, mas pela narrativa é possível entender que são problemas no corpo humano e do trato dos humanos com o mundo. Profetizada ainda antes do jovem Datigum nascer, essa é a missão principal que ele tem para cumprir quando vai para o continente, e ele tem sucesso nessa jornada. Entretanto, na edição do livro da primeira para a segunda versão, há um corte em um trecho que explicaria um pouco sobre como ele conseguiu essa conquista de Datigum. Cabe então fazer uma comparação entre as edições, para dizer que se na segunda edição, essa conquista é

cortada e o leitor não sabe bem o que aconteceu, na edição de 1981 temos a confirmação do feito e a inclusão de apenas alguns detalhes, nada é de fato explicado. Há cenas que o jovem desenvolve uma cura, mas não fica claro se ela será usada pela humanidade, se ela tem usos práticos, ou do que é feita. São muitas questões que deixam a vitória rasa e não gera conexão nenhuma com o leitor.

Além disso, quando surgem os conflitos após a popularidade de Datigum – é dito que a ilha está infectada por causa da vinda dos turistas, que utilizam as praias como local propício para nudismo e como “um resort qualquer” –, a solução encontrada por Aleduma, como forma de solucionar esse problema parece ter sido simplória e inesperada de uma maneira que pareceu muito brusca, principalmente considerando todo o desenvolvimento. Parece mais que ao invés de realmente resolver a questão, a opção foi acabar com a vida que os habitantes conheciam, isolando-os para sempre na Filha Doce, ilha menor próxima à Coinjá que destruída. Terminando, enfim, com a partida de Aleduma do planeta. Ele ainda promete voltar dali a três gerações, mas, considerando que as pessoas da ilha vivem por mais de cem anos, isso é muito tempo em reclusão.

Por fim, existem algumas propostas para fazer, caso fosse possível realizar um trabalho de edição com a autora, no qual ela pudesse revisitar e reelaborar algumas partes do texto. Por exemplo, durante o período que Sulamita, a sobrinha de Mucujaí, ficou com as graúnas, ela questiona a escolha da segunda mulher de Aleduma, Irisan, rebela-se, recusa-se a comer e foge dos cuidados dos pais. Em determinado momento, é mencionado que ela seria mandada para a gruta, para aprender uma lição, e muito, muito tempo depois na narrativa, em uma fala, a própria Sulamita diz que conseguiu fugir das graúnas, mas nunca se explicita que ela de fato foi, ou como e quando foi, e quanto tempo ficou por lá. Sem mencionar que, em uma das explicações sobre o *modus operandi* das graúnas, salienta-se que elas escolhiam como prisioneiros especificamente homens adultos; então, por que aceitariam uma mulher, ainda mais uma que não fosse como elas?

Outros pontos se encontram no final do romance, de modo a estender alguns acontecimentos, como o título “Mulher de Aleduma”. Torna-se um tanto quanto confusa para o leitor a relação da importância de dar esse nome para a história, se são duas mulheres que cuidam da ilha. Assim, seria interessante que esses detalhes do contexto relativo a essas personagens fossem expandidos. Ainda sobre as ocupantes do “cargo”, elas perdem destaque no final da narrativa: Maria Vitória tem vários agravantes dessa

perda de destaque, pois sofre de alguma doença que a desfigura, perdendo o papel de protagonista para Tadeu, em sua busca pelos pais biológicos, e para Datigum, que está em sua missão predestinada. Irisan mal aparece, sendo lembrada nos últimos momentos para abraçar Maria Vitória e Tadeu.

A ideia com esses pontos seria apenas expandir uma história com bom potencial de entreter e gerar discussões entre leitores, bem como alinhar *A Mulher de Aleduma* com outras obras que compartilham os mesmos pontos afrofuturistas. Por fim, Cuti escreve que “o texto não sobrevive sem o contexto intra e extratexto”⁶⁹. Assim, parece intuitivo entender que o romance parece ser equilibrado em suas características internas e externas, além de ser inventivo nessa constante renovação do que seria a distopia para o leitor e para o povo de Coinjá (primeiro com a escravidão, depois com a invasão da ilha e em um último momento com a destruição do local), também apresenta uma importância em apresentar uma brasileira como uma das representantes da ficção afrofuturista no país. De forma que uma nova publicação a obra ainda parece bastante propícia e atual.

Relevância e Linha Editorial

Ao longo deste trabalho observou-se que a literatura tem um papel importante na sociedade e que a todo tempo existem publicações sendo feitas, seja por editoras tradicionais ou por meios independentes. Mas, como já foi mencionado, André Schiffrin explica: torna-se cada vez mais comum que, nas empresas do ramo, a publicação seja justificada a partir da chance de o livro ser ou não um *bestseller*⁷⁰. Roberto Calasso, em *A Marca do Editor*, concorda com essa fala, ao mesmo tempo que avisa que um livro com muitas vendas é um golpe de sorte; não há como definir a reação do público diante da obra⁷¹.

Algumas editoras investem em obras que já fazem sucesso com o público no exterior; outras optam por enfatizar o *marketing* para que o livro seja um sucesso; outras ainda investem principalmente na qualidade gráfica dos produtos. Todos esforços válidos que, muitas vezes dão retorno à editora, tanto na valorização de suas marcas, talvez como

⁶⁹ CUTI, *Literatura Negro-brasileira*, p. 20.

⁷⁰ SCHIFFRIN. *O Dinheiro e as Palavras*, p. 33.

⁷¹ CALASSO. *A Marca do Editor*, p. 150.

uma empresa “antenada”, quanto na construção de uma comunidade com seus leitores e autores ou mesmo no destaque por ter um catálogo esteticamente belo. Mas é difícil dizer se essas impressões se revertem em vendas e, se isso não acontece, muitas vezes o livro perde destaque não apenas nas livrarias, mas também no próprio catálogo editorial que sempre se renovam.

Para isso, Schiffrin faz uma analogia com o infanticídio dos livros, na ideia de que as editoras “negligenciam os livros novos que não mostram promessa de vendas, [os mandam] para o aborto, cancelando contratos existentes de livros que já não eram julgados financeiramente dignos”⁷². Algo bastante complicado, infelizmente real no Brasil e no mundo, mas é preciso entender que o livro disputa com muitas formas de entretenimento hoje: redes sociais, filmes, séries, *podcasts*, jogos, entre tantas outras opções. Uma pessoa pode ser leitora ao mesmo tempo em que é jogadora, ouvinte de *podcasts* etc. No entanto, o tempo é pouco para ser tudo, por isso, até uma obra deslanchar nas vendas, às vezes, muito tempo se passa e é importante que as editoras não desistam dela só porque não deu retorno em seus seis primeiros meses ou primeiro ano de sua existência.

Justamente por isso, ao republicar um livro como *A Mulher de Aleduma*, que conta com elementos de ficção especulativa e afrofuturismo, precisamos entender algumas questões antes: sua relevância, ou por que publicar; a linha editorial a que a obra se encaixaria em uma editora; e a qual público se destinaria. Esse último aspecto é talvez o mais importante, porque, quando se pensa em um livro, o leitor é aquele que “é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história”⁷³.

Aline França, que escreve para pessoas negras e, em suas próprias palavras, diz que “não pode baixar a cabeça, [tem] que seguir a trilha com determinação”⁷⁴, imagina futuros e realidades nas quais ser negro é algo situado além do que os outros podem definir, bem como destrói e reinventa locais nos quais pessoas como ela se resguardam em comunidades e costumes únicos. Assim, a reedição dessa obra, e talvez de outras de autoria de França que não foram estudadas neste trabalho, se mostra como uma ótima

⁷² SCHIFFRIN, *op. cit.*, p. 29.

⁷³ ECO. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 7.

⁷⁴ FRANÇA, Aline. Entrevista concedida a Jorge de Souza Araujo. *Organismos*, p. 24.

oportunidade de continuar a dar destaque e reconhecimento a essa mulher e ao que ela tem a dizer. Nesse sentido, a publicação da narrativa não se dá apenas por uma questão de representatividade, mas por considerar que o que França traz para a literatura, especialmente para o tipo que foca em especulações da realidade, tem características muito positivas para quem a lê e a prestigia, , conforme já explicitado anteriormente no parecer da obra.

Ao falar em linha editorial, entende-se que é como um objetivo, um norte sobre as mensagens que a editora quer passar ao publicar determinado tipo de obra, algo que vem desde a seleção dos originais até a forma como aquele livro é divulgado. Porém, como a intenção do presente trabalho não se volta à criação de uma editora, revela-se difícil definir uma linha editorial específica para a *A Mulher de Aleduma*, não porque seja complicado encaixar a obra em uma categoria, mas porque cada editora observa seu catálogo de forma específica, com intenções e visões editoriais que divergem umas das outras. Tal afirmação parece se enquadrar naquilo que Calasso chama de “marca do editor”, a escolha consciente de obras para compor um catálogo rico e que seja marcado por uma “nítida e precisa seletividade das escolhas”⁷⁵.

Da mesma maneira, definir um público pode ser vago. Essa é uma história que pode ser lida por qualquer um. Mas talvez ela não atraia o grande público, principalmente pensando em leitores jovens, que são aqueles que têm mais potencial de espalhar a obra, produzindo conteúdo sobre ela ou comentando-a de maneira informal. Para eles, o apelo literário é outro, o que nos permite perceber um certo afastamento desse tipo de leitor de obras mais antigas; às vezes o conteúdo não atrai, nem a forma como ela é apresentada. Nesse sentido, *A Mulher de Aleduma* funcionaria muito bem para o público de leitores a partir de 25 anos, um leitor mais maduro e que está interessado em ler com calma e entender as nuances do texto antes de partir para a próxima leitura.

Nota Editorial

A edição produzida por este trabalho é uma edição fidedigna modernizada da obra *A Mulher de Aleduma*, da escritora Aline França, que usou como base para a transcrição

⁷⁵ CALASSO, op. cit., p. 152.

do texto a segunda edição da obra anteriormente mencionada, a saber, a edição de 1985. Indispensável dizer que a recuperação do documento foi completamente indireta, isto é, em nenhum momento houve o manuseio físico dos livros. Inicialmente, o contato se deu por meio de fotografias de baixa qualidade do livro, em sua íntegra, disponibilizadas por Milaynne Barros⁷⁶ no começo de 2021. Foi feita também uma consulta à primeira edição, que atualmente se encontra no CEAO-UFBA, e foi recebida no final de 2023 por meio de uma aluna da UFBA, o que ajudou a recuperar algumas características da obra, como as diferenças nas escolhas gráficas e textuais, permitindo que, dessa maneira, um quadro maior sobre o texto fosse formado.

Ao reeditar o texto, foi feita uma série de escolhas e intervenções com base nos fundamentos da Ecdótica, a ciência de estabelecimento crítico fidedigno de uma produção literária, que possui uma metodologia própria. Esse processo teve o intuito de recuperar a última versão do texto que a autora conseguiu alterar. Emanuel Araújo, em *A Construção do Livro*⁷⁷, indaga “qual o seu justo limite para proceder as alterações num texto escrito por outrem?”. Também, como pontuou o orientador deste trabalho, sem o aval da autora é impossível fazer alterações estruturais no texto. Durante o período de feitura deste trabalho houve duas tentativas de contato com a autora, que até 2019 ainda estava em atividade, como visto em um registro anterior. Ambas as tentativas ocorreram de forma eletrônica pelos e-mails disponíveis no blog da autora: “alinefranca.escritora@gmail.com” e “alinesf@ufba.br”. Esses contatos foram atualizados em 2010, então é possível que a autora não tenha mais acesso a eles. Também foi levantada a possibilidade de procurar o contato de Aline França com a organização do evento FLITEN; no entanto, essa ideia não foi executada, uma vez que o evento parece não mais existir.

A seguir haverá a exposição de um resumo dos passos realizados até a finalização da edição deste livro; também um esboço das etapas será feito e as motivações que levaram a elas serão justificadas. Os critérios da Ecdótica foram seguidos, estabelecendo tanto uma preocupação artística, para não alterar a voz da autora, como uma preparação

⁷⁶ Milaynne Barros cita o livro de Aline França em sua tese de Mestrado *Diáspora Africana e Feminismo Negro: O Protagonismo Feminino a Caminho em Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, publicada em 2020 pela Universidade Estadual do Piauí. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/316>. Acesso em 6 jun. 2023.

⁷⁷ ARAÚJO. *A Construção do Livro: Princípios da Técnica de Editoração*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2012, p. 56.

textual para publicação, com a atualização segundo o Novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigência em 2008. Além disso, o texto foi submetido a um processo de normalização: o emprego de maiúsculas e minúsculas, assim como das notas, seguiu os critérios de uniformização editorial, tal como prega a obra usada como referência, o *Manual de Editoração e Estilo*, de Plínio Martins Filho⁷⁸.

Há diversas categorias de edição, como a fac-similar, a diplomática, a diplomática-interpretativa e a modernizada. A primeira se refere à edição idêntica ao original: graças à tecnologia do *scanner* é possível reproduzir fielmente uma obra específica por meio de suas imagens digitalizadas. A segunda procura preservar por completo o texto-base. A terceira, como indica Segismundo Spina⁷⁹, significa um passo além na interpretação do original, pois representa uma tentativa de melhoramento do texto mediante a realização de intervenções e correções de erros. Por fim, a edição fidedigna modernizada, que é o caso deste projeto, atualiza a ortografia, corrige erros, padroniza o texto e interfere minimamente na pontuação, já que a preferência é por preservar o critério estilístico do autor.

Em relação à metodologia da Ecdótica, existem três passos fundamentais segundo Spina⁸⁰: a *recensio* (recensão), a *collatio* (colação) e a *emendatio* (emendação), que correspondem, respectivamente: ao levantamento de todas as edições e textos publicados pelo autor em vida, bem como textos que se referem a obra; à organização dos materiais mais relevantes para a obra e comparação entre as edições recolhidas, observando os erros comuns; e à correção e emendas do texto-base a partir da etapa anterior.

Para entender o processo aplicado neste trabalho, algumas datas serão mencionadas para que a cronologia não se perca. Como já afirmado, *A Mulher de Aleduma* teve duas edições, mas para a primeira etapa – a da recensão, o estabelecimento do texto-base – a segunda edição, recebida em 2021, foi escolhida. O primeiro passo em 2022, então, foi a transcrição diplomática da edição de forma integral, ou seja, com a manutenção de erros e a preservação da ortografia e pontuação, sem intervenções. Após esse procedimento, foi vista a necessidade de confirmar trechos do texto que estavam com baixa legibilidade no documento disponível, de forma que houve o contato com

⁷⁸ MARTINS FILHO. *Manual de Editoração e Estilo*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

⁷⁹ SPINA. *Introdução à Edótica-Crítica Textual*. São Paulo: Ars Poetica; Edusp, 1994.

⁸⁰ *Idem*, p. 68.

bibliotecários da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa-UFBA, os quais disponibilizaram os trechos em melhor qualidade para que a transcrição fosse finalizada. Assim que esse processo terminou, a pesquisa por textos que fizessem referência à obra *A Mulher de Aleduma* começou. O já mencionado *blog* da autora foi um bom ponto de partida, mas foram encontrados também diversos materiais que auxiliaram na organização de um *corpus* substancial desse livro, composto por matérias de jornais, relatos e artigos sobre as obras da autora, a maioria com foco em *A Mulher de Aleduma*, e alguns outros com foco nos demais livros dela.

Paralelamente a isso, a busca pelo texto da primeira edição também foi feita, mas a obra só foi encontrada e comparada para que a colação fosse realizada em 2023. O processo de organização do *corpus* e de comparação entre as edições recolhidas se mostrou proveitoso, uma vez que se constatou que trechos longos da edição de 1981, que conferiam maior contexto à história, foram previamente excluídos. Os textos encontrados sobre a autora ajudaram a organizar informações sobre a vida dela, bem como sobre a trajetória do livro e a recepção do público. Entretanto, não foi possível encontrar informações sobre os ilustradores das obras, apesar das várias combinações de busca que foram feitas na internet, bem como das perguntas à filóloga Rosinês Duarte; nem mesmo ela tinha informações sobre os dois ilustradores.

Com essas etapas concluídas, o objetivo no processo de emendação foi tornar o texto acessível ao leitor atual e fornecer a ele recursos que garantam uma melhor compreensão da leitura. Assim, a nova edição realizou a atualização da ortografia de diversas palavras em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, como vocábulos que levavam o extinto sinal do trema, como “tranqüilos”, “intranqüilos” e “freqüentar”. Além disso, diversos termos que antes estavam escritos no singular quando deveriam estar no plural ou respeitando o tempo verbal empregado foram atualizados. Também foi adotado o acento circunflexo em nomes próprios como “Antônio”, de Santo Antônio do Categeró. Palavras como “antesala”, foram atualizadas respeitando o Novo Acordo. Também perderam o acento agudo palavras que continham os ditongos abertos “ej” e “oi”, como “idéia”.

Além disso, os trechos excluídos da edição de 1981 para a de 1985 foram transcritos e incluídos na edição que conclui este trabalho como notas de rodapé, uma vez que foi considerado que a obra não teria sua qualidade diminuída com o acréscimo

daqueles trechos. Importante dizer que nessa edição as notas também funcionam para marcar palavras atualmente em desuso, vocabulários e mitos distantes do leitor comum e alterações de vocábulos entre as edições.

Seguem alguns exemplos dessas notas, no trecho:

O vento soprava frio, os habitantes dormiam, as casas que rodeavam a praça estavam embandeiradas para a festa de Santo Antônio de Categorical, seu padroeiro milagroso⁸¹.

Com a referência ao mito de Santo Antônio de Categorical, surge, então, a nota explicativa:

Antônio de Categorical foi um homem livre nascido no norte da África, no século XV, que foi sequestrado, levado à Itália e vendido como escravo. Ele trocou sua religião de formação, o islamismo, para o cristianismo nesse último período e se tornou referência por sua devoção. Ele é símbolo de conforto e cura para fiéis até hoje.

Já no trecho:

Bernardo despertou bocejando, estirando os ombros, e disse em tom de mau grado:
— Não gosto mais do chilrar das maria-é-dia, e sim, das acauãs⁸².

A nota única explica o que é um *chilrar* (cantar), o que é uma *maria-é-dia* (espécie de aves. Medem cerca de quinze centímetros de comprimento, têm as partes superiores cinzentas, topete com branco escondido entre as penas, asas com duas faixas esbranquiçadas e barriga amarelada. É uma espécie considerada oportunista) e uma *acauã* (espécie de aves. Medem cerca de 47 centímetros de comprimento, têm plumagem amarelada, dorso escuro, possuem uma faixa negra na região dos olhos, que se estende até a nuca, e cauda negra. É uma espécie conhecida por seu canto, emitido no crepúsculo e ao alvorecer, e é considerado mal agourado e prenunciador de chuvas).

Por fim:

— Enterrarei o seu corpo debaixo da árvore mais frondosa, a árvore cujos frutos servem para prolongar nossas vidas. Meu filho será sempre lembrado no

⁸¹ FRANÇA, A. *A Mulher de Aleduma*, 2. Ed., p. 14.

⁸² *Ibidem*, p. 14.

choro de cada criança que venha nascer do estupro — disse Maria Vitória, entre soluções⁸³.

Nesse caso, a edição de 1981 traz “nesta ilha” ao passo que a de 1985 usa “do estupro”. Não fica claro o motivo da troca, mas pareceu interessante marcar essa troca para o leitor, principalmente porque ele mesmo pode interpretar o peso de seu significado, uma vez que quando pensamos na formação do Brasil lembramos que esse país foi e ainda é marcado pela constante violência contra corpos negros, especialmente os corpos de mulheres negras, que como Maria Vitória, são atravessadas por gênero e raça. Importante dizer que esse tipo de nota e marcação foi observada em outras obras que fazem o mesmo processo de resgate textual, a saber: a edição de *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, organizada pela editora Antofágica, e a coleção dos folhetins de Nelson Rodrigues, da editora HarperCollins no Brasil.

Na medida em que a proposta é se aproximar ao máximo da edição aprovada pela autora, o arranjo da edição fidedigna será concentrado na exposição do texto integral com a notas.

⁸³ *Ibidem*, p. 79.

A Edição

As Primeiras Edições

Antes de apresentar as diretrizes traçadas para uma nova edição do livro, convém fazer um parêntese e explorar como foram pensadas as duas edições anteriores. No que tange às suas diferenças e às suas características similares, tal procedimento se faz necessário para que a imagem da nova proposta se faça presente. Relembrando, então, a primeira edição foi lançada de forma independente pela Organização Clarindo Silva, a qual não era uma editora formal, mas uma produtora cultural, que “percebeu a necessidade de criar um selo editorial para viabilizar a publicação de alguns escritores”⁸⁴; e a segunda coube à Editora Ianamá, sobre a qual não foi possível encontrar muitas informações, mas que, pelo pouco que se pode levantar, trata-se de uma casa editorial que teve um grande número de títulos em seu catálogo ao longo de seu período de atuação.

Sobre o formato dos livros, tendo em vista a impossibilidade de acesso aos exemplares impressos da obra, os dados foram solicitados as bibliotecas em que cada edição se encontra: para a segunda, de acordo com os dados do bibliotecário da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, o tamanho é de 17 cm x 11,5 cm, 96 páginas e conta com um projeto gráfico de miolo com uma margem interna de 1 cm, externa de 1 cm, inferior de 1,5 cm e superior de 1 cm, infelizmente os dados para a primeira edição não foram recebidos com tempo hábil de inclusão neste texto. De modo geral, a tipografia escolhida em ambas as edições foi serifada; no entanto, não foi possível aferir os tamanhos da entrelinha nem do corpo do texto.

Uma característica encontrada na segunda edição, mas não presente na primeira, diz respeito às capitulares nos inícios dos períodos em que há ou mudanças de cena ou de períodos dentro da narrativa. Na primeira edição, aliás, não há divisões nesse sentido; existe apenas, em locais pontuais, o uso de asterisco para marcar as trocas. Em nenhuma das duas houve uma movimentação que indicasse separações por capítulos ou partes. Esse tipo de decisão pode ter sido uma escolha conjunta entre autora e editores.

⁸⁴ DUARTE, R. Gestos de Escritas de Mulheres Negras na Bahia dos anos 80, p. 449.

Outra característica das duas edições é a presença de ilustrações em preto e branco de apoio ao texto, em que apenas a silhueta da personagem representada fica visível. A primeira edição conta com três ilustrações creditadas, segundo o site da Organização Clarindo Silva, a Nivaldo Brandão⁸⁵. Segue um detalhamento das ilustrações:

- A primeira ilustração, na página 9, e terceira, na 17, correspondem a imagens que são bastante parecidas, no sentido de que ambas apresentam figuras femininas portando o que parecem ser lanças; nos dois desenhos existem animais com chifres, os quais, pensando no contexto do livro, possivelmente são chamados de *izibums*.



Figura 1 – Fonte: BRANDÃO, Nivaldo. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 1 ed., p. 9



Figura 2 – Fonte: BRANDÃO, Nivaldo. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 1 ed., p. 17.

- A segunda imagem, na página 13, apresenta uma sombra e troncos de árvores e, entre elas, duas figuras humanas, possivelmente Aleduma e Maria Vitória; ele está em primeiro plano, enquanto ela está afastada, no canto direito da imagem.

⁸⁵ Para mais informações: <https://memorialcantinadalu.com.br/1981-2/>. Acesso em: 4 jun. 2023.



Figura 3 – Fonte: BRANDÃO, Nivaldo. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 1 ed., p. 13.

Já a segunda edição conta com cinco ilustrações, na página de créditos todas atribuídas a Douglaz Gê. Observando as imagens, é possível encontrar a assinatura dele em todas, cada uma em uma parte única. A maioria das imagens tem relação direta com um trecho do livro, muitas vezes descrevendo uma cena da página anterior ou posterior, como um recorte, um tipo de escolha comumente utilizado e que pode ser encontrado em livros como os da série Vagalume⁸⁶ e *Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga⁸⁷.

- A primeira ilustração é também a imagem de capa que se repete após o prefácio. A base da imagem é composta por uma pequena montanha, talvez areia, com conchas, folhas e estrelas; há a representação de uma personagem que provavelmente é Aleduma, já que tem as pernas viradas para trás e barba longa, como o personagem é descrito. Da cabeça da personagem saem “ondas”, que provavelmente representam a conexão mental com o planeta Ignum.

⁸⁶ Como referência foram utilizados o livro *Xisto e o Pássaro Cósmico* de Lúcia Machado de Almeida e o *O Outro Lado da Ilha* de José Mavie Monteiro.

⁸⁷ BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. 36. Ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2020.

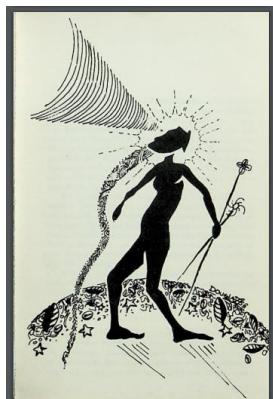


Figura 4 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 2 ed., p. 10.

- A segunda tem como cenário uma praia, a paisagem mais detalhada, com coqueiros, sol, ondas e algumas estrelas e conchas no chão. Em segundo plano, é possível ver um navio aportando, e, em primeiro plano, duas figuras femininas estão em movimento.

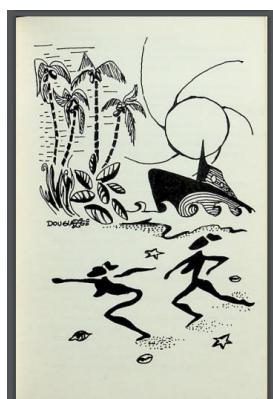


Figura 5 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 2 ed., p. 30.

- A terceira apresenta uma cena dentro da casa de Mucujaí, uma figura feminina, provavelmente Dona Catilê, representada pela característica orelha de estrela do mar e o véu, que na imagem está caindo de sua cabeça.



Figura 6 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 2 ed., p. 57.

- A quarta ilustração traz outra cena na praia, mantendo o cenário de coqueiros e sol, mas dessa vez há duas figuras com marcações de seios que joram leite; é possível entender que essas figuras são as graúnas.



Figura 7 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 2 ed., p. 86.

- Por fim, na quinta imagem, é possível ver Aleduma em um triângulo, provavelmente a nave espacial que o levará de volta a Ignum, indo em direção aos céus, rodeado por diversos símbolos, inclusive por símbolos de Orixás de religiões africanas, como o machado de Xangô, o ofá (arco e flecha) de Oxóssi, o obé (faca) de Oyá, as palhas de Omolu. No solo, um grupo de pessoas celebra, toca tambor e reverencia.

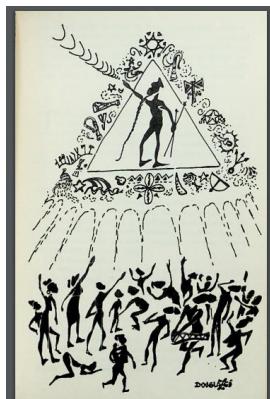


Figura 8 – Fonte: GÊ, Douglaz. In: FRANÇA, Aline. *A Mulher de Aleduma*, 2 ed., p. 95.

Quanto ao projeto gráfico de capa, a arte presente em ambas as edições tem grandes diferenças na identidade visual, apesar de se valerem de ilustrações. São desenhos que apenas sugerem a sombra dos personagens, deixando as características do rosto, por exemplo, em um campo mais abstrato e imaginativo. A tipografia utilizada na primeira edição é sem serifa, isso vale tanto para o título quanto para o nome da autora; sua diferenciação ocorre quando se percebem a cor e a forma mais cheia das hastes dos tipos no título. A coloração escolhida para a ilustração foi o verde e as figuras representadas são de duas mulheres com vários seios, possivelmente as graúnas que aparecem na história.



Figura 9 – Capa da primeira edição (1981) de *A Mulher de Aleduma*.

Fonte: Memorial Cantinho da Lua

Já para a segunda edição, temos muitos elementos que não se organizam de maneira harmoniosa. Ocorre nessa capa três tipografias diferentes: no logo da editora, um manuscrito em letras bastão; no nome do livro, o uso de um tipo cartunesco com elementos que podem remeter à ideia de “selvagem”, porque lembra a textura de madeira; e por fim, o nome da autora, que está em uma fonte sem serifa. Além disso, a capa é branca, com a ilustração preta da figura de Aleduma, já descrita mais acima, que está posicionada dentro de uma margem na cor vermelha com arabescos.

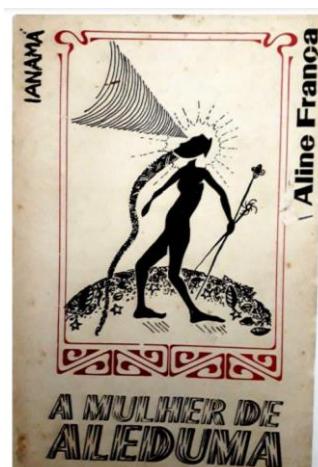


Figura 10 – Capa da primeira edição (1981) de *A Mulher de Aleduma*.

Fonte: Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa/Núcleo de Referência

Proposta de Edição

Sobre o Formato

O design do livro partiu da intenção de valorizar o conteúdo, considerando textos e ilustrações, e fazer um produto novo com um formato mais simples e próximo do leitor e que é pouco explorado no mercado editorial popular. Esse projeto então se formaliza como um livro de bolso, com seu tamanho 12,5 cm x 18 cm; os textos de capa são compostos por uma biografia reduzida da autora na orelha esquerda, um trecho do livro na quarta capa, com um código QR para acesso ao blog da autora, e, por fim, uma sinopse do livro na orelha direita. O miolo se organiza em 136 páginas, fechando 17 cadernos de 8 páginas, é composto pelas pré textuais como, olho, folha de rosto, página de créditos,

epígrafe, e a nota editorial; a transcrição do livro; pós textuais, como o texto sobre a autora, notas de roda pé e notas de fim de texto, além dos créditos para todas as imagens.

O corpo do texto é serifado com tipografia Perpetua, regular, 12/12pt de entrelinha; o destaque em primeiros parágrafos consiste em um padrão de três palavras destacadas na tipografia Tw Cen MT, bold, 12/12pt. As margens dispõem-se do seguinte modo: a interna de 2,4 cm, externa de 2 cm, inferior de 1,8 cm e superior de 1,8 cm. Esses tamanhos reduzidos foram pensados de forma tanto para que fossem adequados ao tamanho do livro quanto para facilitar a organização da narrativa, que, tendo como base a segunda edição, conta com blocos de textos e diálogos muito curtos, esses últimos ocupando em sua grande maioria uma linha. Essa proposta tem a função de aproximar o livro de bolso do público, uma vez que permitirá que não apenas o leitor não se canse ao segurar o objeto por muito tempo como também exigirá que o volume seja segurado próximo ao corpo, de forma que a leitura passe a ser mais intimista.

Lawrence Hallewell propõe em *O Livro no Brasil*⁸⁸ que o livro de bolso é antes de mais nada uma proposta de *marketing*, porque para ele é importante comercializar esse tipo de edição como um produto além do livro de tamanho original. É de conhecimento geral que a população brasileira não é uma população leitora, por muitas questões sociais e econômicas que não serão aprofundadas aqui, mas, mesmo assim, há uma desconfiança com as edições de bolso⁸⁹. Christian França, em sua pesquisa, explica que mesmo que elas tenham sido pensadas para popularizar a leitura e fazer com que mais pessoas tivessem acesso aos livros em qualquer local, grande parte do público leitor ainda acredita que esse tipo de edição tem qualidade inferior, por causa do tamanho e pelo preço mais baixo acreditam que o livro não está em disponível em sua versão integral. Afinal, para o brasileiro, a ideia de valor e qualidade estão quase sempre atrelados. Assim, muitas vezes as editoras optam por colocar informações na capa como “Texto integral” e “Tradução fiel”.

Para a edição de *A Mulher de Aleduma*, as razões de escolha desse formato são explicadas pelas características internas e externas do livro, que, nesse momento, torna-se outro produto, já que contará com o apelo estético para atrair novos leitores. Essa ideia

⁸⁸ HALLEWELL. *O Livro no Brasil*, p. 739.

⁸⁹ FRANÇA, C. *Design de Livros de Bolso no Brasil: A Visão das Editoras sobre o Formato*. 2019. 209 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

concorda com o pensamento de Hallewell em sua afirmação de que para vender livros de bolso geralmente é necessário primeiramente transformá-lo de forma drástica para que o comprador o veja como um artigo diferente⁹⁰. Entretanto, entra em desacordo com Hallewell ao que ele faz uso de uma citação do militar Sena Madureira: “a maioria dos leitores quer um livro bonito e o livro de bolso, em princípio, é feio[...]”⁹¹.

No artigo “O Projeto Gráfico dos Livros de Bolso como Elemento Mediador da Leitura”, Sibelle Medeiros reforça a ideia de que um projeto gráfico distinto modifica a forma e os significados que os leitores constroem e atribuem à leitura, mas discorda dessa ideia de que o livro de bolso “é feio”, uma vez que apresenta, com base em diferentes leituras, as possibilidades para esse formato, que “se bem explorado e em conjunto com os outros elementos constituintes do livro, pode se aproximar de modo efetivo de seus leitores”⁹².

Parece ser importante, então, mencionar algumas coleções e livros em formato de bolso que são não apenas bonitas graficamente como também reforçam essa ideia de que temos em mãos um artigo diferente do livro tradicional. O objetivo aqui não é estudar o catálogo de cada editora ou suas coleções, mas apenas apresentar diferentes possibilidades de entrar em contato com o livro de bolso.

Dessa maneira, vale mencionar inicialmente a série “Das Andere”, da Editora Ayiné, que apresenta diversos títulos de não ficção e ficção, com um projeto gráfico e acabamento bastante interessante e rebuscado, assemelhando-se a livros de formato maior. Em seguida, a coleção “Aplauso”, da Imprensa Oficial, que conta com depoimentos, análises, biografias e outros assuntos sobre a produção cultural brasileira; o projeto gráfico e o acabamento nesse caso são bastante simples, ainda que conte com imagens. Por fim, as antologias “Afrofuturismo: O Futuro é Nossa”, da Editora Kitembo; ainda que essa coleção não se apresente como tal, é possível identificar aspectos gráficos que unem os exemplares, como o formato e o projeto gráfico.

Entrando na análise superficial dessas coleções, Medeiros diz que os diversos elementos gráficos modificam a percepção do leitor para além do gênero da obra. Trata-se de algo oportuno de se notar nos exemplares de cada uma das editoras mencionadas,

⁹⁰ HALLEWELL, *op. cit.*, p. 740.

⁹¹ *Ibidem*, p. 746.

⁹² MEDEIROS; FARBIARZ; NECYK. O Projeto Gráfico dos Livros de Bolso como Elemento Mediador da Leitura. *Blucher Design Proceedings*, v. 2, n. 6, p. 53-64, 2016, p. 4.

já que, apesar de terem o mesmo formato, inspiram um sentimento e manuseio diferente com a obra. Partindo da tipografia, Medeiros traz as ideias de Richard Hendel, em seu livro *O Design do Livro*, no qual o autor afirma que:

[...] existem três abordagens principais que propiciam a maneira como o design do livro é elaborado através da escolha e organização dos elementos tipográficos. A primeira sugere uma neutralidade, através da adoção de uma tipografia que não remeta a uma época ou lugar, específico. A segunda se caracteriza por ser alusiva, ou seja, por remeter a uma determinada época ou estilo. Finalmente, a terceira abordagem busca, através da escolha de uma tipografia nova, apresentar o texto de maneira única aos seus leitores⁹³.

Dessa maneira, ao analisar um exemplar da coleção “Das Anderes”, percebe-se uma tipografia serifada e neutra, chamada Lyon Text. Tal escolha tipográfica não atrapalha nem prejudica a estética empregada no design, pelo contrário, as serifas auxiliam não apenas na leitura como na sensação de elegância que o livro inspira. Para a coleção “Aplauso”, a tipografia é sem serifa e pode-se desconfiar de uma aparente neutralidade da escolha, ainda que as edições se refiram a acontecimentos e personalidades históricas; tentar encaixar cada um desses assuntos em diferentes tipografias possivelmente tiraria a unidade da coleção. Já para as antologias “Afrofuturismo”, pode-se supor algo entre uma neutralidade e uma abordagem que busca a apresentação do texto de forma diferente, já que nesse caso, ainda que a tipografia seja simples e não serifada, o texto traz elementos de ficção científica e é intencionada para leitores de diversas idades.

Passando para a mancha gráfica e o *grid*, que se referem à parte interna, mais especificamente sua estrutura e ordenação dos elementos, Medeiros, ao ler Timothy Samara em *Grid: Construção e Desconstrução*, diz que a adoção do formato retangular em textos longos é geralmente mais encontrada. Ela ainda afirma que, para o autor, a forma que o texto é distribuído na página ajuda o leitor a manter o interesse e se relacionar de forma mais íntima com a leitura, de forma que:

⁹³ *Ibidem*, p. 4-5.

[...] margens maiores auxiliam na permanência do foco visual, enquanto as estreitas aumentam a tensão dos leitores devido ao fato de que a mancha gráfica se apresenta muito próxima ao limite do formato, nesse caso, do livro de bolso⁹⁴.

Sibelle Medeiros ainda traz outra visão sobre *grids*, ao apresentar uma classificação dos formatos retangulares, realizada por Antônio Celso Collaro, em *Projeto Gráfico – Teoria e Prática da Diagramação*, no qual o autor afirma que:

[...] é possível diferenciar edições de luxo, normais e econômicas a partir da proporção do conteúdo impresso em uma página. Para ele, uma página ligada a uma edição de luxo deve apresentar 25% de espaço dedicado à mancha gráfica, enquanto os 75% restantes devem estar ocupados pelas margens. Para ser considerada normal, a edição deve apresentar 50% de conteúdo impresso e 50% de margens. Finalmente, para ser considerada econômica, a edição deve ter mais de 75% dos espaços de sua página dedicados aos conteúdos impressos do livro⁹⁵.

Essas informações se confirmam ao analisarmos as coleções de exemplo. Todas possuem o formato retangular, mas se diferem muito na distribuição do *grid*. Para a “Das Andere”, encontra-se a aplicação de um *grid* retangular e simétrico em suas páginas. De formato 17,5 cm x 12 cm, temos que seu miolo é organizado de modo que a margem superior tenha 2,4 cm, a inferior, 1,8 cm, a interna, aproximadamente 2 cm, e a externa, 1,5 cm. Essas informações correspondem ao que Collaro define como normal. A coleção “Aplausos” parece se encaixar na edição econômica, seus livros possuem formato de 18 cm x 12 cm, miolo com a margem superior de aproximadamente 2 cm, a inferior, 2,5 cm, a interna, 2 cm, e a externa, 1,8 cm. No caso das antologias “Afrofuturismo”, há explorações diferentes no *grid* de cada uma das edições; na primeira delas, a mancha parece apertada demais, já na segunda está mais livre e na terceira encontrou-se em um meio termo, se tornando ainda assim confortável para leitura.

É interessante então perceber que há certa harmonia entre as edições de bolso, bem como o fato de que todas se destacam por sua qualidade estética, ainda que não tenha sido possível dentro desta pesquisa entender a percepção geral dos leitores de cada uma dessas coleções e editoras. A sensação, geralmente advinda de conversas informais, é a de que livros de bolso são produtos valorizados justamente por seu formato incomum e a

⁹⁴ *Ibidem*, p. 7.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 8.

facilidade de transporte; parece não ser mais uma questão a ideia de que eles tenham menor qualidade que outros livros. Dessa maneira, parece ser bastante válida a proposta de produzir a edição de bolso do livro *A Mulher de Aleduma*.

Sobre as Ilustrações

Para as ilustrações do miolo, o formato escolhido foi o de colagens ou fotomontagens. Popularizada pelos irmãos Heartfield, em um contexto político que envolvia a censura em Berlim de 1910, esse tipo de expressão imagética permite que haja um “rompimento da uniformidade da superfície da representação graças à multiplicação dos pontos de vista e à inter penetração dos diferentes fragmentos de imagens”⁹⁶. Em outras palavras, a fotomontagem propõe um afastamento da realidade, ou da representação do real, sério e factual que a fotografia normalmente pretende passar, permitindo que recortes, fragmentos, sejam feitos, e que novos significados surjam a partir da leitura dessas partes em um novo conjunto.

Em seu artigo “A Fotomontagem como Função Política” a pesquisadora Annateresa Fabris estabelece uma interessante relação entre a fotomontagem e o cinema ao dizer que “em sentido técnico nenhum filme dispensa o princípio da montagem”⁹⁷, já que a sequência combinada dos diferentes fotogramas faz acontecer o movimento. Dessa maneira, conforme um recorte é feito por quem dirige, é possível que a imagem seja adaptada à dinâmica que vai do fato ao enredo, em uma relação que Fabris vem a chamar de configuração de um novo ponto de vista.

Pensando em tudo isso – o uso da fotomontagem como essa chave disruptiva ao que já está dado, essa ideia de criação de novas possibilidades –, a nova edição de *A Mulher de Aleduma* parece ter uma ligação pertinente com as colagens, principalmente quando se entende que a republicação de uma autora negra baiana, que se lançou no mercado editorial longe dos nomes e estados estabelecidos como polos culturais lá em 1980 e que se mantém até hoje, é um recorte que traz à tona um novo ponto de vista para a leitura de um tipo de literatura que tem se tornado cada vez mais popular.

⁹⁶ FABRIS. A Fotomontagem como Função Política. *História*, São Paulo, v. 22, p. 11-58, 2003, p. 16.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 28.

Para as ilustrações utilizadas no livro, realizou-se uma longa pesquisa iconográfica em um banco de imagens com direitos livres, a Common Wiki. As imagens produzidas para o miolo projeto são inspiradas nas da segunda edição, seguindo a mesma lógica de ilustrarem o que o texto apresenta; elas, assim como a lista detalhada da composição de cada uma, se encontram em anexo (ANEXO 1). Além disso, as fotografias também estão creditadas ao final do livro. A edição delas foi feita no Photoshop e a maior parte das intervenções estéticas, sem contar os recortes, resumiu-se à transformação das cores em preto e branco, com a intenção de facilitar a composição das imagens, no sentido de que muitas vezes as cores não combinam em sua forma pura, sem a edição. Mas também para que a impressão do miolo se desse no esquema de cores 1/1, no qual é impresso em apenas uma cor ambos os lados da página, considerando os possíveis custos gráficos, mesmo que eles não tenham de fato existido.

Para a capa, a inspiração deixou de ser a segunda edição. Apresentou-se a oportunidade de explorar os detalhes da história de uma forma mais simbólica, como se a capa oferecesse dicas da história para o leitor. Por isso, usou-se como destaque a ave que Maria Vitória diz ter o cantar que é seu preferido, uma acauã; pegadas na areia para remeter a Aleduma com suas pegadas ao contrário enganando o observador; bem como uma imagem espacial, de uma nébula, para apresentar esse aspecto cósmico que o livro tem. Os elementos da imagem, com a textura e as cores são complementos da cena, para que o visual da ilha não se perca. A impressão dessa capa se daria no esquema 4/1, com a impressão frontal em escala CMYK (quatro cores: ciano, magenta, amarelo e preto) enquanto seu verso apresenta apenas uma cor.

Ao longo da criação das fotomontagens, entendeu-se que o uso da figura humana de forma tão aberta, apresenta algumas limitações. No que toca o uso das fotografias, a questão ética vem em primeiro plano; mesmo que haja a creditação dos fotógrafos e que as imagens estejam em domínio público, muitas das pessoas fotografadas não têm seus nomes apresentados. Em conversa com o professor Wagner Silva e Souza, do departamento de Jornalismo e Editoração, esse ponto interessante sobre a representação de corpos negros ganhou destaque. A maioria das fotos de pessoas que foram utilizadas nas colagens são datadas de séculos atrás e é bem sabido que o racismo na época não era mascarado, então é bastante provável que o olhar sobre os corpos fotografados apresentasse esse viés desumanizador.

Por esse motivo, para que não houvesse uma questão de objetificação – conceito amplamente explicado e explorado por intelectuais negros, que se refere às formas de representação dos corpos negros como objetos sem autonomia – ao representar esses corpos nas fotomontagens, optou-se por cobrir o rosto das pessoas, preservando sua imagem. Cabe aqui reforçar, então, que a escolha não se deveu apenas à questão estética, ainda que ela tenha sido importante para a coerência do projeto, mas principalmente porque foi considerada essa questão ética, a fim de que a representação ao mesmo tempo garantisse o protagonismo dos personagens de pele negra na história bem como devolvesse a agência dessas pessoas a seus corpos, mesmo que não mais presentes nos dias de hoje, de modo a preservar, assim, suas identidades.

Outro ponto necessário de informar, no que tange à construção das imagens, é que foi preciso elencar quais características seriam mais importantes para ser destacadas, quais poderiam ser ignoradas e, ainda, quais poderiam entrar no campo do subjetivo e da interpretação estética para a formação dos personagens. Por exemplo, o Velho Aleduma é descrito com uma longa barba, curvado e com pés virados para trás; na fotomontagem, utiliza-se uma máscara com barba mais curta, o corpo possui uma postura mais ereta e os pés são cobertos por flores de passiflora, na ideia de favorecer uma imagem mais alienígena do que a representação fiel. Maria Vitória, por sua vez, é descrita com longas tranças e tem o corpo nu, mas na fotomontagem ela tem o cabelo mais curto e usa uma saia, porém ainda se encontra contemplativa e austera, como a personagem é descrita. Isso se repete também com Irisan, que em sua descrição vive nua, mas na ilustração ela usa roupas; com dona Catilê que não é descrita com detalhes no livro, mas que na imagem tem o corpo todo coberto e o rosto pintado; e com as gráunas que, de acordo com o texto tem uma fileira de seios e andam em cavalos, mas na imagem assumem uma representação mais mística e se tornam centauros com corpos feitos de estátuas de bronze. Obviamente, tudo isso se encontra também modulado pelas limitações referentes à pesquisa iconográfica e aos programas de edição de imagem.

De forma geral, confecção dessas imagens foi demorada e cuidadosa, de forma que o seu resultado em sua unidade parecem complementar a história, como aconteceu nas outras edições, trazendo uma linguagem extratextual interessante para o texto.

Conclusão

Fazer livros é uma atividade ao mesmo tempo bastante proveitosa e complexa. Permito-me utilizar a primeira pessoa nesse momento, porque acredito ser oportuno ser franca comigo mesma nessa conclusão de curso e de pesquisa. Enquanto eu encontro muitos caminhos de atuação, muitos testados neste trabalho, como a preparação, a revisão, o estabelecimento de texto segundo os pressupostos da filologia, pesquisa iconográfica, o *design* gráfico e a análise de mercado, noto ainda o quanto difícil foi e é para a população negra ocupar esses espaços.

Na trajetória de pessoas negras parece sempre ser marcada pelo racismo, algo que ainda nos afeta tanto, que barra nosso desenvolvimento pessoal e como comunidade, e que nos machuca ao ponto de nos matar. Pude perceber avanços e retrocessos, de forma conceitual, entre minhas leituras, muitas delas vinda de autores negros, e de forma prática, observando o mercado editorial durante toda minha graduação e além dela.

Por isso acredito que Aline França e sua obra foram um achado. Foi muito empolgante perceber que em algum momento, não tão distante, uma jovem mulher negra resolveu deixar sua imaginação fluir e fez história com um alienígena afrofuturista. Seu reconhecimento com *A Mulher de Aleduma* foi merecido, pois estamos diante de uma história inventiva e cativante. E ainda que eu tenha críticas ao texto, Aline França se tornou um ponto fora na curva. Contudo, não deixo de me perguntar: quantas Alines não deixamos de ler? Quantas histórias não ficaram sem ser contadas?

Os artigos e textos que li me mostraram que mais vozes negras do que se imagina foram perdidas. Até pouco tempo percebia-se que a lógica racista e excludente do mercado editorial nada mais era do que um recorte da sociedade; apenas uma pessoa negra poderia ter destaque por vez, assim como acontece em filmes, no mercado de trabalho e tantos outros locais. É nesse sentido que vejo potência no mercado independente – mesmo que o cenário esteja mudando e que já exista espaço e mercado para que autores negros em editoras grandes, tanto nacionais quanto internacionais –, esses espaços permitem que os autores sejam bastante inventivos e exploradores em suas histórias, e garantem oportunidade de investigação e inovação por parte dos editores, seja de forma gráfica ou resgatando livros que podem estar esquecidos no mercado.

Não sei dizer que caminhos o mercado ainda vai seguir pensando em todas as possibilidades e tecnologias que no momento se fazem presentes, como o investimento pesado em *audiobooks* e o desconforto da inteligência artificial. Sei muito menos o que essas questões significam para pessoas negras e, em especial, para mim. Mas já sei pelo que eu prezo e o que eu quero defender, porque acima de tudo, e quase sempre me lembram disso, sou uma mulher negra e tenho identidade, e por isso tenho parâmetros e desejos para – tentar – transformar o mundo em um lugar melhor para se viver⁹⁸.

⁹⁸ CUTI, *op. cit.*, p. 85.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Yuri. “Escritora negra é indicada para a ALB”. *Tribuna da Bahia*, 31 out. 2020. Disponível em: <https://www.trbn.com.br/materia/I29343/escritora-negra-e-indicada-para-a-alb>. Acesso em 16 jun. 2023.
- ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Xisto e o Pássaro Cósmico*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1982.
- ARAÚJO, Emanuel. *A Construção do Livro*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2012.
- BARROS, Milaynne. *Diáspora Africana e Feminismo Negro: O Protagonismo Feminino a Caminho em Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. 2020. 225 p. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2020. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/316>. Acesso em 6 jun. 2023.
- BRAGA, Cláudio R. V. “The Visit” (2021), de Chimamanda Ngozi Adichie: Feminismo Literário e Ficção Especulativa. *Ilha do Desterro. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, Santa Catarina, v. 76, n. 1, 2 mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2023.e88181>. Acesso em 4 jun. 2023.
- BOJUNGA, Lygia. *A Bolsa Amarela*. 36. Ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2020.
- BUTLER, Octavia E. Coleção Xenogênese. 3 vol. São Paulo: Morro Branco, 2021.
- _____. *Kindred: Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2019.
- BUENO, Winnie. *Porque Você Não Acredita em Mim*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2023.
- CALASSO, Roberto. *A Marca do Editor*. Tradução: Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.
- CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CUTI. *Literatura Negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A Crítica Literária em Periódicos Brasileiros Contemporâneos: Uma Aproximação Inicial. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 54, p. 195-209, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/10.1590/2316-40185411>. Acesso em 27 maio 2023.
- _____. A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 26, p. 13-71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 4 jun. 2023.

DEAECTO, Marisa Midori. Diversidade em Ciência#39: Marisa Midori Fala Sobre Bibliodiversidade e História do Livro. *Podcast Diversidade em Ciência*. Rádio USP, 8 jun. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=535455>. Acesso em: 4 jun. 2023.

DERY, Mark. Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. In: DERY, Mark (org.). *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*. Durham: Duke University Press, 1994.

DJOKIC, Aline. *Colorismo*: O que é, como funciona. *Portal Geledés*, 26 fev. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

DUARTE, Eduardo. Literatura Afro-brasileira: Um Conceito em Construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 31, p. 11–23, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em: 5 jun. 2023.

DUARTE, Rosinês de Jesus. Gestos de Escritas de Mulheres Negras na Bahia dos anos 80. In: LOSE, Alícia Duhá; MAGALHÃES, Lívia Borges Souza; MAZZONI, Vanilda Salignac de Sousa (org.). *Paleografia e suas Interfaces*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIOT, T. S. *Ensaios*. Tradução: Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

EMICIDA; MAJUR; VITTAR, Pabllo. *AmarElo* (Sample: Sujeito de Sorte – Belchior). Compositores: DJ Duh, Emicida e Felipe Vassão. In: *AmarElo*. [S. l.]. Sony Music Entertainment, 2019. 1 CD, Faixa 10 (5min 20s).

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus Subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: A Escrita de Nós: Reflexões sobre a Obra de Conceição Evaristo*; Ilustração: Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____. Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 4 jun. 2023.

_____. “Quem me Colocou em Visibilidade Foi o Movimento Negro”, diz Conceição Evaristo. Entrevista concedida a Mariana Quadros. *Portal Geledés*. 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quem-me-colocou-em-visibilidade-foi-o-movimento-negro-diz-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

FABRIS, Annateresa. A Fotomontagem como Função Política. *História*, São Paulo, v. 22, p. 11-58, 2003.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANÇA, Aline. Entrevista concedida a Jorge de Souza Araujo. *Organismos*, Salvador, n. 0, [S. d.].

_____. Vários textos. Blog de Aline França [S. l]. Disponível em: <http://mulherdealeduma.blogspot.com/>. Acesso em 25 jun. 2023

_____. *Aline França*. Literafro. UFMG, [S. d.]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/527-aline-franca>. Acesso em 25 jun. 2023

_____. *A Mulher de Aleduma*. 2. Ed. Salvador: Editora Ianamá, 1985.

_____. *A Mulher de Aleduma*. Salvador: Organização Clarindo Silva, 1981.

FRANÇA, Christian Vinícius Bazyl de. *Design de Livros de Bolso no Brasil: A Visão das Editoras sobre o Formato*. 2019. 209 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/13841>. Acesso em: 8 jun. 2023.

GONÇALVES, S. C.; SILVA, P. A. da. As Dificuldades da Implantação da Lei 10.639/2003 e Algumas de suas Implicações. *CSONLINE – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, [S. l.] n. 28, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2018.17447>. Acesso em: 4 jun. 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Lélia Gonzalez: Primavera Para as Rosas Negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

LE GUIN, Ursula K. *A Mão Esquerda da Escuridão*. São Paulo: Aleph, 2019.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. 3. Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HOOKS, bell. *Olhares Negros: Raça e Representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

JEMISIN, N. K. *Nós Somos a Cidade*. São Paulo: Suma, 2021.

LUQUINI, J. P.; ALÓS, A. P. A Voz da Mulher em Terra Negra: Feminismo Negro e Mercado Editorial na Poesia de Cristiane Sobral. *Revista Crioula*, [S. l.], v. 1, n. 22, p. 221-242, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.150847>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MARTINS FILHO, Plinio. *Manual de Editoração e Estilo*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

MEDEIROS, Sibelle; FARBIARZ, Jackeline Lima; NECKYK, Barbara Jane. O Projeto Gráfico dos Livros de Bolso como Elemento Mediador da Leitura. *Blucher Design Proceedings*, v. 2, n. 6, p. 53-64, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/despro-v-silid-iv-simar-005>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-26062019-113147. Acesso em: 2023-06-24.

MONTEIRO, José Mavie. *O Outro Lado da Ilha*. São Paulo: Ática, 1986.

MOVIMENTO Negro Unificado. *Carta de Princípios MNU*. 18 jun. 1978. Disponível em: <https://mnu.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CARTA-DE-PRINC%C3%8DPIO-MNU-1.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista*. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; RODRIGUES, Fabiane Cristine. Panorama Editorial da Literatura Afro-Brasileira Através dos Gêneros Romance e Conto. *Em Tese*, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 90-107, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11269>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PEREIRA, Amilcar Araujo. A Lei 10.639/03 e o Movimento Negro: Aspectos da Luta pela “Reavaliação do Papel do Negro na História do Brasil”. *Cadernos de História*, [S. l.], v. 12, n. 17, p. 25-45, out. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2011v12n17p25>. Acesso em: 4 jun. 2023.

_____. “*O Mundo Negro*”: A Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

RANGEL, Edson. Afrofuturismo e Questões Políticas do Negro na Ficção Científica. *Revista de Audiovisual Sala 206*, [S. l.] n. 5, ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sala206/article/view/13798>. Acesso em: 4 jun. 2023.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. Um Olhar sobre o Romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. *Revista Literafro*, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em: 4 jun. 2023.

SÁ, Alan de; SILVA, Alec; DINIZ, G. G. *Manifesto SertãoPunk*. [S. l.], 2019. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1RaQWUa3p1RKBa2KlIyyAkvyBild7aRBk?usp=sharing>. Acesso em: 15 jun. 2023

SCHIFFRIN, André. *O Dinheiro e as Palavras*. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

SILVA, Alexandra Lima da; OHMER, Sarah Soanirina. Resenhando Autoras Negras: Feministas, Plurais e Diaspóricas. *ReDoC (Revista Docência e Cibercultura)*, v. 3, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.47165>. Acesso em: 4 jun. 2023.

SOUZA, Waldson Gomes de. *Afrofuturismo: O Futuro Ancestral na Literatura Brasileira Contemporânea*. 2019. 102 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SPINA, S. *Introdução À Edótica-Crítica Textual*. São Paulo: Ars Poetica; Edusp, 1994.

VERANO, Paulo. Entre as Corporações e os Caminhos Independentes: O Mercado Editorial em Tempos Ambivalentes. In: DEAECTO, Marisa Midori *et al* (orgs.). *Bibliodiversidade e Preço do Livro. Da Lei Lang à Lei Cortez*: Editorial (1981-2021). São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.

ZHAO, Xiran Jay. *Iron Widow*. Toronto: Penguin Random House, 2021.

Links de internet.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Diário Oficial da União*, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 4 jun. 2023.

PROJETO “Tem Cor no Ensino”. Mais informações em: <https://negre.com.br/tem-cor-no-ensino-um-projeto-sobre-visibilidade-negra/> e no Instagram: <https://www.instagram.com/temcornoensino/>.

RECONHECIMENTO: Homenagens são realizadas para importantes personalidades, na 2^a FLITEN. Fala Genefax. Berimbau Notícias, 7 nov. 2019. Disponível em: <https://www.falagenefax.com/2019/11/reconhecimento-homenagens-sao-realizadas-para-importantes-personalidades-na-2a-fliten/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

Referências das Imagens – Anexo I

Aleduma



Corpo:

PÉTER, Balassa; FORTEPAN. *Sem título*. 1934. Fotografia. Disponível em:
<https://fortepan.hu/hu/photos/?lang=en&id=56674> e
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_Native_Tribes,_african-american,_man,_portrait,_folk_costume,_barefoot_Fortepan_56674.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Máscara:

PENDE (Western). [*Máscara (Mbuya) com barba longa (Kinoyo-Muyombo)*]. Final do século XIX e começo do XX. Madeira, fibra, rafia, pigmento 62.2 x 26.7 x 14.0 cm. Museu do Brooklyn, Presente de Sr. e Sra. John McDonald, 75.193.2. Creative Commons-BY (Foto: Brooklyn Museum, 75.193.2_bw.jpg). Disponível em:
<https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/101972> e
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brooklyn_Museum_75.193.2_Mask_Mbuya_with_Long_Beard_Kinoyo-Muyombo.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Flor 1:

MILOŠEVIĆ, Petar. *Passiflora caerulea (makro close-up)*. Jardim botânico Ljubljana na Slovenia. 12 set. 2015. Fotografia. Disponível em:
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Passiflora_caerulea_\(makro_close-up\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Passiflora_caerulea_(makro_close-up).jpg). Acesso em 28 de mar. 2023.

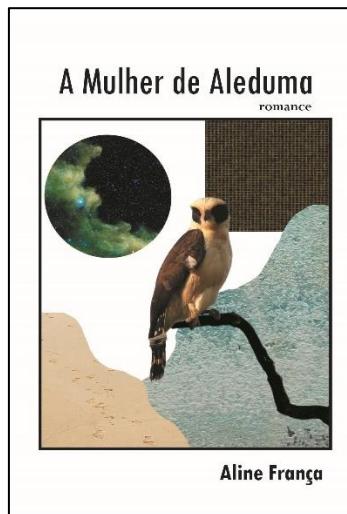
Flor 2:

PUMPKINSKY. [Flor-da-paixão (*Passiflora 'Incense'*)]. Jardim botânico de Norfolk, Estados Unidos. 3 jul. 2017. Fotografia. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Passion_Vine_NBG_LR.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Nébula:

Telescópio Hubble Space da NASA/ESA. *NGC 2207 e IC 2163*. NGC 2207 e IC 2163 quase colidindo visto pelo Telescópio Hubble Space da NASA/ESA. 4 nov. 1999, 07:00. Fotografia. Disponível em: <https://esahubble.org/images/opo9941a/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Capa



Ave:

URIBE, Félix. *Herpetotheres cachinnans*. Halcón Reí dor/Laughing Falcon/Acauã.

Ciudad Bolívar, Antioquia, Colombia. 25 jan. 2013. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/24201429@N04/8447700222/>. Acesso em 27 jun. 2023.

Areia:

COSTA, Alexandre. *Foto tirada no Parque Nacional de Fernando de Noronha durante a 32ª REFENO*. 17 out. 2019. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Foto_tirada_no_Parque_Nacional_de_Fernando_de_Noronha_durante_a_32%C2%AA_REFENO_25.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.

Galho

COLOMBI, Giovanna. Registro de um pássaro posado num galho. 23 jul. 2015.

Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazilian_tree_branches,_species_unidentified_in_2015_\(2\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazilian_tree_branches,_species_unidentified_in_2015_(2).jpg). Acesso em 27 jun. 2023.

Parede/Mar:

JAMAIRE, Laurent. Texture 2017. 2 maio 2017. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Texture_2017_13.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.

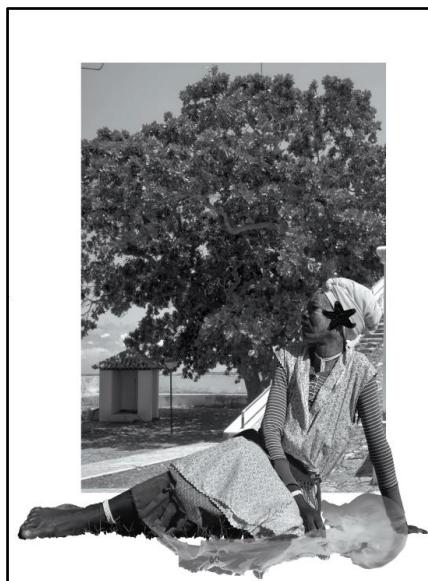
Nébula

NASA/JPL-Caltech. *PIA17553: 'Witch Head' Brews Baby Stars*. 30 out. 2013. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Witch_Head_Nebula_-_PIA17553.tif. Acesso em 27 jun. 2023.

Textura

MITCHFEATHERSTON. *Surface Texture*. 10 maio 2009. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Surface_Texture_001.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.

Dona Catilê



Corpo:

SOUTH Africa Tourism. *Xhosa woman, Eastern Cape, South Africa.* 12 ago. 2015.

Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/south-african-tourism/20512449535/> e

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xhosa_woman,_Eastern_Cape,_South_Africa_\(20512449535\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xhosa_woman,_Eastern_Cape,_South_Africa_(20512449535).jpg). Acesso em: 28 mar. 2023.

Véu:

JACHINTAPASCA. [*Pacific Sea Nettle Jellyfish*]. 21 fev. 2021. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pacific_Sea_Nettle_Jellyfish.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Cenário:

NOGUEIRA, Otávio. *Fernando de Noronha 9*. 25 out. 2021. Fotografia. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_9_\(51629337094\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_9_(51629337094).jpg). Acesso em: 28 mar. 2023.

Graúnas



Corpos:

L'Eté (fait partie du groupe Les Saisons), 1911, Bronze, Aristide Maillol, Musée Aristide Maillol de Paris. Fotografia. 30 maio 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:L%27%C3%A9t%C3%A9,_1911,_Aristide_Maillol_\(3\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:L%27%C3%A9t%C3%A9,_1911,_Aristide_Maillol_(3).jpg). Acesso em 27 jun. 2023.

Cavalo

Cavalo de bronze na praça dos touros. Morón de la Frontera, província de Sevilla, Andalucía, Espanha. Fotografia. 17 abr. 2021. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caballo_\(Mor%C3%B3n\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caballo_(Mor%C3%B3n).jpg). Acesso em 27 jun. 2023.

Máscara 1

Baulê. *Mblo Portrait Mask*, final do século 19 ou começo do século 20. Madeira, pigmentos. 34 x 21.5 x 15.5 cm. Brooklyn Museum, The Adolph and Esther D. Gottlieb Collection, 1989.51.15. Creative Commons-BY (Foto: Brooklyn Museum, 1989.51.15_front_PS2.jpg). Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/4887>. Acesso em 27 jun. 2023.

Máscara 2

Baulê. *Mblo Portrait Mask*, final do século 19 ou começo do século 20. Madeira, óleos, pigmento, pregos ferroso, 22.2 x 13.3 x 6.4 cm. Brooklyn Museum, The Adolph and Esther D. Gottlieb Collection, 1989.51.27. Creative Commons-BY (Foto: Brooklyn Museum, 1989.51.27.jpg). Disponível em:
<https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/116654>. Acesso em 27 jun. 2023.

Nébula

NIRCam Image. *Southern Ring Nebula*. NGC 3132, Eight-Burst Nebula. 12 jul. 2022. Disponível em:
<https://webbtelescope.org/contents/media/images/2022/033/01G70BGTSYBHS69T7K3N3ASSEB>. Acesso em 27 jun. 2023.

Roupa

Iorubá. *Ceremonial Sword And Beaded Sheath With Ivory Ornaments*. final do século 19 ou começo do século 20. Materiais: miçangas de vidro, pano, marfim, ferro. Dimenções aproximadas 45 cm (largura da bainha da espada), 66 cm (largura dos elementos suspensos). Presente de Mr. and Mrs. Harrison Eiteljorg. Número de acesso: 1995.115A-B (Foto: Jenny O'Donnell). Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:WLA_ima_Yoruba_royal_sword_and_beaded_sheath_2.jpg e <http://collection.imamuseum.org/artwork/55154/>. Acesso em 27 jun. 2023.

Irisan



Corpo:

WADDINGTON, Rod. *Ceremony, Hamer Tribe, Ethiopia*. 13 out. 2015. Fotografia.

Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ceremony,_Hamer_Tribe,_Ethiopia_\(21514052203\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ceremony,_Hamer_Tribe,_Ethiopia_(21514052203).jpg) e https://www.flickr.com/photos/rod_waddington/21514052203/. Acesso em: 28 mar. 2023.

Igreja:

LAURINI JR., Dante. *Fernando de Noronha*. 6 out. 2011. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igrejinha_em_Fernando_de_Noronha.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

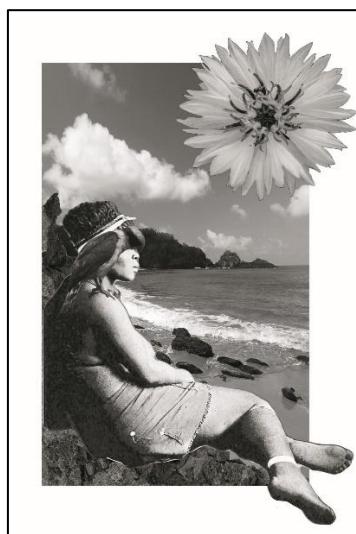
Flor:

FLOR de Taraxacum ou dente de leão. 30 mar. 2020. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fiore_di_tarassaco_o_dente_di_leone.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.

Nuvens:

Vista das nuvens em Foz do Iguaçu. 27 out. 2014. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_das_nuvens_em_Foz_do_Igu%C3%A7u.JPG. Acesso em 27 jun. 2023.

Maria Vitória



Ave:

Ave:

URIBE, Félix. *Herpetotheres cachinnans*. Halcón Reí dor/Laughing Falcon/Acauã.

Cimitarra, Santander, Colombia. 29 nov. 2011. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/24201429@N04/6554245537/>. Acesso em 27 jun. 2023.

Corpo:

LEYLAND, Ralph Watts. *Zulu Girl*. Imagem digitalizada da página 373 do livro *A Holiday in South Africa ... With map and illustrations*. 1882. Londres, Inglaterra.

Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LL1882_pg373_ZULU_GIRL.jpg e

https://access.bl.uk/item/viewer/ark:/81055/vdc_000000004194#?cv=372&c=0&m=0&s=0&xywh=-1555%2C-118%2C4461%2C2357. Acesso em: 28 mar. 2023.

Pedra:

NOGUEIRA, Otávio. *Fernando de Noronha 6*. 25 out. 2021. Fotografia. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_6_\(51628907008\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_6_(51628907008).jpg) . Acesso em: 28 mar. 2023.

Flor 1:

Centaurea cyanus. Cornflower/ Bachelor's button nos jardins do acampamento turístico Darjeeling, uma propriedade mantida por WBTDC. 17 maio 2017. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Centaurea_cyanus_or_cornflower_or_bachelor%27s_button_in_the_gardens_of_Darjeeling_Tourist_Lodge,_a_property_maintained_by_WBTDC.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.

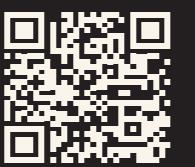
Praia:

LÁZARO, Adelano. [Praia do Sancho – Fernando de Noronha – Brasil]. 2015. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:111_Praia_do_Sancho_04.jpg. Acesso em: 28 de mar. 2023.

Anexo II – Proposta de Edição – *A Mulher de Aleduma*



Aline França nasceu em 15 de fevereiro de 1948, em Teodoro Sampaio-BA. Começou a escrever desde criança quando trabalhava com seus pais na agricultura. Além de imaginar novos mundos para pessoas negras, dizem que ela também se interessa por pintura. *A Mulher de Aleduma* é seu segundo romance.



Link para o site da autora.
Conheça outras obras.

O velho Aleduma pisava com firmeza aquela areia de brancura infinita, deixando seus pés nela impressos. Alguém que observasse aquelas pegadas jamais imaginaria que a direção indicada pelos retratos daqueles pés não correspondesse à direção verdadeiramente seguida pelo velho. Com certeza, ficaria abismado ao saber que os pés de Aleduma e seus companheiros eram voltados para trás e, possivelmente, questionaria:

— Como se explica que os descendentes desses negros tenham os pés voltados para a frente e não para trás, como os seus originadores?

O cheiro de folha queimada se espalhava, fazendo o povo gritar com mais entusiasmo.

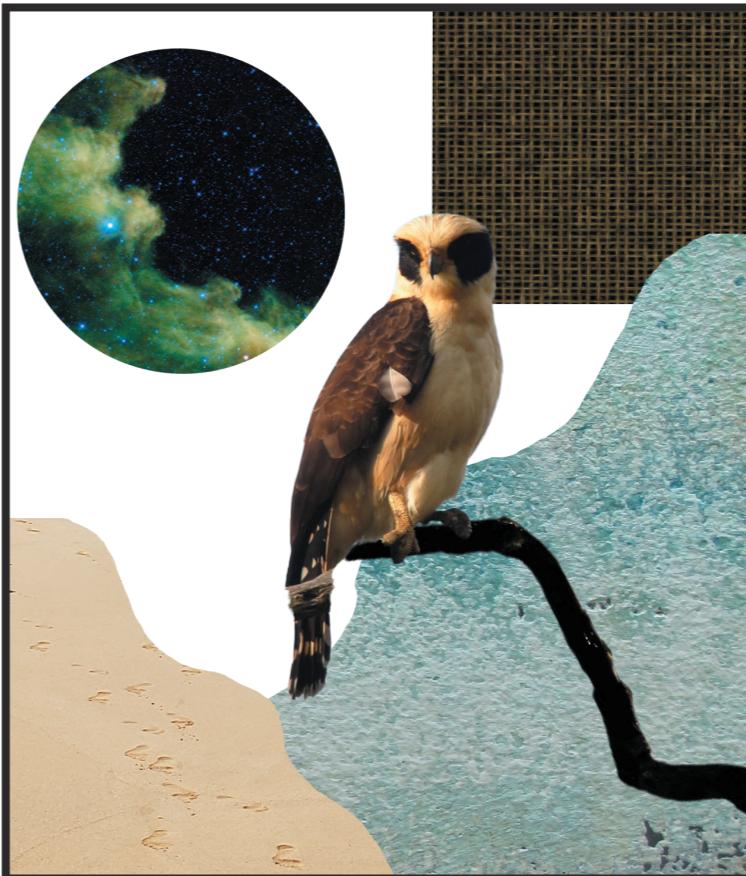
A multidão se aproximava do Lago Azul, que formava uma pequena ilha chamada “Filha Doce de Aleduma”. A extensão de terra não era grande, porém os animais que nela habitavam sentiam-se tranquilos. A caipora saudava os participantes da festa com um silvar cheio de mistério. Maria Vitória não parava de dançar, os cabelos trançados roçavam a bunda nua, seu corpo retorcia-se com rapidez. Ajoelhada, ergueu os braços em direção ao Lago Azul. Um brilho intenso — ora vermelho, ora verde — circulava. Maria Vitória falava em voz alta:

— A chuva de granizo que caiu recentemente anuncia a chegada dos seus amigos. Estamos felizes e cheios de fé pelas presenças que nos são tão importantes.

Aline França — A Mulher de Aleduma

A Mulher de Aleduma

romance



Aline França

Maria Vitória é a representante de Aleduma e do povo de Ignum, um grupo extraterrestre de grande capacidade mental. Ela também é querida e respeitada por todos os habitantes de Coinjá, a ilha de Aleduma. Ali a comunidade vive em paz até passar por momentos difíceis ao serem expostos ao estrangeiro.

Maria Vitória e o velho Aleduma protegem Coinjá e os habitantes como podem, mas os perigos que assombram a vida daquele povo são vários, desde seres místicos que sequestram os homens até a ganância daqueles que vão à ilha em busca de riquezas que ninguém tem certeza de existirem.

É dessa maneira que ao apresentar algumas reflexões sobre o papel de pessoas negras na literatura, de forma direta e indireta, Aline França acena para a construção de futuros possíveis por meio de uma escrita Afrofuturista e da exaltação a organização em comunidade.



A Mulher de Aleduma







A Mulher de Aleduma

romance



Aline França

São Paulo, 2023





Copyright © 2023 por Aline França.

Transcrição e edição do livro *A Mulher de Aleduma*, escrito por Aline França em 1985 para fins de estudo. Todos os direitos reservados.



Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.



Edição: Camila Gonçalves

Foto da autora: Fliten









Nota Editorial

A edição produzida por este trabalho é uma edição fidedigna modernizada da obra *A Mulher de Aleduma*, da escritora Aline França, que usou como base para a transcrição do texto a segunda edição da obra anteriormente mencionada, a saber, a edição de 1985. Indispensável dizer que a recuperação do documento foi completamente indireta, isto é, em nenhum momento houve o manuseio físico dos livros. Inicialmente, o contato se deu por meio de fotografias de baixa qualidade do livro, em sua íntegra, disponibilizadas por Milaynne Barros¹ no começo de 2021. Foi feita também uma consulta à primeira edição, que atualmente se encontra no CEAO-UFBA, e foi recebida no final de 2023 por meio de uma aluna da UFBA, o que ajudou a recuperar algumas características da obra, como as diferenças nas escolhas gráficas e textuais, permitindo que, dessa maneira, um quadro maior sobre o texto fosse formado.

Ao reeditar o texto, foi feita uma série de escolhas e intervenções com base nos fundamentos da Ecdótica, a ciência de estabelecimento crítico fidedigno de uma produção literária, que possui uma metodologia própria. Esse processo teve





o intuito de recuperar a última versão do texto que a autora conseguiu alterar. Emanuel Araújo, em *A Construção do Livro*², indaga “qual o seu justo limite para proceder as alterações num texto escrito por outrem?”. Também, como pontuou o orientador deste trabalho, sem o aval da autora é impossível fazer alterações estruturais no texto. Durante o período de feitura deste trabalho houve duas tentativas de contato com a autora, que até 2019 ainda estava em atividade, como visto em um registro anterior. Ambas as tentativas ocorreram de forma eletrônica pelos e-mails disponíveis no blog da autora: “alinefranca.escritora@gmail.com” e “alinesf@ufba.br”. Esse contato foi atualizado em 2010, então é possível que a autora não tenha mais acesso a eles. Também foi levantada a possibilidade de procurar o contato de Aline França com a organização do evento FLITEN; no entanto, essa ideia não foi executada, uma vez que o evento parece não mais existir.

A seguir haverá a exposição de um resumo dos passos realizados até a finalização da edição deste livro; também um esboço das etapas será feito e as motivações que levaram a elas serão justificadas. Os critérios da Ecdótica foram seguidos, estabelecendo tanto uma preocupação artística, para não alterar a voz da autora, como uma preparação textual para publicação, com a atualização segundo o Novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigência em 2008. Além disso, o texto foi submetido a um processo de normalização: o emprego de maiúsculas e minúsculas, assim como das notas, seguiu os critérios de uniformização editorial, tal como prega a obra usada como referência, o *Manual de Edição e Estilo*, de Plínio Martins Filho³.

Há diversas categorias de edição, como a fac-similar, a diplomática, a diplomática-interpretativa e a modernizada. A primeira se refere à edição idêntica ao original: graças à tecnologia do *scanner* é possível reproduzir fielmente uma obra



específica por meio de suas imagens digitalizadas. A segunda procura preservar por completo o texto-base. A terceira, como indica Segismundo Spina⁴, significa um passo além na interpretação do original, pois representa uma tentativa de melhoramento do texto mediante a realização de intervenções e correções de erros. Por fim, a edição fidedigna modernizada, que é o caso deste projeto, atualiza a ortografia, corrige erros, padroniza o texto e interfere minimamente na pontuação, já que a preferência é por preservar o critério estilístico do autor.

Em relação à metodologia da Ecdótica, existem três passos fundamentais segundo Spina⁵: a *recensio* (recensão), a *collatio* (colação) e a *emendatio* (emendação), que correspondem, respectivamente: ao levantamento de todas as edições e textos publicados pelo autor em vida, bem como textos que se referem a obra; à organização dos materiais mais relevantes para a obra e comparação entre as edições recolhidas, observando os erros comuns; e à correção e emendas do texto-base a partir da etapa anterior.

Para entender o processo aplicado neste trabalho, algumas datas serão mencionadas para que a cronologia não se perca. Como já afirmado, *A Mulher de Aleduma* teve duas edições, mas para a primeira etapa – a da recensão, o estabelecimento do texto-base – a segunda edição, recebida em 2021, foi escolhida. O primeiro passo em 2022, então, foi a transcrição diplomática da edição de forma integral, ou seja, com a manutenção de erros e a preservação da ortografia e pontuação, sem intervenções. Após esse procedimento, foi vista a necessidade de confirmar trechos do texto que estavam com baixa legibilidade no documento disponível, de forma que houve o contato com bibliotecários da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa-UFBA, os quais disponibilizaram os trechos em melhor qualidade para que a trans-



crição fosse finalizada. Assim que esse processo terminou, a pesquisa por textos que fizessem referência à obra *A Mulher de Aleduma* começou. O já mencionado *blog* da autora foi um bom ponto de partida, mas foram encontrados também diversos materiais que auxiliaram na organização de um *corpus* substancial desse livro, composto por matérias de jornais, relatos e artigos sobre as obras da autora, a maioria com foco em *A Mulher de Aleduma*, e alguns outros com foco nos demais livros dela.

Paralelamente a isso, a busca pelo texto da primeira edição também foi feita, mas a obra só foi encontrada e comparada para que a colação fosse realizada em 2023. O processo de organização do *corpus* e de comparação entre as edições recolhidas se mostrou proveitoso, uma vez que se constatou que trechos longos da edição de 1981, que conferiam maior contexto à história, foram previamente excluídos. Os textos encontrados sobre a autora ajudaram a organizar informações sobre a vida dela, bem como sobre a trajetória do livro e a recepção do público. Entretanto, não foi possível encontrar informações sobre os ilustradores das obras, apesar das várias combinações de busca que foram feitas na internet, bem como das perguntas à filóloga Rosinês Duarte; nem mesmo ela tinha informações sobre os dois ilustradores.

Com essas etapas concluídas, o objetivo no processo de emendação foi tornar o texto acessível ao leitor atual e fornecer a ele recursos que garantam uma melhor compreensão da leitura. Assim, a nova edição realizou a atualização da ortografia de diversas palavras em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, como vocábulos que levavam o extinto sinal do trema, como “tranquíilos”, “intranquíilos” e “freqüentar”. Além disso, diversos termos que antes estavam escritos no singular quando deveriam estar no plural ou respeitando o tempo verbal



empregado foram atualizados. Também foi adotado o acento circunflexo em nomes próprios como “Antônio”, de Santo Antônio do Categeró. Palavras como “ante-sala”, foram atualizadas respeitando o Novo Acordo. Também perderam o acento agudo palavras que continham os ditongos abertos “ei” e “oi”, como “idéia”.

Além disso, os trechos excluídos da edição de 1981 para a de 1985 foram transcritos e incluídos na edição que conclui este trabalho como notas de rodapé, uma vez que foi considerado que a obra não teria sua qualidade diminuída com o acréscimo daqueles trechos. Importante dizer que nessa edição as notas também funcionam para marcar palavras atualmente em desuso, vocabulários e mitos distantes do leitor comum e alterações de vocábulos entre as edições.

Seguem alguns exemplos dessas notas, no trecho:

O vento soprava frio, os habitantes dormiam, as casas que rodeavam a praça estavam embandeiradas para a festa de Santo Antônio de Categeró, seu padroeiro milagroso⁶.

Com a referência ao mito de Santo Antônio de Categeró, surge, então, a nota explicativa:

Antônio de Categeró foi um homem livre nascido no norte da África, no século xv, que foi sequestrado, levado à Itália e vendido como escravo. Ele trocou sua religião de formação, o islamismo, para o cristianismo nesse último período e se tornou referência por sua devoção. Ele é símbolo de conforto e cura para fiéis até hoje.

Já no trecho:



Bernardo despertou bocejando, estirando os ombros, e disse em tom de mau grado:
— Não gosto mais do chilrar das maria-é-dia,
e sim, das acauãs⁷.

A nota única explica o que é um *chilrar* (cantar), o que é uma *maria-é-dia* (espécie de aves. Medem cerca de quinze centímetros de comprimento, têm as partes superiores cinzentas, topete com branco escondido entre as penas, asas com duas faixas esbranquiçadas e barriga amarelada. É uma espécie considerada oportunista) e uma *acauã* (espécie de aves. Medem cerca de 47 centímetros de comprimento, têm plumagem amarelada, dorso escuro, possuem uma faixa negra na região dos olhos, que se estende até a nuca, e cauda negra. É uma espécie conhecida por seu canto, emitido no crepúsculo e ao alvorecer, e é considerado mal agourado e prenunciador de chuvas).

Por fim:

— Enterrarei o seu corpo debaixo da árvore mais frondosa, a árvore cujos frutos servem para prolongar nossas vidas. Meu filho será sempre lembrado no choro de cada criança que venha nascer do estupro — disse Maria Vitória, entre soluços⁸.

Nesse caso, a edição de 1981 traz “nesta ilha” ao passo que a de 1985 usa “do estupro”. Não fica claro o motivo da troca, mas pareceu interessante marcar essa troca para o leitor. Importante dizer que esse tipo de nota e marcação foi observada em outras obras que fazem o mesmo processo de resgate textual, a saber: a edição de *Ursula* de Maria Firmina dos Reis, organizada pela editora Antofágica, e a coleção dos



folhetins de Nelson Rodrigues, da editora HarperCollins no Brasil.

Na medida em que a proposta é se aproximar ao máximo da edição aprovada pela autora, o arranjo da edição fidedigna será concentrado na exposição do texto integral com a notas.





'Notas de fim'

1. Milaynne Barros cita o livro de Aline França em sua tese de Mestrado *Diáspora Africana e Feminismo Negro: O Protagonismo Feminino a Caminho em Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, publicada em 2020 pela Universidade Estadual do Piauí. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/316>. Acesso em 6 jun. 2023.
2. ARAÚJO. *A Construção do Livro*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2012, p. 56.
3. MARTINS FILHO. *Manual de Editoração e Estilo*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.
4. SPINA. *Introdução à Edótica-Crítica Textual*. São Paulo: Ars Poetica; Edusp, 1994.
5. *Idem*, p. 68.
6. FRANÇA, A. *A Mulher de Aleduma*. 2. Ed. Ianamá, Salvador, p. 14.
7. *Ibidem*, p. 14.
8. *Ibidem*, p. 79.









Aleduma é uma gênese que se movimenta pelo avesso¹.

1. MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-26062019-113147. Acesso em: 24 jun. 2023.







Em certo continente da Terra, há milênios atrás, proveniente do espaço longínquo, surgiu um negro de aparência divina, com a missão de iniciar a proliferação de uma raça que, futuramente, viria a se tornar, na história desse continente, um componente de relevante importância. Era Aleduma, um deus negro, de inteligência superior, vindo do planeta Ignum, governado pela deusa Salópia. Seu porte altivo, pele reluzente, ligeiramente corcunda, com os pés voltados para trás, barba trançada caída até o chão, davam-lhe um aspecto singular. Veio para a escolha do local onde se desenvolveria a raça negra.

Em Ignum era dia de festa em honra à deusa Salópia. As mulheres usavam bonitos penteados e seguravam firmemente suas lanças de tiumja. Estavam preparadas para montar no *izibum*, animal feroz, que bufava e enfrentava-as com seus grandes cornos. A vencedora teria como prêmio uma viagem ao planeta Terra e, juntamente com o parceiro que já fora vencedor em uma competição anterior, viajaria para povoar a região escolhida pelo velho Aleduma.

Aleduma acompanhava telepaticamente o desenrolar dos acontecimentos em Ignum e se preparava para o encontro com o casal, já a caminho da Terra.





O velho Aleduma encontrava-se em uma floresta densa, de árvores verdejantes e animais ferozes que – curiosamente – foram se tornando mansos e amigos daquele ser desconhecido. Era como se o ambiente sofresse modificações para brindar aquele encontro que, a qualquer momento, ocorria ali, entre as árvores. O deus negro estendeu as mãos e num gesto místico, mostrou ao casal recém-chegado a região a ser povoada dizendo:

— Eis o vosso novo lar, dá-lhe frutos e cuida bem do vosso solo.

O casal extasiado percorria com os olhos todos os cantos. Estavam nus e mostravam seus órgãos genitais que, curiosamente, tinham formas bem diferentes. O pênis trazia, em toda a extensão, uma película que lembrava uma barbatana de peixe, e desembocava na região do ânus. A vagina possuía uma adaptação em um dos lábios que se acoplava àquela película do pênis, formando verdadeiras peças correspondentes durante o ato sexual. Com isso, a prole aumentaria cada vez mais e aquela região da Terra seria povoada conforme o estabelecido por Ignum.



Algumas modificações genéticas ocorreram nesses descendentes, talvez motivadas pela ação do ambiente no casal procriador. Já se percebia que os pés não eram totalmente voltados para trás como acontecia com seus progenitores, assumindo uma posição lateral que determinava nesses indivíduos uma postura acentuadamente curvada para frente.

Os negros de Ignum não possuíam células nervosas típicas, mas uma bolsa localizada no cérebro, cheia de cargas elétricas, que regulavam todas as sensações do corpo, dando-lhes um potencial de inteligência muito elevado.





A população originada aqui na Terra já trazia neurônios típicos e credice de inteligência, embora sendo mais reduzido do que seus originadores.

O velho Aleduma via com satisfação o cumprimento da sua missão. A raça negra estava implantada na região escolhida. Milhares e milhares de anos se passaram, e o deus negro observava as transformações genéticas que se operavam em seus descendentes. Todos agora tinham os pés voltados para a frente, o corpo ereto e o caminhar possante, apesar do grau de inteligência ser bem menor que o seu.

Só ele continuava íntegro geneticamente.

Iignum, planeta de mar, dos mais belos e majestosos, exercia uma total influência nos mares terrenos. A bravura da maré aqui, na Terra, era coordenada pela atividade do mar de Iignum, o grande mar, o rei dos mares, o começo e o fim de todos os mares do universo. Quando a maré se tornava vazante na Terra era porque o mar de Iignum se encontrava calmo como a brancura de uma pomba que, serenamente, voa nos céus.

O velho Aleduma sentiu um chamado de Salópia e se preparava para a partida. Dirigiu-se a seu povo e com voz mansa lhes disse:

— Devo partir, mas não temais, sereis superiores aos sofrimentos que virão...

Iignum era toda festa para receber o velho Aleduma que, sorridente e reverentemente, se dirigiu até a deusa Salópia que estendeu a mão direita, tocou na sua testa e observou:

— O seu regresso nos alimenta, energeticamente. Somos todos fluidos benéficos...



A tempestade caiu sobre os negros da Terra. Aquele sofrimento previsto pelo velho Aleduma estava presente, a escravidão tomou conta daquela gente, o canto alegre do *ibedejum*¹ emudeceu e toda a história do continente estremeceu.

Agora o vazio se abateu sobre seus sítios. Seus filhos estavam espalhados por todos os cantos da Terra, pisoteados pelo egoísmo branco, acorrentados pelo desejo branco do senhor feudal, tudo consoante as previsões de Aleduma. O Preto Velho, chefe tribal, invocava a ajuda de Ignum:

— Oh! velho Aleduma, volte e salve-nos.

Coinjá, ilha maravilhosa, com sua paisagem reposante, praias de areias alvas e lua de beleza pálida, foi o lugar escolhido para o refúgio dos negros que conseguiram fugir das amarras da escravidão. Talvez ali estivesse o local apropriado para um recomeço de povoação.

Preto Velho, homem reconhecido pela sua nobreza de chefe, estava ali e na sua mente se retratavam as tribos por ele comandadas em épocas passadas.

Um brilho de esperança surgiu-lhe nos olhos, e ele invocou Aleduma, dizendo:

— Obrigado, deus negro. De agora em diante, este lugar será chamado por todos de Ilha de Aleduma e aquela ilhotita de águas azuis será o teu refúgio.

O tempo passava e a Ilha de Aleduma crescia. Agora já se viam casas, uma praça singela era a rede dos labutadores.

1. Considerando o contexto ficcional da história, a edição entendeu a existência de uma licença poética da autora para criar nomes e palavras que condiziam com o contexto da ilha e da população que ela imaginou, é possível que ela tenha se baseado em sons do idioma Iorubá. Por isso, algumas palavras ficarão sem definição.



Era bom sentar-se nas sombras daquelas árvores frondosas e dormir um sono da liberdade.

O vento soprava frio, os habitantes dormiam, as casas que rodeavam a praça estavam embandeiradas para a festa de Santo Antônio de Categorical², seu padroeiro milagroso.

A janela da casa amarela abriu-se e uma mulher sorriu com o amanhecer. Uma carroça puxada por cavalos brancos atravessava a praça quando ela fechou a janela. Andou lentamente pela sala deserta, dizendo em voz alta:

— Levanta-te, Bernardo. Acorda, homem de Deus! A carroça já está passando, a maria-é-dia já está cantando.

Bernardo despertou bocejando, estirando os ombros, e disse em tom de mau grado:

— Não gosto mais do chilrar³ das maria-é-dia⁴, e sim, das acauãs⁵.

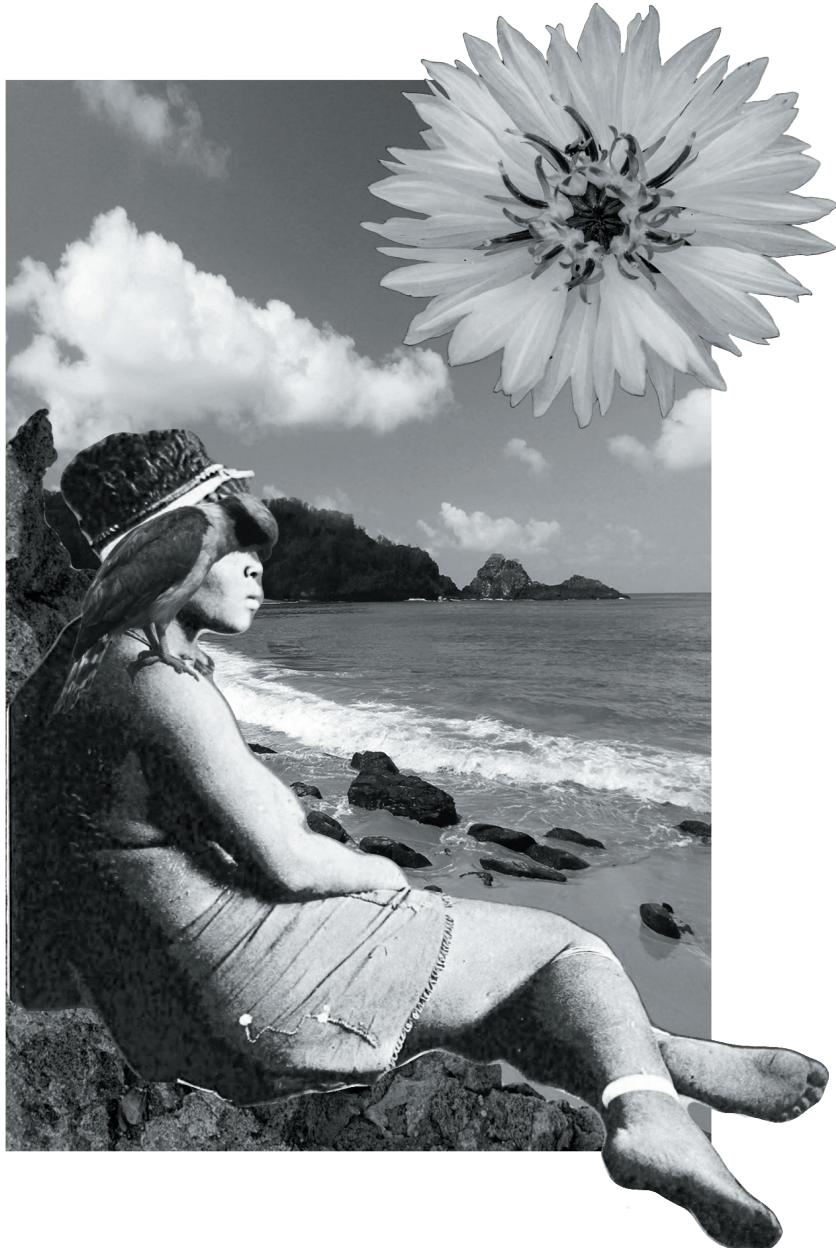
Com passos incertos, dirigiu-se à fonte que havia debaixo do ingazeiro, sentou-se tocando o flautim de bambu. Maria Vitória cantava abanando o fogo de lenha:

2. Antônio de Categorical foi um homem livre nascido no norte da África, no século xv, que foi sequestrado, levado a Itália e vendido como escravo. Ele trocou sua religião de formação, o islamismo, para o cristianismo nesse último período e se tornou referência por sua devoção. Ele é símbolo de conforto e cura para fiéis até hoje.

3. Cantar.

4. Espécie de aves. Medem cerca de quinze centímetros de comprimento, têm as partes superiores cinzentas, topete com branco escondido entre as penas, asas com duas faixas esbranquiçadas e barriga amarelada. É uma espécie considerada oportunista.

5. Espécie de aves. Medem cerca de 47 centímetros de comprimento, têm plumagem amarelada, dorso escuro, possuem uma faixa negra na região dos olhos, que se estende até a nuca, e cauda negra. É uma espécie conhecida por seu canto, emitido no crepúsculo e ao alvorecer, e é considerado mal agourado e prenunciador de chuvas.





Ai se eu fosse uma gaivota vaidosa
Atravessava todo esse mar
Pra ver como vive o povo
Do outro lado de lá
Tem vida diferente da gente
Mas eu quero é viver com o povo de cá
Hum... hum... hum... assim gemeu de sofrer
A gaivota que caiu no mar.

Aquela voz macia quebrava o silêncio do amanhecer. E quando o sol marcava meio-dia, todos os homens que se encontravam na praça de Santo Antônio de Categorical estavam enrolados no manto de couro. A multidão desordenada avançava alegremente em direção à igreja. A areia pardacenta, soprada pelo vento uivante, formava uma grande nuvem. A figura esbelta da negra Maria Vitória corria em direção à multidão, emitindo um som rouco com um grande chifre. O povo dançava. As vestes de palha que usavam deixavam à mostra seus belos corpos. Uma criatura manca carregava o pesado estandarte⁶ arroxeadão, com os rostos de Maria Vitória e de um velho soridente impressos. A costura brilhante fazia o diadema⁷ do velho resplandecer:

—Viva Santo Antônio de Categorical! Nossa padroeiro!
—Viva o velho Aleduma! Nossa sábio!
—Viva Maria Vitória! Nossa deusa!
Gritavam algumas mulheres de vestidos abaloados.

O velho Aleduma pisava com firmeza aquela areia de brancura infinita, deixando seus pés nella impressos. Alguém

6. Bandeira.

7. Adorno de metal ou estofo, ricamente decorado, como os que são utilizados nas representações de Orixá nas religiões de matriz africana



que observasse aquelas pegadas jamais imaginaria que a direção indicada pelos retratos daqueles pés não corresponde à direção verdadeiramente seguida pelo velho. Com certeza, ficaria abismado ao saber que os pés de Aleduma e seus companheiros eram voltados para trás e, possivelmente, questionaria:

— Como se explica que os descendentes desses negros tenham os pés voltados para a frente e não para trás, como os seus originadores?

O cheiro de folha queimada se espalhava, fazendo o povo gritar com mais entusiasmo.

A multidão se aproximava do Lago Azul, que formava uma pequena ilha chamada “Filha Doce de Aleduma”⁸. A extensão de terra não era grande, porém os animais que nela habitavam sentiam-se tranquilos. A caipora saudava os participantes da festa com um silvar cheio de mistério. Maria Vitória não parava de dançar, os cabelos trançados roçavam a bunda nua, seu corpo retorcia-se com rapidez. Ajoelhada, ergueu os braços em direção ao Lago Azul. Um brilho intenso — ora vermelho, ora verde — circulava. Maria Vitória falava em voz alta:

— A chuva de granizo que caiu recentemente anunciava a chegada dos seus amigos. Estamos felizes e cheios de fé pelas presenças que nos são tão importantes.

O brilho intenso desapareceu, lentamente, no centro da Filha Doce. Bernardo disse com segurança:

— Hoje todas as jovens de Aleduma terão de atravessar a praça. Todas flori-coroadas, da mesma maneira como aconteceu quando Maria Vitória adquiriu o poder. Nossa sábio deseja que outra de nossas virgens ajude minha irmã nas viagens

8. A localização da ilha não fica explícita, mas é possível entender pela leitura que ela fica no centro do Lago.



à Filha Doce, pois as mensagens aumentaram ultimamente com o desenvolvimento mundial.

Imediatamente, belas mulheres apareceram. Impossível afirmar o número exato delas que, despidas, sorriam de mãos dadas. As flores que formavam as coroas faziam um bonito colorido. Ali estava o belo espetáculo que a natureza oferecia àquela ilha perdida. Elas estavam firmes, silenciosas, e Bernardo continuou:

— Todos nós sabemos que a eleita será escolhida pelo velho Aleduma e seus convidados.

Um ruído estridente de metal quebrando foi ouvido, e Irisan, uma jovem do grupo, começou a falar:

— Sinto meu corpo tremer, meu pensamento se concentra em Ignum, tenho desejo de dançar... dançar... dançar...

Com olhos fixos em Irisan, Bernardo disse:

— Tua mente se encontra em Ignum, mas o seu corpo está entre nós. Deem a água doce da pureza para Irisan beber, depois lavem seus pés. Foi ela a escolhida.

Irisan deu alguns passos para a frente e miniaturas de atabaques foram entregues para as outras jovens. Com um toque agradável, Irisan dançava articulando suas mãos. Maria Vitória cantava:

Eles vieram de Ignum
Para te escolher
Dança! Dança! Dança, Irisan!
Os negros de Ignum são justos
Querem que você fique com o poder.

O brilho piscante reapareceu. Irisan disse, ofegante:

— Juro ser fiel ao meu povo e ao povo de Ignum! A partir desse momento nenhum tecido tocará meu corpo, terei os olhos e a mente aguçados até penetrar no interior de



cada estrela. Atenderei seu chamado, velho Aleduma, através dessas irradiações.

As ovelhas que pastavam nas margens do Lago Azul deram passagem a Maria Vitória, que dizia para Irisan:

— Diga ao povo que voltarei dentro de três dias. Ele me chama, é uma emergência.

— Será que houve arrependimento na minha escolha?

— Estou decepcionada com seu primeiro pensamento. O velho Aleduma não se arrepende das atitudes que toma. Por favor, reserve a energia da mente.

Padre Ibero se encontrava no meio da multidão. Ouviu perfeitamente Irisan, que transmitia o recado, e mostrou-se preocupado. Disse para Bernardo:

— Compreendo que o velho Aleduma é poderoso, mas o que me faz ficar triste é que não ouço vocês falarem no nome de Deus. Acham o velho Aleduma superior?

— Nossa fé em Deus continua, padre, porém não temos culpa de nos comportarmos da mesma forma que nossos pais, avós, bisavós... ah... ah... ah...⁹ Estou recordando a emoção de Mucujá quando era jovem, e viu o velho Aleduma pela primeira vez.

Mucujá, homem mais velho da ilha, conhecedor de todos os segredos, guarda consigo o baú com os documentos em que está relatada a sequência dos fatos que se sucederam em Aleduma.

— Não sei o que pensar, não sei o que dizer... — foi dizendo o padre Ibero, protegendo-se da chuva que ameaçava cair.

Bernardo apertou-lhe firmemente a mão, dizendo:

— Sinto muito, padre, aliás, peço-lhe perdão, mas tenha certeza de que se o velho Aleduma está entre nós é porque o Olorum, o Deus maior, o permitiu.

9. Essa parece ser a forma que a autora decidiu grafar as risadas.



A trepadeira de flores azuis tomava toda a fachada da casa amarela. Bernardo, tristonho, sentou-se no pequeno banco, friccionando os dedos num copo e emitindo sons agradáveis. O barulho da porta se abrindo despertou-lhe a atenção. Mucujaí pigarreou várias vezes:

— Bela manhã, hein, Bernardo?

— Sim, desejaria que Maria Vitória estivesse aqui para participar da alegria das acauãs...

Depois de uma grande pausa, Bernardo perguntou:

— O que tem a me dizer? Percebo quando você está preocupado.

— Bem... eh... não quero ser pessimista, também não tenho culpa de enxergar as profundezas, vejo que o Lago Azul irá mudar a cor da água. Um dos documentos, que estão guardados no baú, relata acontecimentos trágicos toda vez que ocorre essa mudança de coloração nas águas do lago.

Bernardo puxava as tranças da barba. A outra mão apoiaava o queixo.

— Você acha que o Lago Azul mudará a cor das águas com Maria Vitória ausente? Isto é impossível, Mucujaí.

— Você não pensou em nada quando viu sua irmã nadar tão apressada? Observou o comportamento das ovelhas depois que Maria Vitória passou por elas? As ovelhas ficaram agitadas, depois se deitaram gemendo.

— Lembre-se, filho, que quando seu bisavô escreveu os documentos que se encontram no baú, ele estava extasiado pelo chá das raízes, mas nem por isto devemos deixar de acreditar que um período mau se aproxima.¹⁰

Naquele momento, Irisan recebia presentes e cumprimentos.

10. Pelo contexto é possível entender que esta fala também é de Mucujaí, não fica claro em nenhuma das edições o motivo desta quebra.



— Qual o seu maior desejo, sendo a nossa segunda maior deusa? — perguntou Sulamita, filha de Ogadi.

— Espero, com toda minha humildade, que um dia seja convidada a visitar Iignum, este é meu sonho desde criança.

— Tem que se preparar muito, Irisan. Os negros de Iignum têm a mente mais avançada do que nós aqui da Terra. — disse a bela Sulamita, com olhar triste.

— Não se esqueça, Sulamita, de que o povo da Ilha de Aleduma é o único da Terra que possui a mente capaz de se aproximar à mente do povo de Iignum, e quando Maria Vitória visitou a deusa Salópia, ela sofreu transformações mentais a ponto de suas mentes se igualarem. O que devemos fazer é meditar com bons pensamentos para que os cientistas não nos descubram; iríamos ser explorados até esgotar a nossa energia.

Irisan sentiu o corpo cobrir-se de energia, e uma chama dada pelo Lago Azul fez com que ela se despedisse de Sulamita, dizendo:

— Outra hora continuaremos esta conversa, agora tenho que partir.

Enquanto Irisan se afastava, Sulamita dizia ao povo:

— Quando as águias do verão aparecerem, amarrarei nas suas garras diversas mensagens alertando o mundo do poder das nossas mentes. Quando estes pioneiros pesquisadores chegarem, ficarei à disposição deles e lhes informarei tudo o que me perguntarem.

— Olhe, Bernardo, Irisan está se dirigindo para o Lago Azul — disse Mucujaí, que se encontrava encostado na janela a observar a Filha Doce de Aleduma.

Bernardo levantou-se correndo e temerosamente disse:

— E as águas do lago ainda estão azuis?

Mucujaí responde com tristeza:



— A transformação está ocorrendo. Algo realmente tristonho para o nosso povo está por acontecer.

Mucujaí se despedia de Bernardo quando a porta foi aberta violentamente, entrando dona Catilê, ocultando as lágrimas e dizendo:

— Mucujaí, nossa filha chegou e está sentada na porta da igreja, falando o que não deve. Sulamita foi me avisar.

— Como pôde acontecer uma coisa dessas? — indagou Mucujaí. — Irei imediatamente até a igreja.

— Espere-me, Mucujaí! — gritou Bernardo.

— Não é preciso...

Com gesto brusco dirigiu-se a Irisan:

— Você está traindo a confiança do velho Aleduma?

— Minhas desculpas, papai. Prometo não repetir. Não falei de nada grave, esse povo é testemunha. Alguém falou coisas perigosas, chocantes, mas não fui eu, sua filha.

Sulamita interferiu, agitada:

— Ela falava de Ignum; até a coroa da deusa Salópia! Disse que é de búzio sem valor.

— Falei da coroa, mas não acrescentei seu valor.

Sulamita continuava, agitada:

— Quem deveria ser a deusa da Ilha de Aleduma sou eu, sei segurar a língua. Quando Maria Vitória chegar, falarei a respeito.

— Maria Vitória não lhe dará atenção. Você está aborrecida por não ser a escolhida do velho Aleduma. Sabe muito bem que a inveja e a ambição nunca existiram entre nós, pela primeira vez o povo se assusta com tal coisa.

Sulamita começou a falar, e entre soluços, caiu¹¹ aos pés de Irisan:

11. Na primeira edição é dito que Sulamita cai deitada aos pés de Irisan.



— Perdão, Irisan, prometo tirar essa coisa horrível que quer se apoderar de mim.

— Dê-me a mão, filha. Vamos, levante-se... — Disse Mucujaí, acariciando os cabelos de Sulamita.

Bernardo vestia calças de tecido estampado bastante folgadas, cinto largo apertando a cintura. Os cabelos trançados caíam-lhe nos ombros nus, seus olhos brilhavam e ele caminhava sem pressa, contra o vento, pisando na areia fria. A lua seguia seus passos. Pensava:

— Oh! Olorum, Deus maior, faça com que o velho Aleduma não continue a perder o contato com Ignum. A mudança de Sulamita me amedronta.

Irisan se aproximava, tendo na cabeça alguns pedaços de madeira amarrados, e, de repente, parou. Bernardo ouviu-a dizer, com lentidão, como se estivesse hipnotizada:

— Vejo a cidade grande ligada à nossa ilha por uma estreita ponte, e todos nós estamos caminhando sobre ela com insegurança. Há muitos rostos tristes de despedidas. Vejo nossos adolescentes jogando-se nas águas para demonstrar rebeldia. Não! não! não! Quantos atormentados querem nos acorrentar! Soltem-me! Não terão forças para tanta injustiça! O povo de Ignum está vindo salvar-nos!

Bernardo sacudiu Irisan várias vezes:

— Você tem febre muito alta, o que diz deixa-me preocupado. É uma visão muito estranha.

Maria Vitória, emergindo das águas, depois de nadar de volta, torcendo os cabelos molhados, disse:

— Um homem da cidade grande está para chegar. Não virá com boas intenções. Tive conhecimento do que digo... vinte e quatro horas de antecedência da última lua cheia.

Bernardo surpreso, olhou para Maria Vitória:



— Você, junto ao velho Aleduma, poderá impedir que tal desgraça aconteça.

— Ele acabou de me dizer que está perdendo o contato com Iignum frequentemente. Se a febre energética falhar, seremos dignos de piedade. É melhor reunirmos o povo e avisá-lo dessa última mensagem.

Maria Vitória falava em praça pública:

— Ouça, povo de Aleduma. Nossa ilha será invadida pelo povo da cidade grande, e o velho Aleduma não pode nos encontrar pessimistas, para que não sejam registrados pensamentos que não nos conduzem a nada. Se a febre aparecer em alguns de vocês, não será preciso recorrerem aos chás de dona Catilê. A mudança de temperatura é uma energia natural que o nosso sábio irá distribuir para nos proteger. Não façam nenhum comentário e deixem que os fatos se desenrolem.

Uma voz, rouca e chorosa, surgiu:

— Minha mente recusará essa proteção oferecida por você ou Irisan. Irei à Filha Doce, falarei com o velho Aleduma e lá me abastecerei de energia — disse Sulamita, ironicamente.

— Serás bem recebida, Sulamita, mas teu arrependimento virá bem depressa. Lembra-te que a Filha Doce é central energética de comunicação do nosso povo com Iignum. Somente eu e, agora, Irisan temos o direito de receptar essa força e trazê-la até vocês — argumentou Maria Vitória.

E Bernardo, em voz alta:

— Na madrugada de ontem foi aberto um antigo envelope, dentro do qual encontramos um documento que relata a traição de uma mulher. Pergunto: será ela de Aleduma, de Iignum ou mesmo de uma grande metrópole? O documento ficará exposto na parede da igreja.

Todos os olhares se voltaram para Sulamita...



Passada a tormenta da preparação do povo de Aleduma, os dias transcorreram tranquilos, parecendo desmentir toda aquela visão de Irisan e a afirmação de Maria Vitória.

Bernardo carregava o balaio com raízes para que Maria Vitória preparasse os bolinhos dos anciãos. Padre Ibero alimentava os pombos que tomavam toda a frente da igreja. Os pássaros gorjeavam pausadamente nas árvores floridas do jardim. Todas as manhãs, como era de costume, Irisan encontrava-se distribuindo frutas na praça. Bernardo visitava os anciãos, levando os bolinhos que sua irmã preparava com carinho. A cada um aconselhava:

— Bebam a seiva que lhes dou e comam os bolos que lhes trago, sem se preocuparem com a chegada dos homens da cidade grande.

— Vamos, Mucujaí, beba a seiva que servirá para prolongar a sua vida.

— Pra que continuar a viver, Bernardo? Com cento e oitenta e sete anos de idade, sei muito bem o que está para acontecer, não quero ver o meu povo sofrer. Não quero o desprazer da civilização em minha cara.

— Mas o velho Aleduma irá a Ignum pedir socorro...

— Sim, você é jovem, não sabe o que eu sei.

Mucujaí fez pausa demorada e começou a falar enquanto desenhava o rosto do velho Aleduma na areia.

— Ele irá a Ignum, as portas serão lacradas com ele lá dentro. Irão fazer vários projetos. Enquanto isso, as coisas vão piorando. Eu quero morrer, Bernardo! Morrer!

— Não fale assim, Mucujaí, estou triste, mas meu coração está cheio de esperanças.

Mucujaí começou a desenhar a deusa Salópia de Ignum e disse, entre soluços:

— Quando o Lago Azul mudar a cor da água, não estarei mais aqui, mas ao lado dos meus, que já se foram:



Mucujaí parou de falar, ficou a admirar os raios seguidos pelos rugidos dos trovões. Com a calça dobrada até os joelhos, camisa amarrada na cintura, começou a correr em direção ao Lago Azul. Seus gritos eram ouvidos à distância:

— Meu pai, Olorum, está me chamando! Vejo seu olhar convidativo, misturado com o raio! Ouço sua voz de trovão! Bernardo, ele quer que eu vá pra junto dele! Já vou, meu Pai!

— Espere, Mucujaí! Escuta, homem! Compreendo que Olorum irá proteger seu espírito, mas é preferível que continue vivo entre nós. Gosto de você, velho amigo!

— Não posso, Bernardo, esqueceu que as graúnas da Gruta de Coinjá estão à minha procura? Esqueceu que os homens da cidade grande estão pra chegar? Estou velho, não tenho forças suficientes para ajudar a expulsar esses vândalos, é preferível a morte!

— A morte? Você tem a força da mente, é melhor que a força física.

— Tem razão, Bernardo. Espero que um dia o velho Ale-duma me perdoe, mas um homem que morre para não ver seu povo sofrer não é um covarde.

Imediatamente, várias mulheres de porte elegante, montadas em cavalos cinzentos, fizeram um círculo em volta do homem desesperado. Eram as graúnas da Gruta de Coinjá, mulheres valentes. Sentiam-se prazerosas em aprisionar homens com mais de cem anos de idade para trabalharem na Gruta de Coinjá. Haviam galopado apressadas. O suor fétido que caía dos corpos formava um caminho de ziguezague. Uma¹² mulher de turbante colorido falou com Mucujaí:

12. No original usa-se o artigo definido “a”, no entanto, nenhuma mulher foi especificada ainda, só o coletivo delas. A intervenção com o uso de “uma” teve intenção de generalizar a menção.



— A Gruta de Coinjá lhe espera, Mucujaí. Você já fugiu da primeira vez, a segunda, temos certeza, não acontecerá. Este é o seu cavalo.

Mucujaí olhou para o magro cavalo de dentes à mostra e disse, com tristeza, acariciando o animal:

— Você irá levar-me para aquele lugar belo e maldito. Espero que Olorum e o velho Aleduma estejam, comigo, neste momento tão cheio de angústia.

Mucujaí pôs-se a bradar:

— Sinto repugnância por vocês, *graúnas*! A experiência que tive na Gruta de Coinjá quase me enlouqueceu. Sei que vão me obrigar a sentir prazer erótico com animais. A bestialidade já tomou conta de suas mentes.

Entre gritos, mirando toda ilha como se estivesse procurando algo em que pudesse se agarrar, sua voz surgiu abafada:

— Adeus, Aleduma! Adeus, meu povo! Vocês venceram, *graúnas* desgraçadas!

— Não somos desgraçadas. É verdade que na Gruta de Coinjá é obrigatório qualquer ato sexual entre homens e animais, mas, em compensação, os prisioneiros têm boa alimentação e ótima acomodação, ah! ah! ah! — disse a mulher afagando a fileira de mamilos, que começava na axila e terminava no meio da cintura.

— Vamos, Mucujaí, não gostamos de ser vistas, o povo começa a se aproximar — gritou uma mulher de voz rouca.

— Oh! Olorum! Parece um sonho! Mucujaí, voltando para a Gruta de Coinjá. Um negro forte e corajoso ser vencido por essas *graúnas*... — lamentou Bernardo.

— Desça deste cavalo, Mucujaí! As *graúnas*, há muitos anos, prometeram ao velho Aleduma que aqueles que conseguissem fugir da Gruta de Coinjá jamais seriam obrigados a voltarem! — gritou Maria Vitória, que chegava com segurança e ameaça.



Disse, então, a mulher de mamilos, temerosa:
— Peça desculpas ao velho Aleduma por nós. Diga-lhe que viemos buscar Mucujaí, porque esquecemos o acordo. Que deixem o homem livre!

Mucujaí desceu rapidamente do cavalo e começou a rolar na areia, gargalhando e gritando ao mesmo tempo:
— Viva, Maria Vitória! Maria Vitória, nossa mulher de verdade! A Mulher de Aleduma!

Algumas pessoas respondiam aos elogios, sorrindo e batendo palmas.

Os cavalos se afastaram, levando as graúnas. O odor das mulheres servia de comentários e brincadeiras.

— Parem com isso! — interrompeu Maria Vitória. E, depois de uma pausa, pediu que lhe falassem um pouco da Gruta de Coinjá.

Mucujaí começou a falar:

— Na Gruta de Coinjá, as graúnas vivem em verdadeira mordomia. Ah! quantas maravilhas! Elas possuem um córrego de água tão fria, as mesas com pratos tão saborosos! Depois da ceia, os prisioneiros são obrigados a lavar seus pés, e elas sentem cócegas. Começam a nos beliscar, e somos proibidos de sorrir. A gruta é bem extensa, nas paredes aparecem¹³ pinturas de monstros de asas largas, com cabeça humana. Há gravuras, nas pedras, de estranhas máquinas descendo do céu. Algumas delas ficam de sentinela, sempre montadas em belos cavalos. Os escorpiões vivem sobre nossas camas.

— Você chegou a trepar¹⁴ com algum animal? — perguntou Maria Vitória, com certa curiosidade.

13. “Aparecer” aqui parece ser sinônimo de “existir”.

14. Na 1^a edição do livro a palavra é “copular”, não fica claro o motivo da troca.



— Felizmente, no dia em que marcaram essa cerimônia, com segui fugir no meio da madrugada. Mas assisti a uma fêmea de burro ser estrupada. Foi a cena mais cruel que meus olhos já viram.

Maria Vitória, pondo a mão no ombro de Mucujaí, disse:

— Os rituais das graúnas são um verdadeiro absurdo! Vamos, Mucujaí, a vida continua, homem. Dona Catilê está à sua espera!

— Minha mulher é maravilhosa, ficou em casa orando por mim.

Existiam registros históricos sobre as graúnas da Gruta de Coinjá, seu comportamento em épocas anteriores, os rituais que realizavam por toda a gruta, ainda em vigor. A lenda dizia que a origem das graúnas datava de muitos milênios e que algumas dessas mulheres transformavam-se em centauros, apesar de nem todas aceitarem essa metamorfose.

As diferenças culturais entre o povo de Aleduma e as *graúnas* eram grandes. As oportunidades de contato, muito raras. A evolução cultural do povo de Aleduma era um fato, enquanto que as *graúnas* preferiam trancar-se em seus mistérios.

A intenção das *graúnas* era menosprezar a importância dos costumes do povo de Aleduma, principalmente combatendo cruzamento normal entre homens e mulheres. Isso havia causado uma série de controvérsias. Já haviam convidado oficialmente, o povo de Aleduma para um encontro em praça pública, para discutirem seus valores. Maria Vitória havia respondido:

— Vocês, *graúnas*, nos fazem sofrer náuseas, além disso são neuróticas que merecem nossa piedade.

Na Gruta de Coinjá havia uma fronteira delimitada por uma cerca de cordas com certo tipo de eletricidade, coberta



de flores que serviam de desabafo para os prisioneiros quando sentiam saudades dos familiares e dos amigos. Mucujaí, por exemplo, chamava a grande roseira de “minha bela Catilê” e as rosas que começavam a nascer eram chamadas de “Irisan do papai”. Fechava os olhos, sentia que o córrego era o Lago Azul. O gemido das graúnas, dormindo, parecia o canto dos pássaros que durante o verão saudavam a Aleduma.

Bernardo passava próximo à fonte e viu Sulamita, de olhos fechados, deixando água cair no rosto.

— Como vai, Sulamita? — perguntou ele, sem demonstrar a preocupação que sentia.

— O velho Aleduma continua a perder o contato com Ignum?

Bernardo respondeu, encolhendo os ombros:

— Por que ver o seu povo sofrer?

Sulamita saiu correndo e gritando:

— Quero ver o velho Aleduma destruído! Destruído!

Bernardo começou também a gritar:

— O povo chorará de alegria quando ver o teu arrependimento!

Padre Ibero celebrava a missa de ação de graças para que a data do desespero não fosse tão violenta, conforme diziam os documentos. No sermão, advertiu:

— Aproxima-se a data esperada, sabemos do perigo que nos ameaça. Devemos confiar em Deus e em Santo Antônio do Categeró para que tenhamos calma e tudo seja resolvido sem violência, sem derramamento de sangue. Para que não haja dor sem prantos. Para que esses homens, que não querem aceitar Deus no coração, cheguem e partam imedia-



tamente do mundo de onde vieram. As grandes cidades não nos metem inveja. Somos fiéis cordeiros de Deus, por isso amamos a paz.

Irisan falou baixinho, ao ouvido de Maria Vitória:

— Veja o ar de felicidade de Sulamita.

— Eh! ela está muito estranha ultimamente.

Sulamita começou a gargalhar, interrompendo padre Ibero. E, entre sorrisos:

— Não fiquem aí orando, pensando que o espírito do Rei Coinjá tomou conta de mim. Estou perfeita, entenderam? Perfeita! Estou é cansada da paz eterna desta ilha.

— Sua voz soava com agressividade. O comportamento de Sulamita causou grande silêncio.

Na manhã seguinte, padre Ibero foi procurar Ogadi, pai de Sulamita, e sugeriu:

— O medo de Sulamita é tão grande que a faz proceder desta maneira. Precisamos ter um entendimento com ela.

Sulamita, que se encontrava na praia, foi se aproximando de padre Ibero.

— Bom dia, Sulamita! Sua fisionomia está bem melhor do que a de ontem na igreja — cumprimentou o padre, sorrindo.

— Não adianta seu disfarce, padre. Não estou arrependida das minhas palavras. Vou repetir. Quero ver o velho Aleduma destruído! — respondeu Sulamita, esfregando o dedo polegar no nariz do padre Ibero.

Sem se abalar, o padre foi dizendo, com muita calma:

— Não vim aqui reviver suas palavras, a sua dor. Quero conversar como amigo. Posso saber o que a modificou?

Entre soluços, Sulamita começou a falar:

— Sonhei que o velho Aleduma havia me escolhido para ser a segunda deusa da ilha. Acordei muito feliz, mas foi tudo ao contrário. Quero que aquele velho continue a perder o contato com Ignum.



Padre Ibero suspirou profundo, e preconizou:
— Deus não ficará satisfeito vendo sua inveja. Irisan foi a escolhida, mas um dia você poderá ser eleita também.
Sulamita muito nervosa disse:
— Vou preparar uma surpresa para o povo desta ilha. Talvez as *graúnas* da Gruta de Coinjá possam me ajudar.
— Espero que mude de ideia, antes que seja tarde demais. Estarei à sua espera quando quiser desabafar e ser perdoada.
Padre Ibero se despediu. Sulamita gritou:
— Não volte mais a esta casa, padre. Vou contar aos estranhos que você nunca foi ordenado.
— Que devemos fazer, Ogadi? O desequilíbrio de nossa filha aumenta assustadoramente. — comentou dona Odasá com voz tristonha.
— Tenho uma solução: vamos trancá-la num quarto até os estranhos deixarem a ilha — respondeu Ogadi, com voz trêmula.

Passaram-se quase duas semanas. Sulamita, trancada, recusava-se a se alimentar. Padre Ibero foi contra tal castigo. Maria Vitória reuniu todas as mulheres da ilha na Igreja de Santo Antônio do Categeró, para discutirem uma maneira de ajudar dona Odasá. Maria Vitória dizia:

— Sulamita não pode continuar trancada naquele quarto, sem nada comer, sem nada beber. Nós mulheres, não vamos deixá-la pensar que terminou seu direito de viver.

Fazendo uma pausa, Maria Vitória continuou:
— Falei com o velho Aleduma sobre essa mudança de Sulamita. E ele me disse: — “A jovem que citei nos documentos não é Sulamita. Estou quase sem energia. Preciso entrar em contato com Ignum. O movimento da Terra em



torno do sol está atrapalhando. Não posso ficar inerte, esperando que ela se movimente em torno de si".

As mulheres deixaram a igreja, conversavam no jardim da praça. Irisan colhia raízes as margens do Lago Azul. Padre Ibero folheava livros antigos, quando ouviu algumas batidas na porta.

— Sulamita! Entre, minha filha! Sabia que viria me procurar! — disse em voz alta.

— Padre! Sou eu, Irisan! — e sua voz era cheia de desespero.

— Minhas desculpas, Irisan, pensei que era Sulamita. Por que está aí, tão agitada? — diz o padre, surpreso.

Irisan, de olhos arregalados:

— Eles chegaram!

— Quem?! — Perguntou padre Ibero, fechando o livro.

Apontando para o caminho, Irisan começou a falar:

— Sim, colhia frutas na margem do Lago Azul, e alguns homens ficaram me observando. Eles estão me seguindo.

— Mas não existe nenhuma embarcação no porto! Como chegaram?! Ah! sim... sei como vieram. Já estava esquecido... — disse padre Ibero, pensativo.

Abraçando-se com ele, repetia em soluços:

— Devemos ser fortes!

Padre Ibero colocou as mãos sobre sua cabeça, procurando confortá-la.

— Permaneça calma... muito calma...

Calma que foi quebrada com batidas na porta:

— Abram essa maldita porta! Seja lá quem for, abra imediatamente! — gritaram os estranhos enfurecidos.

Padre Ibero obedeceu. Um homem começou a falar:

— Salve, padre, estamos procurando um símbolo sexual.

Onde a escondeu?

Padre Ibero balançou a cabeça várias vezes e respondeu:







— Senhores, a jovem que procuram é uma das representantes da pureza que existe em cada habitante desta ilha.

O estranho continuou:

— Sinto que os homens desta ilha não gostam de mulheres. Faço questão de ensinar como se dorme com uma fêmea apetitosa. Prefiro a mulher, mas meu amigo aqui não é de ficar olhando.

Padre Ibero disse com segurança:

— Santo Antônio de Categorical é testemunha dessas palavras tão cheias de pecados. Saibam que aqui é a casa de um santo milagroso.

O homem empurrou o padre, dizendo:

— Vamos! Deixe de conversa, não vê que estou excitado?

Um soluço foi ouvido, o homem se aproximou do armário onde se guardavam os milagres de Santo Antônio de Categorical e exclamou satisfeito:

— Ah! está escondidinha aqui... venha fazer-me carinhos... adoro ser... vamos, encoste sua boca na minha, não sabe o que está perdendo... vou ensiná-la a beijar... é assim... agora você vai me...

Naquele momento Maria Vitória dava o alerta:

— Minha mente registra um perigo bem próximo, acabo de receber mensagem de Ignus! Vamos, corram todos para a igreja!

Maria Vitória corria, seguida pela multidão. Chegando à igreja gritou:

— Padre Ibero! Padre Ibero! Estamos aqui!

A porta foi aberta, dois homens nus saíram, deram alguns passos e logo em seguida caíram desmaiados.

Dona Catilé foi a primeira a perguntar:

— Eles... eles conseguiram?

Irisan respondeu, enxugando as lágrimas:



— Não, Santo Antônio de Categorical **nos**¹⁵ protegeu.
Mucujaí disse preocupado:
— Padre Ibero, o que aconteceu?
O padre começou a falar:
— Seguiram Irisan que veio procurar proteção, tentaram nos seduzir; quando tocaram em nossos corpos, disseram que estavam sentindo um choque elétrico.
— Por que desmaiaram? — perguntou Bernardo.
Padre Ibero respondeu:
— Disseram que o teto estava desabando, e o piso tremendo. Então entraram em pânico.
Irisan perguntou com certo embaraço:
— Estão mortos?
— Não — explicou Bernardo.
Sulamita não parava de sorrir. E olhando para Irisan;
— Irisan não quer que esses homens morram. Aliás, nós mulheres, queremos esses homens cheios de vida.
Uma voz arrogante surgiu:
— Mas o que fizeram com meus empregados? Eles estão nus e... e... desmaiados.
— Pergunte para a justiça dos céus — respondeu padre Ibero.
Bernardo, com voz segura:
— Eles mesmos tiraram suas roupas. Quando voltarem a si, faça-lhes as perguntas desejadas.
O homem começou a falar:
— Permitam que me apresente. Sou Hermano de Alencar, dono desta ilha. No testamento que meu avô deixou conta esta ilha como herança minha. Pretendo morar aqui, ser amigo de todos, ser amigo de verdade.
Bernardo perguntou:

15. Originalmente Irisan fala “me protegeu”, no entanto, o padre fala mais abaixo que os homens tentaram seduzir tanto Irisan quanto ele.



— O que foi mesmo que o senhor acabou de dizer?

— É, meu rapaz, não tenho o costume de repetir palavras. Digo-lhe que irei mudar o nome da ilha para Refúgio dos Prazeres.

Bernardo nada respondeu. Hermano, irritado, foi falando em voz alta:

— As maiores ilhas de nudismo do mundo terão inveja de nós!

O silêncio continuou. Hermano não parava de falar:

— Ninguém pergunta como eu cheguei até vocês? Não estão preocupados com a minha chegada? Ah! estão pensando que eu surgi das ondas deste mar. Vá, homem da caverna, diga alguma coisa? — desafiou Hermano, dirigindo-se para Bernardo, que respondeu com um sorriso calmo:

— Nós sabemos que o senhor percorre grandes distâncias submarinas para nos espionar com o seu “Grittus III” e o “Isabella I”. **Acha que** conhece¹⁶ todos os nossos costumes, mas fique certo de que nós jamais nos adaptaremos às suas ideias tão sujas.

Transpirando, emocionado, Hermano começou a indagar reticente:

— Mas... mas..., esta revelação me deixa encabulado. Quem lhe informou sobre os meus submarinos? Quem é o informante?

— O velho Aleduma deu o direito à minha irmã registrar fatos a grande distância — disse Bernardo, sacudindo a cabeça vagarosamente.

Hermano esboçou uma gargalhada estrondosa:

— Está manifestando, amigo? Quem é este velho Aleduma?!!!

¹⁶ Originalmente Bernardo diz “conhece”, no entanto, fica contraditório uma vez que Hermano faz várias perguntas sobre os costumes da ilha e não sabe quem é o velho Aleduma, o que significa que ele pode ter apenas um conhecimento superficial.



— Sinto muito, senhor Hermano, seu caráter não permite que saiba fundamentos sobre o velho Aleduma.

Hermano olhava para Maria Vitória e disse descaradamente:

— Vão para o inferno com fundamentos, perguntei apenas quem é o bruxo!... A propósito, foi a você que o tal bruxo revelou a existência dos meus submarinos?

Enquanto falava, apertava fortemente os seios empinados de Maria Vitória, fazendo-a gemer de dor e, torturando-a ainda mais com palavras, dizia:

— Gosto de ver uma fêmea gemer e gritar de dor nos meus braços. O amor brutal me faz muito bem. Sinto prazer em ver o sangue de um negro rolar em minhas mãos, assim... assim...

Bernardo olhava assustado aquela cena; via naquele rosto sádico de Hermano, o rosto do senhor feudal a maltratar um escravo e, não se contendo, pulou em cima daquele animal humano, dizendo:

— Largue-a, bandido sujo, o sangue que você fez escorrer dos seios de minha irmã é tão puro que poderia lavar a sua alma aniquilada.

— Vou levá-la para o submarino e descobrir os segredos dessa mente registradora — disse Hermano soridente.

Bernardo rangeu os dentes e se projetou conta Hermano que rolou no chão. Vencido, este sacou o revólver, atingindo o peito de Bernardo para logo em seguida se afastar correndo, num gesto típico dos covardes.

Bernardo foi carregado, dona Catilê cuidava dos ferimentos e chorando pedia ajuda a Santo Antônio de Categorical e ao velho Aleduma.

O povo continuava em frente da casa amarela esperando a melhora de Bernardo. Já era madrugada e ele delirava:



— Vejo minha irmã e o velho Aleduma montados em cavalos dourados. Olorum se aproxima trazendo uma roupa branca para eu vestir... por favor, Maria Vitória, diga a ele que não posso morrer! O povo grita por mim... ah! ah! ah! darei a seiva mortal aqueles que trouxeram a violência para esta ilha... eu... eu... eu... amo o povo... e tive de fazer aquilo, pois você não poderia ser desvirginada por aquele...

Já se comentava na ilha que Maria Vitória um dia se casaria com um homem ainda desconhecido. Ela não queria concentrar-se para saber realmente quem seria o pretendente. Irisan aconselhou-a a procurar dona Catilê, que faria previsões fantásticas através das estrelas. Maria Vitória ficou com olhos brilhantes de felicidade quando dona Catilê começou a falar:

— Ele representa a alma dos justos, está confuso sem saber qual o caminho que deverá tomar para vir ao seu encontro. É belo e corajoso, não posso negar que é um verdadeiro amante.

— Quando é que vou tocar no seu corpo, dona Catilê? Tenho ânsia de conhecer este homem, pelos sonhos percebo que ele é desejado por muitas mulheres — disse Maria Vitória, emocionada.

Dona Catilê encheu as mãos com o tradicional véu lilás, balançou a cabeça várias vezes e respondeu:

— Não sei, minha filha, pode ser hoje, pode ser amanhã, ou daqui a cem anos.

— Será que ele é de Ignum ou da Terra?

O riso gracioso continuava nos lábios de Maria Vitória.

Dona Catilê respondeu:

— O velho Aleduma sabe quando será o grande dia em que este homem pisará nesta areia. Por que não pergunta a ele?



— Tenho vergonha, o velho Aleduma poderá pensar que quero dormir com um homem antes do tempo determinado.

Dona Catilê ficou calada. Maria Vitória finalizou:

— A senhora sabe o dia que ele irá chegar, mas está proibida de falar. Obrigada, dona Catilê. Recomendações a Mucujái.

— Obrigada, vá em paz...

O mar cheirava forte, o vento sussurrava, o sol se escondeu de vergonha e uma criança chorava em silêncio. Maria Vitória falou da janela:

— Podem voltar para suas casas. Bernardo apresenta uma ótima recuperação. Concentrem suas mentes em Ignum, por favor.

O povo obedeceu, silenciosamente. E saiu ouvindo o canto triste de Maria Vitória.



Numa manhã ensolarada, Maria Vitória recebeu a visita de Irisan. Conversaram sobre a chegada dos estranhos. Maria Vitória fez uma grande pausa e falou com docilidade:

— Ele veio esta noite, beijou-me com carinho. Olhava-me com olhos tão cheios de ternura e, ao mesmo tempo, parecia sentir compaixão, de tudo e de todos. Meu corpo parecia uma borboleta bailando nos seus braços fortes. Bailava... bailava... bailava... ao som da música dos sonhos.

Irisan disse, demonstrando contentamento:

— Ele não se demorará, acredice, Maria Vitória.

— Como pode afirmar? Ouviu conversa dos mais velhos?

— Não, apenas pressentimento.





A primavera havia chegado, toda a ilha estava perfumada. A Filha Doce também ficou com seu campo colorido. Hermano procurava adquirir a confiança do povo. Pediu desculpas a todos, jurou ter se arrependido de derramar o sangue de pessoas tão queridas, o povo dava atenção somente para evitar novos aborrecimentos, pois não confiava naquele que trouxe a violência, a desordem.

Ele foi à casa de Mucujaí pedir informações:

— Mucujaí, o que faz o velho Aleduma? De onde veio? Qual o meio que Maria Vitória usou para descobrir meus submarinos?

Continuando a brincar com o macaco de estimação, Mucujaí falou calmamente:

— Aqui ninguém nunca se atreveu a trair o velho Aleduma. Só posso dizer que o senhor não nos engana. Pensando em nos destruir no último Natal, deixou família reunida e veio nos espionar com o seu “Grittus iii”.

Hermano disse, com olhos assustados:

— Mas, isso é verdade? Afinal de contas, quem são vocês? São de outro mundo? Estou confuso. Tem alguém gemendo nesse quarto, quem é?

— Sulamita, minha sobrinha, está muito doente.

— O que tem ela? Posso visitá-la?

— Não, prefere não ver ninguém.

— Não vou insistir. Voltarei num outro dia para saber as informações — disse Hermano, apertando as mãos de Mucujaí.

Chegando ao submarino, ele conversava com a esposa, dizendo:

— Magnólia, minha queria, essa gente sabe que eu os espionei no último Natal. Estou perplexo com tamanha revelação.

A mulher parou de escovar os cabelos e respondeu:



— Tem que descobrir quem é esse tal de velho Aleduma.

— Vou esperar Tadeu chegar. Faremos uma investigação cuidadosa — disse Hermano, apertando o queixo.

— Esses habitantes daqui parecem um bando de animais perigosos.

Magnólia falava mirando-se seriamente no espelho. Depois, disse, sorrindo:

— Reconheço que sou uma bela mulher.

Hermano bateu no ombro da mulher, dizendo:

— Seu marido está pensando em como chegar ao velho Aleduma e você aí, falando de beleza? Saiba, minha querida, que este povo é inteligente e atualizado, apesar de não haver meio de comunicação. Acredito que o velho Aleduma seja um bandido de alta periculosidade que quer roubar os minérios aqui existentes, e pela vivacidade que possui, conseguiu a confiança dessa gente.



Numa grande cidade, o jovem milionário Tadeu de Abrantes e Abrantes cuidava dos grandes investimentos do pai, dono de uma grande empresa espalhada por todo o mundo. O pai achava-o competente e ofereceu-lhe o cargo de presidente da Abrantes e Abrantes.

— Senhor Tadeu, ligação. É dona Igdes — disse a secretária.

— Obrigado, senhorita. Diga, mamãe!

— Meu filho, já marquei consulta. Gláucio estará no consultório, à sua disposição, no horário da tarde. Não esqueça!

— Não estou doente, mamãe. Você se preocupa por nada.

— Irei com você, Tadeu. Seu pai nos espera no consultório.



— Espere! O que disse, mamãe? Gláucio é psiquiatra.
Acredito que não estou precisando dele.

— Até mais tarde, meu filho. Ponha a secretária na linha.

— Pois não, até logo mais.

— Meu bem, fale baixinho, não deixe ele perceber nossa conversa. A febre voltou?

— Não se preocupe, dona Igdes, estou falando de outra sala. A febre voltou, fê-lo ficar adormecido, encostado na poltrona. Dizia que a areia estava macia e muito fria, não parava de dizer que a amava de verdade. Coitado do senhor Tadeu.

— Pronunciou o nome da tal mulher?

— Falou alguma coisa que eu não ouvi direito.

Dona Igdes começou a soluçar, dizendo:

— Estou há muitas noites sem dormir, ele conversa a noite inteira com essa mulher imaginária.

— Faço votos que ele fique logo curado — finalizou a secretária.

Dona Igdes colocava o telefone lentamente no gancho, quando Eleonora, amiga de infância de Tadeu, entrou na sala, dizendo:

— Acho um verdadeiro absurdo obrigar Tadeu a ir a um psiquiatra!

Dona Igdes respondeu:

— Você ama Tadeu... Espero que nunca assista às crises que ele tem tido ultimamente.

— O que a senhora está escondendo de mim? Por acaso Tadeu escolheu outra mulher?

— Existe outra mulher, mas não se preocupe, é irreal.

— Irei com a senhora ao consultório de Gláucio.

Eleonora não parava de roer as unhas. Dona Igdes aconselhava:

— Não fique tão tensa, Eleonora. Não há de ser nada. Tadeu anda esgotado de trabalho. Quase todos os dias está viajando, a Abrantes e Abrantes está crescendo assustadoramente.



À tarde Tadeu se dirigiu ao consultório.

— Olá, meu caro e amigo doutor Gláucio.

— Tadeu! Há quanto tempo não o vejo? Como estão os negócios? — disse Gláucio, sorridente.

— Tudo bem, Gláucio. Tenho viajado, inaugurando filiais da Abrantes e Abrantes. As exportações e importações estão aceleradas.

— Você veio fazer uma consulta ou falar da Abrantes e Abrantes? Estou aqui para saber o que está acontecendo com você! — interpelou Eleonora, nervosamente.

— Vou falar com Gláucio a sós. Não vai entrar, Eleonora... a grande Eleonora... — disse Tadeu.

A seguir, ao entrar¹⁷, revelava seu grande segredo a Gláucio:

— Espero que entenda o que quero explicar. Existe uma mulher. Nem mesmo sei como se chama, só sei dizer que a amo e sou correspondido. Ela vive numa ilha: nós nos encontramos através de uma sonolência agradável, quero dizer, maravilhosa. Acredite, Gláucio, não estou doente. Tenho consciência do que digo. Quero a sua opinião, e pedir que não trate desse assunto com ninguém.

— Não é preciso pedir segredo, sou um profissional — disse Gláucio calmamente, e, logo em seguida, perguntou:

— Você já esteve nessa ilha? Ela sabe que você é um homem rico?

— Já estive na ilha através da sonolência que acabei de falar. Quanto à posição social que ocupo, não interessa para ela. O que acha importante é o meu amor, é o meu caráter. Ela é uma mulher negra e linda.

Gláucio fez uma pausa demorada, depois disse:

17. Originalmente esse descriptivo das movimentações dos personagens não existe, mas algumas foram inseridas nesta edição para fazer o texto fluir de maneira melhor.



— Está muito cansado, e sendo vítima de uma alucinação. Aconselho umas férias imediatamente. Quero dizer, poderá perder o controle emocional... Vamos tomar férias juntos, lembraremos dos velhos tempos.

— Você, meu melhor amigo, acha que não estou falando a verdade?! Acredita que estou doente? Vá para o inferno, Gláucio! Esta mulher existe e eu a amo, entendeu? Eu a amo! — gritou Tadeu, chorando.

— Calma, Tadeu. Não estou dizendo que você esteja doente ou que esteja mentindo.

— Não volto mais ao seu consultório. Nem você nem ninguém acreditará em mim.

A porta foi aberta, Tadeu olhou para todos na antessala.

— Ninguém a tirará de mim. Ela tem a docilidade do mel. Seus olhos possuem raízes profundas, que falam pela sua alma cándida...

— Mas... mas... mas... do que ele está falando? A qual mulher se refere?! — disse Eleonora, assustada.

Tadeu olhou-a com desprezo:

— Não vou atravessar desertos, rios ou ribeirões. O grande mar vai levar-me ao seu encontro. Ela me espera e já faz muito tempo...

— Meu Deus! ele está doente de verdade! — gritou Eleonora.

Hermano estava morando numa casa próxima ao Lago Azul. Controlava os nervos para causar uma boa impressão. Um marinheiro recebeu uma mensagem de Eleonora e foi transmitir:

— A senhorita Eleonora pede para o “Grittus III” ir buscá-la amanhã. Ela virá com a senhorita Bibiana.



— Magnólia, nossa filha chegará amanhã! Virá com Bibiana — disse Hermano, sorrindo.

— Ainda bem que ela resolveu vir, estou morrendo de saudades de Eleonora — respondeu Magnólia satisfeita.

No planeta Ignum, a deusa Salópia dizia:

— Estão chegando sinais da Terra. Aleduma quer entrar em contato conosco. Ponham os capacetes que emitem raios vermelhos.

O velho Aleduma dizia:

— Os homens da cidade grande chegaram. Houve derramamento de sangue, mas não foi tão grave... esperava pior. Vocês mandaram proteção?

Salópia respondeu:

— Vimos o submarino, três pessoas poderiam morrer, mas providenciamos a energia protetora para amenizar.

— Salópia, e o futuro da Terra? Que devemos fazer para acabar com a violência? — perguntou o velho Aleduma. E Salópia respondeu:

— Tivemos várias reuniões com outras galáxias e a Terra foi o assunto mais discutido. Decidimos organizar um congresso quando o sol entrar na constelação de Aquarius. Vamos convidar muitos terrestres para opinarem. Por exemplo, Vênus se preocupa muito com o tóxico e a violência. Saturno fez comentários sobre a poluição. Urano gritou pela fauna e a flora. Marte não deu opinião. Infelizmente ele é um planeta diferente dos outros e ficou cabisbaixo a mirar suas roupas de ferro.

— Salópia, estou ficando sem energia! — gritou o velho Aleduma.



— Sinto sua voz enfraquecendo, enviarei um mensageiro para abastecê-lo. Aproveitarei a oportunidade para enviar-lhe a lista dos convidados que virão para o congresso.

— Até breve, Salópia.

Hermano havia feito uma grande mudança na casa onde estava morando. Eleonora não passaria mais de uma hora numa casa humilde. Ela havia acabado de chegar.

— Minha filha, o povo dessa ilha é muito estranho. Existe até uma mulher que registra tudo o que se passa com a mente.

— Oh! papai, deixe de piadas. Você é um ótimo comediante.

— Mas é verdade, Eleonora. Quando seu pai chegou aqui, os habitantes já sabiam da existência dos submarinos — disse Magnólia.

— Esse assunto me interessa. Por acaso aqui existe mulher vampira? — perguntou Bibiana, depois de acender um cigarro.

E acrescentou, enquanto colocava uma rosa nos cabelos:

— Digo-lhes que o povo é estranho. Possuem um certo mistério. Percebi desde que deixei o “Grittus III”.

— Eles acreditam em um tal de velho Aleduma, que lhes dá forças para vencerem todos os obstáculos. Mas esta ilha é muito rica. Esperarei Tadeu chegar para juntos descobrirmos os seus segredos — finalizou Hermano, pondo fumo no cachimbo.

— Papai, Tadeu irá passar as férias aqui. Ele está muito doente. Gláucio conseguiu convencê-lo a se retirar da cidade por um período. Ele cria na mente coisas absurdas.

— Fiquei curiosa quando Tadeu me falou da mulher que está amando — disse Bibiana.

— Não vejo razão para curiosidade. Sabe muito bem que essa mulher não existe.



Bibiana respondeu, com tristeza no olhar:
— Desculpe, prima, não quis magoar você. Gosto muito de Tadeu, mas nas suas alucinações eu sinto qualquer coisa fundamental.

As duas primas passeavam na praça. De repente, Bibiana gritou:

— Veja, Eleonora! Mulheres nuas carregando água!
— Os marinheiros de papai são verdadeiros sádicos, vão ficar fartos de... Eh! mas são mulheres insignificantes, sem beleza e sem educação.
— Está enganada, minha querida prima, elas parecem mulheres do reino africano.

Maria Vitória e Irisan ouviram toda a conversa, mas nada responderam, seguindo o caminho normal.

— É uma nudes pura, descontraída, vamos conversar com elas! — disse Bibiana. E logo em seguida gritou:
— Ei! meu nome é Bibiana. Esta é Eleonora, e vocês, como se chamam?

Não houve resposta. Eleonora foi a primeira a falar percebendo a decepção de Bibiana:

— Elas são verdadeiras canibais do inferno.
— Nós é que viemos do inferno tirar a paz que sempre tiveram — disse Bibiana, olhando as mulheres que andavam apressadas.

Hermano andava com passos nervosos por todos os cômodos da casa. Já que era quase manhã, Magnólia perguntou-lhe:

— Ainda não dormiu? O que tanto ao aflige, meu querido?
Hermano sacodiu muitas vezes a cabeceira da cama e respondeu:



— Vou matar! Vou matar esse charlatão que se diz passar por velho Aleduma. Vou acabar com esse vagabundo cheio de falsa energia...

— Está sofrendo por nada, meu querido. Adquira a confiança do povo e tudo sairá bem. O próprio Bernardo poderá levar você ao esconderijo desse velho Aleduma.

— Não sei se irei conseguir alguma coisa com eles. Conversam comigo, fingindo serem amigos, mas sinto um toque de desconfiança nas vozes e nos olhares.

— Vamos dormir, lembra-se de nossa lua-de-mel? Você dizia que eu parecia a fruta proibida do Paraíso... me mordia todinha...

— Pare com isso, Magnólia! O que passou, passou. Estou derrotado, sem conseguir pôr as mãos nos minerais dessa ilha, e você falando de coisas passadas.

— Agora você fala desse jeito... Antigamente eu não tinha tempo nem para respirar.



Amanheceu um dia lindo. Eleonora dizia para Bibiana:

— Quero descobrir o que se passa com Tadeu. Esse povo deve entender de magia, vamos procurar alguém que nos fale de alguma coisa? Tenho medo dessas coisas, você é diferente.

— É uma ótima ideia.

— Você não irá sozinha, Bibiana. Um dos marinheiros vai lhe acompanhar.

— Não tenho medo, este povo não fará nenhum mal, acredite.

Maria Vitória dizia para Bernardo:

— Duas moças lá na praça perguntaram meu nome e o de Irisan.



— E vocês o que disseram?

— Não respondemos.

— Deviam ter respondido, o velho Aleduma disse para evitarmos aborrecimentos. Você é quem bem sabe que está sem nenhuma energia protetora.

Bernardo seguia pela praia levando mel e pão para os anciãos. Bibiana admirava aquele homem, bonito demais para viver num lugar tão isolado. Saiu correndo atrás de Bernardo, gritando:

— Pare! Pare! Moço! Preciso falar com você.

Bernardo atendeu ao chamado. Ficou esperando Bibiana se aproximar. Ofegante, ela foi dizendo:

— Meu nome é Bibiana, sou sobrinha de Hermano. Cheguei recentemente com minha prima Eleonora. Quem é você?

— Sou Bernardo.

— Esta ilha é de uma beleza indiscutível. Sempre viveu aqui?

— Sim, ninguém nunca saiu daqui.

— Não tem vontade de viver na cidade grande?

— Não! O índice de criminalidade do mundo de vocês nos amedronta. Aqui nossas crianças correm felizes no meio dos laranjais, acordamos com o canto dos pássaros, admiramos a lua cheia, refletida no Lago Azul. O que vamos fazer no seu mundo?

Bibiana ficou encantada com as palavras de Bernardo, e continuou:

— Sinto inveja de você e da sua gente. Queria viver aqui.

— O que faz na cidade grande, senhorita Bibiana?

— Trabalho para um jornal.

— Então veio à Aleduma fazer uma reportagem para seu jornal?

— Sim, foi este meu interesse. Mas mudei de ideia, e vou respeitar a pureza que nunca pensei em encontrar. Acompanha o que ocorre no mundo através dos jornais?



— Não leio jornais — respondeu Bernardo com segurança.

E Bibiana continuou:

— Se os negros vieram de Ignum, onde existe a energia protetora? Por que a exportação deles? Por que Ignum não protegeu sua gente por todo tempo?

Bernardo respondeu com emoção:

— Ignum teria condições suficientes para tornar seu povo imperioso e **senhoreador**¹⁸. Porém, seu grau de visão e de evolução não quis dar a seus filhos os maus ensinamentos do egoísmo, da distinção e do preconceito, pois tais atos não são inerentes a um verdadeiro criador.

— Por favor, Bernardo, pode me levar para conhecer o velho Aleduma?

— Não é possível, senhorita Bibiana. Só Maria Vitória tem o direito de falar com ele. Aliás, Irisan também tem esse privilégio.

— Quem é Irisan? Nada me falou sobre ela.

— É outra jovem virgem que o velho Aleduma escolheu junto com o povo de Ignum para ajudar minha irmã nas viagens à Filha Doce.

— Filha Doce?

— Sim, está vendo aquela ilhota ali? É a Filha Doce de Aleduma. Lá mora o velho Aleduma.

— Como é a casa dele?

— É diferente de todas essas casas que nos rodeiam. A dele é um barraco metálico, e tudo que possui trouxe de Ignum. Seu barraco brilha como uma estrela.

— Aí está a razão de tio Hermano enxergar um brilho intenso nesta ilha.

18. No original é usado “senhoritário”, no entanto, a palavra não foi encontrada nem no Houaiss nem no Volp.



Bibiana ficou silenciosa sentada no jardim da casa, Hermano gracejou:

— Tem passeado muito por aí, gostou desse fim de mundo?
Bibiana suspirou profundo e respondeu:

— Bem que desejaría morar aqui pelo resto da minha vida.

— Por que esse desejo repentino? Conversou com algum morador e este a fez ficar entusiasmada com os mistérios? — argumentou Hermano, apertando os punhos.

— Conversei com um morador, um homem possuidor de grande beleza interior.

— O que ele disse sobre o velho Aleduma? Você o investigou?

— Sim, tio, eu o investiguei. Mas ele se omitiu a falar.

Hermano bateu os punhos na parede e disse aborrecido:

— Esses miseráveis amam esse bandido mais do que a própria vida! Naquele lago está a maior riqueza do mundo, mas quando preparam meus homens para o ataque esses moradores imbecis aparecem na margem do lago e nos deixam acovardados. Parece que adivinham.

— É, tio, parece que eles adivinham — murmurou Bibiana, olhando para a Filha Doce.

— Voltou desse passeio muito pensativa. O que houve, menina?

— Nada, tio, estou fascinada por esta ilha. Quando acontece comigo esse tipo de coisa fico emudecida.

Eleonora estava indócil, chamava o pai com insistência. Hermano deixou de conversar com Bibiana, para atender à filha:

— O que a deixa tão aflita? Você é uma moça rica... feliz...

— Meu pai, mande o marinheiro transmitir um recado para Tadeu. É para dizer que ele venha imediatamente para esta ilha. Não posso ser feliz com Tadeu longe de mim.



Hermano gritava pelo homem encarregado das mensagens:

— Gordo! Preciso de você! Por onde anda?

Outro marinheiro se aproximou e disse assustado:

— Estábamos próximos daquele lago, apareceu uma mulher despida montada num cavalo, amarrou Gordo e levou-o com ela. Tinha vários seios pela barriga.

— Por que não gritou pedindo ajuda? Dois homens têm medo de uma mulher... — disse Hermano, aborrecido.

— Não pude evitar, senhor, havia muitas delas escondidas, eu... eu... perdi a voz.

— Vamos procurar Bernardo, ele poderá nos ajudar — disse Bibiana.

Depois de ouvir o acontecido, Bernardo começou a falar:

— Foram as *graúnas* da Gruta de Coinjá.

— Mas o que é isso, pode explicar? — perguntou Hermano, demonstrando preocupação. Bernardo continuou:

— A Gruta de Coinjá fica naquele recanto da ilha. As *graúnas* são mulheres que moram dentro da Gruta. Gostam de raptar anciões. Não se importam com a idade do seu servidor, porque é um estranho.

— Demorará muito tempo para libertá-lo? — perguntou Bibiana.

A resposta de Bernardo deixou-a confusa:

— Se ele não conseguir fugir, jamais o verá.

Hermano disse para o marinheiro:

— Vá ao “*Grittus III*”, pegue o rifle. Preciso terminar com esses mistérios tão cheios de palhaçadas.

— Não faça isso, tio. É obrigado a respeitar os mistérios deles.

E Bibiana, em seguida, perguntou a Bernardo quem era o Rei de Coinjá. Bernardo respondeu, olhando para a gruta:



— O Rei Coinjá foi um homem muito mau. Era um feiticeiro que aterrorizava os moradores. Esta ilha tinha o nome dele, mas as crueldades eram tão grandes que o povo resolveu mudar o nome para Aleduma. O espírito, insatisfeito com a mudança, é quem fica orientando as graúnas a fazerem coisas desagradáveis.

— O que tem, homem? Vá buscar o rifle! Está tremendo?! — gritou Hermano.

O marinheiro, transpirando, respondeu:

— Tenho... tenho... tenho... dor de barriga, senhor...
Estou... estou... nervoso.

O marinheiro não parava de olhar o “Grittus III”. Hermano continuava a gritar, cheio de ódio:

— Ah! quer se esconder no submarino?! Acho melhor mudar de ideia. Bernardo vai dizer que o “Grittus III” está arrodeado de monstros marinhos.

Bibiana estava impaciente, Bernardo perguntou:

— Qual a pergunta que quer fazer?

Ela sorriu um pouco e respondeu:

— Andei por toda a ilha, e não vi onde vocês enterram seus mortos. Jogam no mar? Ou não usam o símbolo da cruz?

— É muito difícil aparecer um cadáver nesta ilha. Está vendo aquela árvore? Chama-se “Alimento da Vida”. Dela extraímos um líquido. Quando nossas crianças nascem, bebem sete gotas, e quando alcançam os setenta anos, bebem setenta gotas; então, a vida é prolongada. E o nosso povo vai até os duzentos ou mesmo até duzentos e dez anos de idade.

— Mas isso é maravilhoso! — exclamou Bibiana.

Bernardo emudeceu. Bibiana falou com voz branda.

— Meu sorriso deixou você triste?

Bernardo ocultou as lágrimas e respondeu:



— O velho Aleduma ficou decepcionado, quando viu vocês da cidade grande cortarem tantas árvores. No seu mundo esta planta está quase em extinção.

— Mas eles, quero dizer, nós, do mundo civilizado, não sabemos que esta planta é de grande importância para a humanidade, por isso foram cortadas — disse Bibiana, admirando os frutos da árvore. De repente, assustou-se com os gritos de Bernardo:

— Todas as árvores são de grande utilidade na vida do homem! Vocês destroem e elas gemem, sentido a dor profunda.

Fazendo uma pausa, Bernardo continuou:

— Me desculpe, nós aqui de Aleduma enxergamos diferente do povo da cidade grande.



Tadeu dormia tranqüilo, quando dona Igdes o acordou:

— Meu filho, os dois diretores estão no carro lhe esperando. Disseram que o avião sai daqui a uma hora.

Tadeu levantou-se, abriu a janela do quarto e respirou fundo. O banho e o café foram rápidos, realmente estava atrasado para o voo. O beijo na mãe, o abraço no pai, a pasta executiva, os passos rápidos. No carro, Cristiano e Ernesto, diretores da empresa Abrantes e Abrantes, falavam dos últimos investimentos, dos documentos que faltavam para Tadeu assinar. De repente, Cristiano ficou tristonho. Tadeu perguntou a razão da mudança.

Ele respondeu que há dois dias seu primeiro filho havia nascido e que estava com saudades da família.

Tadeu sugeriu:

— Vou viajar somente com Ernesto, você vai para junto de sua mulher e seu filho.





— E a passagem? E os negócios? Como vão ficar? — disse Cristiano, com olhos esperançosos.

— Não se preocupe, a Abrantes e Abrantes não vai ficar falida por causa de uma passagem de avião.

— E o senhor, Presidente, ainda não pensou em casamento? — perguntou Cristiano, sorrindo. Tadeu respondeu com um fique-certo-que-vou-lhe-convidar.

Chegando no aeroporto, Cristiano insistiu para acompanhar Tadeu, pois era uma viagem para assinarem um grande acordo para a Abrantes e Abrantes.

Os passageiros se aproximavam do avião. Inerte, febril, Tadeu começou a falar:

— Vamos cancelar esta viagem! Ela está aqui e diz que é para a viagem ser adiada.

— O avião está próximo a decolar. O senhor¹⁹ ficou doente, não poderá viajar. Por favor, vá para casa, que nós dois iremos — disse Ernesto.

Tadeu puxou o motorista pela camisa, gritando sem parar:

— Faça-os voltar! Não deixe eles viajarem, diga-lhes que ela não mente, e quer nos salvar! Vamos! Todos recuem!

— Sinto muito, senhor Tadeu, mas já estão subindo a escada do avião.

— Faça-os descer imediatamente! Ela está mandando! Faça-os descerem!

— O senhor está com muita febre, vou levá-lo para casa

— finalizou o motorista, sem entender com qual mulher Tadeu havia conversado.

Chegando em casa, dona Igdes perguntou:

— Perdeu o avião, meu filho?

— Não, mamãe. Ela impediu a viagem, veio salvar a todos, mas ninguém quis me ouvir.

19. No original, o personagem se refere a Tadeu como “você”, mas para manter o padrão, o pronome de tratamento foi alterado para “senhor”.



— Ela quem, meu filho?
— A mulher da ilha, a mulher que amo desesperadamente.
Dona Igdes lamentou baixinho:
— Meu filho está realmente doente.

Maria Vitória contava um sonho a Irisan:

— Uma grande águia metálica queria levá-lo para bem longe. A águia tinha o bico e as asas pretas que representavam a tristeza. Falei com ele para não voar naquele pássaro fracassado que sentia muito calor e queria beber muita água. Os outros²⁰ voaram no grande pássaro, aí não sei mais o que aconteceu.

Irisan disse:

— Talvez ele já esteja próximo a chegar.

— Não sei... sonhos tristes me fizeram ficar pensativa.

É melhor mudar de assunto.



A secretária de Tadeu telefonou para dona Igdes, dizendo:

— Todos os amigos do senhor Tadeu estão perguntando se ele seguiu no primeiro voo.

— Ele está aqui, em casa. Não vejo razão para tanta preocupação — disse dona Igdes.

A secretária disse com espanto:

— Então a senhora não sabe? O avião em que o senhor Tadeu ia viajar pegou fogo e caiu no mar. As emissoras não param de noticiar, inclusive citaram o nome dele na lista dos mortos.

— Santo Deus, que tragédia! Seja lá quem for obrigada por salvar meu filho.

20. Originalmente Maria Vitória diz “os outros passageiros”, no entanto, se ela demonstra não saber o que é um avião, chamando-o de pássaro, não parecia fazer sentido usar essa palavra tão específica.





— O que foi que a senhora disse? — perguntou a secretária.

— Nada... nada... Por favor, entre em contato com a imprensa, diga que o senhor Tadeu de Abrantes e Abrantes não se encontrava naquele avião, e sim, dois de seus diretores.

A secretária enxugou as lágrimas, olhou as cadeiras de Cristiano e Ernesto vazias e lamentou:

— Vocês eram tão amáveis, espero que sejam bem recebidos por Deus.

Bibiana e Eleonora andavam pela praia à procura de chapéus de palha. Bernardo se encontrava sentado num veleiro.

Eleonora foi apresentada e recusou apertar a mão de Bernardo, deixando Bibiana decepcionada. Bernardo se afastou, mas antes informou que dona Catilê confeccionava chapéus lindíssimos.

Bibiana falou com Eleonora:

— Não devia ter feito isso, ele é inteligente, sensível. Seu gesto foi muito desagradável.

Eleonora respondeu:

— Sou uma mulher de fino trato, não iria apertar a mão desse negro que só tem água salgada misturada com merda na cabeça. Tenho nojo dos negros.

Uma bofetada forte fez Eleonora soltar um grito de dor. Bibiana lhe falava em voz alta:

— Respeite essa raça! Eles vão achar a solução para salvar o mundo.

— Esse gesto é por amor à raça negra, ou é apenas histerismo? — perguntou Eleonora, zombeteiramente.

— Entenda como quiser. Queria ter por um dia a força da mente desse povo que você tanto desvaloriza — respondeu Bibiana, sem demonstrar o sorriso que sempre tinha nos lábios.



— Por que ficou tão ofendida? Por acaso é protetora dessa gente?

— Seria muita sorte ter o poder de proteger esse povo, gostaria de ser filha do primeiro casal que veio de Ignum — disse Bibiana, olhando para a Filha Doce.

— Que diabos é Ignum? — perguntou Eleonora, sorrindo.

— É melhor nada responder, seu materialismo me impede. Chegaram na casa de dona Catilê:

— Bom dia, a senhora é dona Catilê?

— Sim, o que desejam?

— Meu nome é Bibiana, esta é Eleonora. Bernardo nos informou que a senhora possui bonitos chapéus para vender.

— Bernardo está sendo levado por vocês, esse é o comentário em toda ilha. Temos chapéus, mas não para serem vendidos — disse Mucujaí.

— Por favor não fiquem aborrecidos com Bernardo. Peço-lhes desculpas por não explicar melhor, ele nos falou dos modelos, não de venda — disse Bibiana, com certo embaraço.

— Temos todos esses aqui. São usados nos dias das festas de Santo Antônio de Categorical, mas posso arranjar-lhes esses dois — disse dona Catilê, apontando para os chapéus.

— A senhora é muito amável, agradeço de todo o coração essa sua gentileza — disse Bibiana, enquanto beijava a face da mulher.

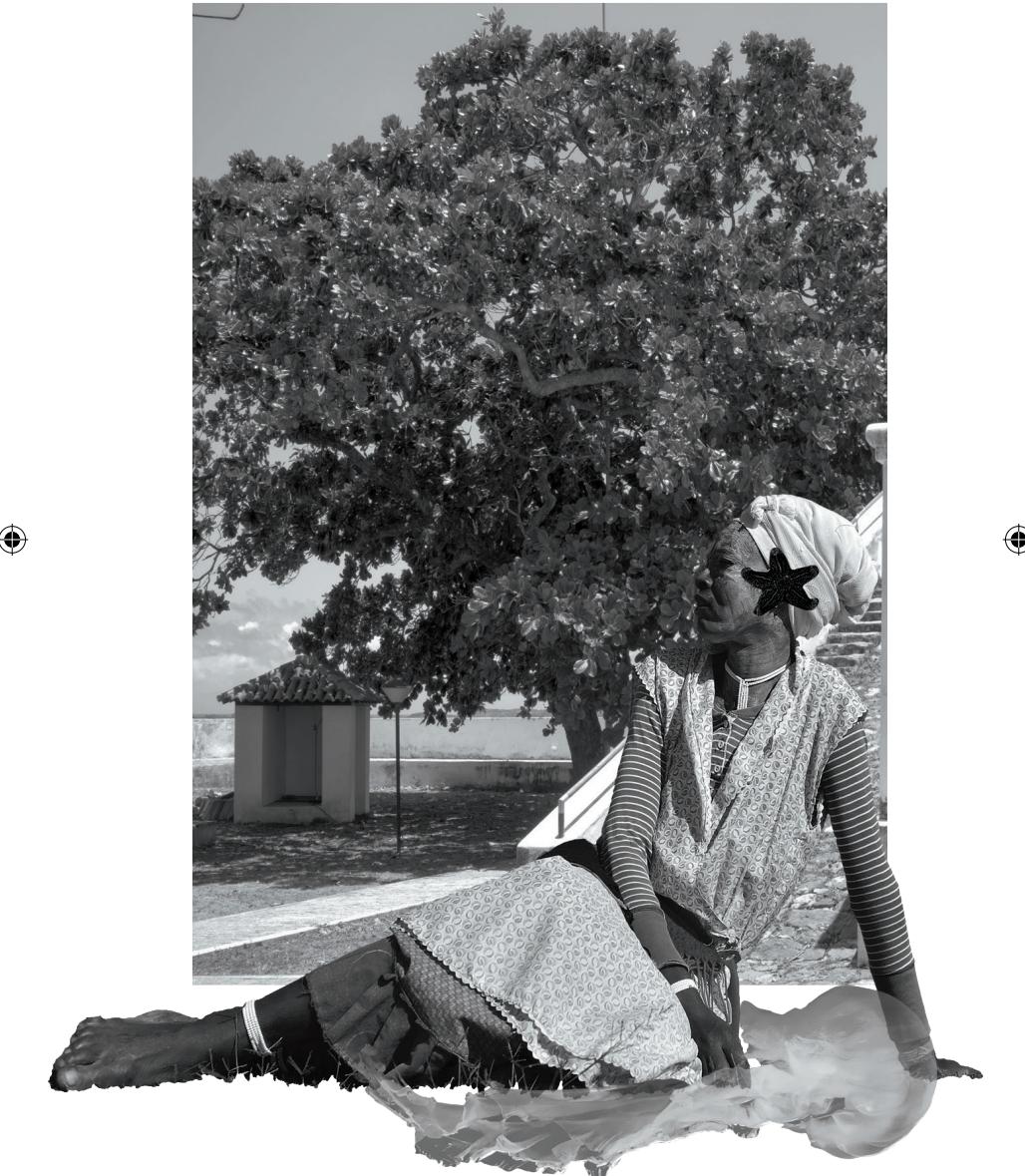
Eleonora começou a falar:

— Mulher! por que não tira esse véu da cara? Parece uma coisa agourenta.

Mucujaí respondeu, aborrecido:

— Não admito insultos dentro da minha própria casa. Vou falar com Maria Vitória sobre as pessoas com quem Bernardo anda conversando.







— Escuta, seu irracional, essa tal de Maria Vitória, e quem quer que seja, não vai me impedir de falar.

Bibiana replicou:

— Por favor, Bernardo confiou em mim. Pare de dizer tolices.

Eleonora empurrou Bibiana, que perdeu o equilíbrio, e, sem que dona Catilê esperasse, ela retirou seu tradicional véu lilás, que caiu ao chão. Bibiana chorava. Eleonora gritava:

— Veja o que ela esconde! Veja essas orelhas!

Sulamita saiu do quarto gritando:

— Não devia ter feito isso com minha tia!!!

Bibiana procurava recuperar o véu e dizia:

— Saia imediatamente desta casa, Eleonora. Devia envergonhar-se de si própria — e olhando para dona Catilê, viu que as orelha da mulher tinham o formato de duas grandes estrelas.

Bernardo foi entrando na sala e disse:

— Já sabemos quem é a jovem rebelde que os documentos relatam.



Tadeu encontrava-se numa recepção oferecida por seus diretores, clientes e amigos. Toda a alta sociedade estava presente. Os pais ajudavam-no a recepcionar os convidados. Ele havia acabado de receber o título de “Empresário do Ano”.

As mulheres comentavam a elegância e dinamismo de Tadeu, que fingia não perceber a grande disputa.

De repente, com voz calma:

— Que grande surpresa, meu amor. Você é a mais bela deste salão, com esta tanga de couro, estes pedaços de cipó amarrados e essas tranças que fazem você ficar muito bonita. Estão todos nos olhando e pensando que estou louco, me desculpe, mas vou desabafar.

E em voz alta, falou:



— Senhores, apresento-lhe a mulher pela qual tenho grande ternura. O meu amor é intenso... Sinto não poder dizer o seu nome, porque nem mesmo eu sei.

— Tadeu está delirando, é a febre que aumenta — disse uma das mulheres, enquanto um copo caía das mãos.

— Vou telefonar para Gláucio — disse dona Igdes.

— Não telefone, mamãe. Ela já não está mais aqui. Vocês a assustaram com seus trajes e seus salgadinhos sofisticados. Ela é acostumada a viver com sua tanga e seus bolos de mandioca.

Tadeu falava e todas as atenções estavam voltadas para ele.

Em Aleduma, Maria Vitória tinha sono bastante agitado, falava:

— Vou embora, não consigo me adaptar a esse ambiente. Acho que estou atrapalhando a festa. Saiba, querido, que minha realidade espera juntar-se com sua verdade. Quero deixar de sonhar.

Bibiana ficou toda a tarde à procura de Bernardo. Ao entardecer, encontrou-o na margem do Lago Azul:

— Bernardo, podemos conversar?

— Sim, agora tenho tempo disponível para falarmos ainda a respeito do velho Aleduma.

— Acredito que vou amar e respeitar o velho Aleduma, como se fosse também filha da ilha.

Bernardo pôs o balão no chão e começou a falar:

— A missão do velho Aleduma na Terra é trazer paz para a humanidade. Um filho da ilha irá distribuir uma energia que abrangerá todos os povos do universo, sem distinção de raça ou de religião...



Fazendo uma pausa, Bernardo continuou:

— A paz deve vir antes que seja tarde demais... o mundo corre perigo

— Senhor Hermano, chegou uma mensagem do “Crepúsculo”: o senhor Tadeu chegará ao entardecer. Eh... o senhor soube de alguma coisa sobre o Gordo?

— Oh! homem vá para seu posto! Não admito que empregados me façam perguntas.

Eleonora descansava na rede do jardim. Hermano gritou alegramente:

— O “Crepúsculo” chegará ao pôr-do-sol!

— Espero que Tadeu venha para marcar a data do casamento — acrescentou Eleonora. E, acenando para Bibiana, chamou-a e começou a falar:

— Peço-lhe desculpas pelo incidente na casa da mulher das orelhas de estrela... ah... ah... ah... fui muito indelicada, afinal de contas fui eu que a convidei para passar as férias comigo. Pensado bem, a genética fez um verdadeiro trabalho de arte naquela mulher.

— Você deve respeitar as pessoas como são, a vida não é como quer — respondeu Bibiana.

— Estou ansiosa pela chegada de Tadeu, quero beijar aqueles lábios carnudos — disse Eleonora, depois de um suspiro.

Bibiana permanecia calada. Eleonora perguntou:

— Por que tão calada? Tem inveja do meu amor por Tadeu?

— Você o ama de verdade?

— Por que não iria amá-lo? Tadeu é um dos homens mais cobiçados.

— Compreendo, você o ama só por capricho — disse Bibiana.



— Sinto atração por Tadeu, ele é um negro sensual, um negro especial²¹. Vou ficar exuberante para agradá-lo, ainda mais que ele vem com amigos.

Ao dizer isto, mirava-se no espelho como se quisesse justificar-se a si própria.

— Você sempre foi bonita, minha filha. Tadeu é apaixonado por essa beleza. Sou a mãe mais feliz deste mundo, por possuir uma filha tão bela — disse Magnólia, sorrindo.

— Vocês criaram o mito do negro, sensual, rico e dotado de grande virilidade. Mas saibam que Tadeu é um homem inteligente, enxerga muito bem a verdade — observou Bibiana.

— Qual a verdade? A que você se refere? Pensa que meu amor por Tadeu é fingido?

— Sem comentários, Eleonora. Esqueça o que eu disse.



Um temporal violento fez o mar ficar revolto. Eleonora olhava o horizonte e dizia:



— Ele não virá, esse temporal maldito vai atrapalhar.

Depois de algumas horas gritou:

— Papai! Corram todos! Avistei o “Crepúsculo”!

O luxuoso iate enfrentara o mar agitado da Ilha de Aleduma. Tadeu cumprimentava a todos com um sorriso. Eleonora procurou beijar seus lábios, Tadeu desviou a boca e beijou a maçã do seu rosto, deixando-a irritada. Ele olhou por toda a praia e disse com olhos fechados:

— Tenho a impressão de que vivi nesta ilha em algum tempo que não recordo.

21. É válido pontuar a crítica social que a autora faz nos trechos que ela fala sobre o homem negro. Nessa fala o leitor percebe hipersexualização desse corpo, descrita por diversos escritores negros, como Lélia Gonzales e Franz Fanon. Assim como a separação dessa existência de outras pessoas negras, como se ele fosse um ponto fora da curva do que é esperado para um negro.





— Este lugar é muito bonito, e você é um homem sentimental, esta é a razão de sentir essa sensação — disse Magnólia.

Bernardo que assistia à chegada dos visitantes, teve cuidado para não ser visto.

Chegando na casa de Hermano, Tadeu começou a falar:

— Minha cabeça está confusa, não consigo raciocinar... gostaria de ficar sozinho por alguns instantes.

— Enganei-me pensando que ele estava curado — disse Eleonora, apertando as mãos de Hermano.

— Não fique desse jeito, minha filha, essas férias farão Tadeu voltar ao seu normal.

— Ele está muito cansado, amanhã estará bem melhor — comentou Magnólia.

Uma hora depois, Tadeu retornava à sala. Todos os olhares eram interrogativos. Ele se aproximou da janela e disse, mirando o mar:

— Um impulso muito grande trouxe-me a esta ilha.

Eleonora, risonha, respondeu:

— Veio ao meu encontro porque teve consciência do amor que sente por mim.

Tadeu olhou para Eleonora:

— Sinto muito... mas... prefiro não falar de nós dois.

— Duas pessoas quando se amam não cansam de falar do sentimento em que são envolvidas — acrescentou Eleonora, acariciando o rosto de Tadeu, que não retribuía as carícias:

— O que o aflige? Você está tão intranquilo.

Tadeu respondeu, olhando para o Lago Azul:

— Não sei, Eleonora, o que está ocorrendo comigo, mas tenho certeza de que já estive neste lugar. Esse lago não é estranho, a igreja, conheço o seu interior como se eu fosse acostumado a frequentá-la. Aqui está o meu mundo oculto.

Hermano abraçou Tadeu, dizendo:



— Magno de Abrantes e Abrantes, seu estimado pai, fazia grandes viagens de turismo por esse mar afora. Talvez tivesse chegado até aqui numa dessas viagens.

Tadeu permanecia silencioso, distante. Hermano disse em tom mais alto:

— Alerta, meu rapaz! Do contrário estragará suas férias.

Eleonora se aproximou de Tadeu, dizendo baixinho:

— Meu bem, acabei de ler esse livro, conta a história de dois jovens que se amavam por telepatia.

— O que você está dizendo? Como foi que aconteceu e onde isso aconteceu? Por favor, Eleonora, seja minha amiga e me ajude — implorou Tadeu, com olhos fechados.

Eleonora entregou-lhe o livro e disse, sorrindo:

— Esses casos só acontecem nos filmes, nos romances e nas novelas...

Fazendo uma pausa, Eleonora continuou:

— O importante é a mulher ter o seu homem do lado, sentir o calor dos seus braços, gemer quando for beijada, aquecer o lençol da cama num dia de frio igual ao de hoje. O que acha da ideia?

Tadeu respondeu baixinho:

— Estamos na casa dos seus pais e não somos casados.

— No “Crepúsculo” seria bem romântico ouvirmos o mar cantar só para nós dois... — disse Eleonora, encostando a cabeça, no ombro de Tadeu.

— Estou muito cansado — murmurou ele, com os olhos fechados.

— Estou querendo, ah... Tadeu... por favor, aqueça meus lábios, aperta-me forte nos seus braços, não diga que a Abrantes e Abrantes está deixando você...

— Está enganada. Muito enganada.

— Agora você é homem para outra mulher? É isto que está querendo dizer?



— Por favor, Eleonora, deixe-me em paz! Dê-me um tempo para resolver tudo de maneira agradável.

Os amigos de Tadeu voltavam do passeio. Bibiana levou-os para conhecer a ilha. Ela evitou ao máximo para que ninguém conversasse com algum morador. Romário, um jovem do grupo, falou para Tadeu:

— Poxa, cara! que lugar maravilhoso! As mulheres andam peladas, simbolizando a pureza. O sol é que ficou retado e se escondeu.

Tadeu continuava com os olhos fixos no Lago Azul. Eleonora o despertou:

— O Romário está falando, Tadeu, acredito que é com você! Diga alguma coisa!

— Sim, diga, Romário. O que estava mesmo dizendo?

— Nada amigo, desculpe-me tirá-lo dos seus sonhos...

Até logo...

Maria Vitória e Irisan acompanhavam, escondidas, o grupo de visitantes. Maria Vitória dizia:

— Ele preferiu ficar repousando. Oh! Irisan é grande minha emoção.

— Bibiana sabe da ligação de vocês dois? — perguntou Irisan.

— Ela não sabe de nada. Bernardo achou muito cedo para contar-lhe.

Os dias passaram-se bem depressa. Os amigos de Tadeu depois de conhecerem toda a ilha, preferiram ficar no “Crepúsculo” para ouvirem música, dançarem, entrarem em contato com a cidade.



Tadeu, a cada dia que passava, aumentava a melancolia. Preferia ficar lendo no jardim.

No dia em que o sol apareceu, ele resolveu andar um pouco. Aproximou-se do Lago Azul, avistou a casa de Maria Vitória, falou consigo:

— Meu Santo Deus, aquela casa... será que estou enlouquecendo?...

Molhou os pés nas águas do lago e olhou com insistência para aquela casa, que lhe parecia tão familiar. Alguém se aproximava com passos lentos, ele virou-se, apressadamente. Sorriram, um riso calmo e sincero. Tadeu foi o primeiro a falar:

— Seus olhos são profundos, nosso mistério é exuberante. Obrigado, por salvar-me a vida. Minha paixão é correspondida, mas às vezes penso que é um sonho impossível!... Deixa-me tocar no teu corpo, apalpar os teus seios, perder-me dentro da sua boca, para sentir o meu sonho verdadeiro.

Tadeu se aproximou de Maria Vitória com passos lentos. Ela começou a falar:

— Essas ondas são testemunhas dos meus sentimentos. A elas confessei do teu amor entranhado dentro de mim. Pedi que trouxessem o amante real, para envolver-me nos seus braços e sentir também o meu sonho verdadeiro.

Tadeu ficara alguns instantes duvidoso: sonho ou realidade? E perguntou:

— Como se chama?

— Meu nome é Maria Vitória.

— Eu sou Tadeu.

— Este não é o teu nome verdadeiro.

— Respeito e acredito nas tuas palavras, Maria Vitória.

— Onde estou?

— Na Ilha de Aleduma.

— Sabe dizer se estou sonhando?



Maria Vitória respondeu, mirando-se naqueles olhos atraentes:

— Já sonhamos bastante, mas a partir deste momento nosso amor será só e realidade.

Tadeu, que olhava tudo ao seu redor, perguntou:

— Eu já estive aqui antes?

— Sim, quando vivíamos de sonho.

Tadeu continuou:

— Tem certeza de que de hoje em diante nosso amor será real? Estou confuso...

— Garanto, meu querido. Sinta a areia ardente nos teus pés, veja o “Crepúsculo” no mar, a dança das gaivotas que se dirigem para seus ninhos.

Seus corpos se uniram, seus olhos se perderam no horizonte, seus corações soluçavam com a mágica essência do amor.



Os moradores da ilha evitavam sair das suas casas para não haver nenhum desentendimento com os estranhos. Bibiana visitava alguns moradores devido ao bom relacionamento que tinha com o Bernardo.

Jantavam na casa de Hermano, Eleonora dizia:

— Tadeu, papai quer falar com você.

— Onde ele se encontra?

— No jardim — respondeu Bibiana.

— Estou aqui, senhor Hermano! — gritou Tadeu.

— Alegro-me vendo esta sua disposição. Venha cá, tenho ótimos planos em mente — Hermano começou a falar. E continuou:

— Nesta ilha existem muitos minerais. Um sujeito que diz possuir forças superiores anda enganando este povo para



poder roubar essas riquezas. Gostaria que você me ajudasse a descobrir o esconderijo desse vagabundo.

— Não conte comigo, senhor Hermano. Será muito melhor deixar as coisas na ilha como as encontrou.

— Qual a razão de proteger esses negros primitivos? É porque é negro também? Mas você é diferente deles, tem outra formação.

Hermano falava surpreendido com a reação de Tadeu, que lhe respondeu:

— O senhor se engana, sou igual a todos eles.

Hermano completou:

— Minha filha tem razão quando diz que você está gravemente doente. Como é que se ofende por uma gente tão insignificante?

— Penso muito diferente do senhor — respondeu Tadeu, com voz nervosa.

— Vá descansar, depois conversaremos — disse Hermano.



Tadeu se encontrava no quarto. Bibiana entrou e disse baixinho:

— Amanhã, logo ao amanhecer, precisamos conversar. É importante, Tadeu, muito importante. Bernardo acabou de contar-me tudo, posso ajudá-lo no que for possível.

— Obrigado, Bibiana. Uma coisa lhe digo: estou muito feliz, pois encontrei o que faltava na minha vida.

Os gritos de Eleonora despertaram-nos:

— O que estavam conversando? Estão me traíndo! Tadeu é rico, isto significa um grande partido para você, Bibiana. Estou comprendendo, vocês estão apaixonados... traidores! Miseráveis!





— O que acaba de dizer é uma inverdade — disse Bibiana, para logo em seguida deixar o recinto. E foi seguida por Tadeu que lhe dizia:

— Por favor, Bibiana, precisamos nos unir. O que tem a me dizer é alguma coisa relacionada com Maria Vitória?

— Você já a conhece?

— Sim, hoje estivemos juntos na margem do lago — respondeu Tadeu com voz segura.

Bibiana confidenciou:

— Sou amiga de Bernardo, irmão de Maria Vitória. Amanhã, antes do sol nascer, estarei próxima da fonte à sua espera. Então, conversaremos melhor, agora é impossível.



Mucujaí ofereceu uma festa para comemorar a chegada de Tadeu. Aquele era um dia especial na ilha de Aleduma. Sulamita, que havia se arrependido de conviver com as graúñas²², pedia perdão ao padre Ibero pelos pensamentos e palavras pecadoras.



Bibiana e Tadeu andavam pela praia. Um toque de atabaque atraiu-os até a casa de Mucujaí, aproximaram-se e ouviram o povo gritando:

— Viva, Tadeu! Viva, Maria Vitória!

Depois de brindarem aquele encontro com seiva de raízes, as vestes de Tadeu foram retiradas. Vestiram-lhe uma tanga de couro e puseram uma coroa de flores. Tadeu disse, olhando para a Maria Vitória:

— Voltarei, não posso afirmar à data exata, mas volto para ficar. Aqui viverei para minha mulher, aqui viverei para todos vocês.

Maria Vitória se aproximou de Bibiana e disse baixinho:

22. Em nenhuma das edições a questão do tempo de Sulamita com as graúnas é desenvolvida.





— Tadeu precisa trocar de roupa, ele já bebeu a seiva do amor. Vão indo, podem sentir a ausência de vocês.

— Vamos, Tadeu, nossa ausência poderá causar um grande tumulto.

— Peço-lhes desculpas, mas não mudarei de roupa. Estou me sentindo ótimo, vestido dessa maneira — disse Tadeu para, logo em seguida, beijar carinhosamente Maria Vitória.

Eleonora ainda dormia, Bibiana entrou no quarto para ter certeza de que não fora vista chegar junto com Tadeu, que andava intranquilo por todo o jardim. Os amigos chegaram junto dele e começaram a fazer brincadeiras, querendo retirar as flores da coroa.

Tadeu suplicava:

— Por favor, não toquem nessas flores, são sagradas.

Os risos acordaram Eleonora que, chegando junto de Tadeu e Bibiana, começou a falar:

— Onde? Onde achou essa coisa ridícula! Estás um perfeito idiota! Ah! ah! ah!

Bibiana nada dizia. As críticas continuavam, Eleonora zombeteiramente acrescentou:

— O marinheiro disse que viu você e Tadeu saindo. Demoraram algum tempo. Posso saber aonde foram?

— Andamos um pouco pela praia — disse Bibiana, sem olhar para Eleonora. Esta continuava a falar:

— Você mente cinicamente, Bibiana. O marinheiro seguiu-os. Foram na casa daquele preto velho chamado Mucujá, onde houve uma homenagem para Tadeu. Gostaria de saber por que não fui convidada para tal recepção.

— Não sabia da homenagem — respondeu Bibiana.

— Muito me surpreende ouvir você dizer que não sabia de nada. Foi procurar o bruxo para fazer Tadeu casar-se com você?



Eleonora, Hermano e alguns empregados seguiram para a casa de Mucujaí. Eleonora perguntou:

— O que se comemorou nesta casa? Estou muito sentida por não ser convidada.

— Estamos comemorando a chegada de Tadeu — disse Sulamita.

— Conhecem tanto o senhor Tadeu para prestar-lhe homenagem? Não admito isto sou sua futura mulher — disse Eleonora, aborrecida.

— Desde que Maria Vitória nasceu nós esperamos esse dia — respondeu dona Catilê.

— Isto é uma grande mentira, seus animais! seus irrationais! — gritou Eleonora.

A voz de Bernardo surgiu:

— Tadeu acabou de casar-se com minha irmã, Maria Vitória.

— Seus negros imbecis, a riqueza dele tem que ser minha, entenderam? Minha!

Tadeu foi entrando na sala e dizendo:

— É verdade, Eleonora. Falarei com você num momento de mais tranquilidade, agora será difícil entender minha explicação.

— Então estava mesmo me traindo, apoiado por Bibiana! Não se envergonha de dizer que casou-se com esta negra feiticeira? — gritou Eleonora.

— Não daremos importância às suas palavras. Está sob a influência do rei Coinjá. Desde que retirou o meu véu, percebi que ele havia gostado de você — disse dona Catilê.

Eleonora olhou demoradamente para a Maria Vitória. Depois, afastou-se apressadamente.

Hermano começou a bradar:

— Vou vingar a decepção que minha filha acabou de passar! Mucujaí disse para Tadeu:



— Meu filho, vá embora! Saia da ilha e leve a senhorita Bibiana com você. Maria Vitória saberá esperar junto com todos nós a sua volta.

Tadeu respondeu:

— Atenderei o seu pedido, Mucujáí. Maria Vitória, todos os dias antes do sol nascer, minha mente entrará em comunicação com você.

— Não se preocupe, saberei esperar.

Bibiana se despedia dos amigos que fizeram na ilha. Seu choro era sincero e saudoso.

O povo tristonho olhava o “Crepúsculo” que deslizava tranquilamente antes do amanhecer.

Tadeu dizia para os amigos:

— Antes, quando navegava, pedia a proteção de Netuno e Poseidon. Hoje peço ajuda aos deuses de Ignum.

Eleonora conversava com um marinheiro e dizia:

— Darei um bom dinheiro, logo após o serviço. Papai vai providenciar sua saída para a cidade. Não esqueça: a morte de Tadeu e Bibiana tem que parecer acidente. Quanto a Maria Vitória, papai é quem vai resolver.

— A senhorita não me deixa falar... — disse o marinheiro embarulado.

— Cale-se! Deixe-me organizar os planos, depois você fala — gritou Eleonora. E continuou: — Quero ver os corpos dos dois entre as pedras e muito sangue ao seu redor. Agora pode falar.

O marinheiro disse apressado:

— O “Crepúsculo” partiu hoje, antes do amanhecer. O senhor Tadeu levou a senhorita Bibiana.

Eleonora puxou os cabelos do homem e disse cheia de rancor:



— Por que não matou os dois?
— Nunca pensei em matar alguém, senhorita Eleonora.
Ainda mais um irmão de cor.

Eleonora proibiu o marinheiro de entrar no interior da casa. Matilde, a governanta, todos os dias levava alimentação para o homem, que se acomodava num tronco de árvore. Matilde lhe dizia:

— Se a senhorita Eleonora ou o senhor Hermano descobrirem que trago comida para você, eles vão nos surrar. Vai ficar toda a vida escondida nesta ilha, Isidoro?

— Breve deixarei esta ilha, vou levar você comigo — disse Isidoro, pensativo.

— Qual o meio que vai encontrar para essa fuga? Acho difícil esta sua saída.

Com o rosto de Matilde entre as mãos, Isidoro respondeu:

— Tenho uma opção: se não conseguirmos fugir, vamos nos unir ao povo da ilha. Maria Vitória e Bernardo vão nos ajudar. Hein... o que tem a dizer?

— Tenho medo, medo de matarem você. Eles têm o coração perverso e...

— Não chore, Matilde. Vá pegar sua mala e saia com cuidado para não ser vista... coragem, mulher.



Fazia muitos dias que Bernardo não via Mucujaí e foi visitá-lo:

— Santo Antônio de Categeró mandou-lhe um bom-dia.

— Bom-dia, Bernardo — e, em seguida, Mucujaí perguntou: — Irisan disse que você está muito tristonho ultimamente. O que está havendo?

— Estou preocupado, Mucujaí, muito preocupado. Maria Vitória ficará alguns dias sem energia protetora.

— Tem razão, Bernardo, ainda mais que Hermano jurou vingança.





Bernardo continuou:

— Depois que Tadeu deixou a ilha, o senhor Hermano e a filha deixaram de me cumprimentar. Sei que estão preparando qualquer coisa desagradável.

Enquanto preparava os bolos, Maria Vitória cantava. A porta foi aberta e ela perguntou:

— Bernardo, o que conversou com Sulamita?

Não houve resposta. Ela continuou a falar:

— Meu irmão, acredo que você tem uma certa atração por ela. Por que não se declara?

Uma mão forte tapou-lhe a boca, Maria Vitória foi jogada no chão. Respirou qualquer coisa que a fez desmaiar. Hermano estuprou a mulher poderosa da Ilha de Aleduma.

Irisan, que havia prometido trançar os cabelos de Maria Vitória, bateu na porta por várias vezes. estava por desistir quando viu Hermano sair correndo por outro lado da casa.

“Muito esquisito. O que este homem estava fazendo aqui?” pensou Irisan. Ao entrar, encontrou Maria Vitória caída no chão, ensanguentada. Não havia ninguém por perto, Irisan foi pedir socorro na casa de Mucujá.

Sulamita, olhando para o caminho, disse:

— Irisan está vindo correndo.

— O que terá acontecido? Ela ficou de trançar os cabelos de Maria Vitória — comentou Bernardo, cheio de aflição.

Irisan, ofegante, foi dizendo:

— Foi Hermano! Foi Hermano!

Todos saíram correndo. Maria Vitória continuava sem sentidos, e entenderam o que havia acontecido.



Bernardo, chorando, saiu correndo em direção da casa de Hermano. Com o pé, abriu a porta que se encontrava trancada. Tudo era silêncio, a casa se encontrava vazia. Num dos quartos que ficava do lado da casa alguém lamentava alguma coisa que ele não conseguia ouvir direito. A porta foi derrubada e lá estavam o marinheiro Isidoro e Matilde. Bernardo perguntou:

— Onde estão eles? Onde está a Hermano?

— No submarino, partiram — respondeu Matilde.

— Por que não os acompanhou?

— Nós queremos nos unir a você, quero dizer, ao povo da ilha — disse o marinheiro amedrontado.

— Não tenham medo. Terão acomodação e alimentação.

— Eles podem voltar com dinamite. Disseram que queriam ver esta ilha destruída — disse o homem.

— Esqueça os planos de pessoas que alimentam o cérebro com a força do mal — respondeu Bernardo. Logo em seguida, seu corpo tombou nas águas. Ele nadou até chegar ao “Grittus III”, mas nada pôde fazer. Ficou decepcionado consigo mesmo, pois não conseguiu descarregar sua ira.

Chegando em terra firme, seu grito, estridente demais para um ser humano, foi ouvido. Era o desabafo. O vento levava para o horizonte o gemido da sua dor.



Os dias transcorriam lentos. Em cada olhar existia uma grande mágoa. Dona Catilê dizia para a Maria Vitória:

— Minha filha, você está esperando um filho...

Olhando para o Lago Azul, Maria Vitória respondeu:

— A terra alimenta seus filhos. Não importa que ele seja o bruto, o miserável, o sanguinário. Ela oferece o alimento do seu grande seio, aconchega com o seu calor de mãe, mas os homens não reconhecem isso, e trazem o desamor dentro





de si, não respeitam a Mãe Terra, que pede clemência para toda a humanidade.

Dona Catilê respondeu:

— Sei que você vai amar e amamentar o seu filho, sem se importar com as qualidades do homem que o semeou. É isso que quer dizer?

— Sim, dona Catilê. Não vou odiar essa criança.

Tadeu havia telefonado para Bibiana, pedindo que ela fosse ao seu escritório.

— Olá, Tadeu! mas... você continua vestido com a tanga da homenagem? — perguntou Bibiana.

— Ficarei vestido até completar o tempo determinado por Mucujai²³ — disse continuou: — Alguma coisa desagradável aconteceu na ilha, sinto a dor de Maria Vitória. Precisamos chegar em Aleduma por esses dias.

— Irei com todo prazer — respondeu Bibiana, sorrindo. Queria realmente rever a ilha.

Os pais de Tadeu entraram na sala, Magno foi dizendo:

— Aqui está um traje adequado para você, filho.

— Não posso vestir, papai. Faltam apenas alguns dias para que eu possa vestir esse paletó.

Magno continuou:

— Quer me derrotar?! Sou um homem de grande conceito. Lembre-se que é meu filho e o presidente da Abrantes e Abrantes. É correto ficar vestido numa tanga de couro?

— As flores... as flores estão horríveis... Deixe-me tirar essa coroa, filho — disse dona Igdes.

— Não toque nessas flores, mamãe... são sagradas.

23. Essa fala de certa maneira demonstra a agência que Tadeu passa a assumir sobre seu próprio corpo e escolhas, uma vez que ao sair da ilha Mucujai já havia autorizado que ele trocasse a vestimenta.



Magno disse, apertando os punhos:
— Lembre-se, Tadeu, que você é um empresário de des-
taque em todos os lugares do mundo.

Gláucio entrou na sala e perguntou:
— Tadeu, meu grande amigo, como foi o passeio na ilha?
— Ótimo, tudo correu bem, graças ao velho Aleduma.
A secretária, depois de pedir licença, avisou:
— Senhor Tadeu, os diretores da empresa vão se reunir
amanhã para comemorar o sucesso da nova filial no exterior,
haverá um coquetel. Foram distribuídos mil convites.
— Onde será a festa? — perguntou Tadeu.
— No salão nobre da nova cobertura.
Sorrindo, Magno começou a falar:
— Fico contente, terá que tirar essa coisa horrível. Se-
nhorita, se o senhor Tadeu comparecer vestido dessa forma,
por favor, cancele tudo, com minha ordem!

Tadeu respondeu:
— Você me elegeu o presidente da empresa. Se quiser
me despedir que seja agora, porque vou comparecer amanhã
ao coquetel com essa tanga.

— Mas isto é um absurdo! Seu filho, Igdes, está chegan-
do ao extremo!

Dona Igdes disse, olhando para Tadeu:
— Começo a entender... eles se encontraram... Mag-
no, você se recorda daquele acidente de avião?!
— O que tem o acidente de avião com esse traje ridícu-
lo de Tadeu? — perguntou Magno, enfurecido.
— Existe uma ligação muito grande. Ela o salvou daque-
le acidente.
— Ela quem?
— A mulher misteriosa da ilha.
— Nossa filha enlouqueceu. É uma hereditariedade que
vem de você.



Bibiana se despediu de Tadeu:
— Espero seu telefonema marcando o dia da viagem.

No dia seguinte, na hora do coquetel. Magno demonstrava nervosismo. Pedira a muitos amigos para convencerem Tadeu a vestir-se com elegância. Era grande o movimento. Todos ficaram espantados com a entrada de Tadeu, que chegando no meio do salão foi dizendo.

— Boa-noite para todos. Peço-lhe desculpas pelo meu atraso.

Magno se afastou do salão, envergonhado da tanga que Tadeu vestia.



Tadeu foi ao encontro de Bibiana, no “Crepúsculo”. Sua ansiedade em rever Maria Vitória era grande.



Quando se encontravam no convés do iate, aparecerem dois homens empregados de Hermano. Tadeu e Bibiana foram barbaramente espancados. Bibiana foi jogada ao mar, salvou-se nadando até a praia.

Num hospital, dona Igdes recebeu a notícia de que Tadeu talvez ficasse impossibilitado de andar.

Sentado numa cadeira de rodas ele continuava sendo o presidente de Abrantes e Abrantes. E a cada dia pensava em chegar na Ilha de Aleduma.

E os dias tornaram-se vazios para Maria Vitória. Todas as manhãs, Bernardo a encontrava chorando e dizia:





— Lá está o sol a brilhar, belo como a esperança que você tem na volta de Tadeu.

Maria Vitória respondia:

— Quando a primavera voltar, meus olhos sofridos esperam enxergar o “Crepúsculo” surgir no mar, trazendo o Tadeu que vive alimentado de solidão.

Tadeu enfrentava uma situação difícil, não recebia nenhuma ajuda para retornar à Ilha de Aleduma. Seus dias eram vazios, a saudades de Maria Vitória doía. Ele se encontrava no jardim da mansão e soluçava cheio de amargura, quando Magno se aproximou:

— Meu filho, mandarei alguém a esta tal ilha saber notícias dos seus amigos.

— Não sei como lhe agradecer por este gesto tão humano.

— Seu pai lhe quer muito bem... eh... eh...eh...

Com olhos brilhantes de felicidade, a voz emocionada, Tadeu respondeu:

— O rio corre livremente no seu curso e eu estou aqui sem poder correr para os braços de Maria Vitória.

Magno continuou:

— Deve gostar muito desta mulher. o mensageiro partirá amanhã.

Vinte dias depois, Tadeu começou a ficar ansioso. Procurou Magno para saber se o mensageiro já havia voltado.

Magno lhe respondeu:

— Peço-lhe desculpas por não ter dado de imediato a notícia. O homem já voltou. Disse que todos os habitantes estão ótimos. O interessante é que não sabem quem é você.



Maria Vitória, por exemplo, fez um grande esforço para recordar o seu nome.

Tadeu disse, aborrecido:

— Mentira! Isto é uma grande mentira! Deveria envergonhar-se. Aquela gente não se esqueceu de mim!

Magno continuou:

— Mas você é um homem culto, não vou permitir que se envolva com essa gente fanática.

Tadeu respondeu, com voz triste:

— Exijo respeito com aquele povo que eu tanto amo.

Magno começou a dizer em voz alta:

— Lembre-se que eu mando na sua vida, não seja miserável. Não reconhece o que eu fiz por você^ê?

A mão de Magno bateu fortemente no rosto de Tadeu. Este reagiu, levantando-se da cadeira de rodas. Aproximou-se de Magno e disse:

— O menino negro que você encontrou enrolado em trapos na porta de uma igreja, não vai esbofetear o seu rosto. Mas vai deixar sua mansão, seus carros e sua empresa, agora mesmo!

Tadeu sentiu as pernas enfraquecerem e perdeu o equilíbrio. Recebeu outra bofetada. Rolando no chão começou a falar:

— Olorum... Olorum... preciso chegar no porto... eu preciso...

Magno aplicou-lhe um forte pontapé no seu rosto, e Tadeu antes de desmaiá ainda disse:

— Como fazer para me livrar dessa senzala sofisticada? Oh! velho Aleduma...

Magno gritava:

— O que mesmo acabou de dizer? Chamando sua própria casa de senzala? Tem que continuar presidente da Abrantes e Abrantes. Seus cálculos são mais rápidos que os computadores.



— Por favor, Magno, deixe-o em paz — disse dona Igdes, chorando.

Magno encostou o Tadeu na parede, empurrando-o com os pés, e falou, nervosamente:

— Não poderá chegar àquela ilha maldita, mandei o “Crepúsculo” para o inferno.

Tadeu andava por todo o Porto, vestia uma roupa de mendigo. Um grande chapéu cobria-lhe o rosto. Perguntou para um pescador, encostado num pequeno barco:

— Amigo, quanto quer para me levar na ilha de Aleduma?

O homem continuou com os braços para o alto e respondeu:

— Um momento, deixe-me acabar de saudar o rei dos mares.



Tadeu sorriu um pouco:

— Depois que conheci a Ilha de Aleduma aprendi a falar também com os deuses.

O pescador perguntou:

— Você é filho de Ogum Marinho, e onde fica a ilha de Aleduma?

— Não muito longe daqui — disse Tadeu, ajeitando os pés nos velhos sapatos.

Com voz mansa, o pescador começou a falar:

— Esse barco talvez não aguente essas milhas. Se fosse navegar no “Crepúsculo” sei que a viagem estava garantida. Já ouviu falar no “Crepúsculo”?

— Não, respondeu Tadeu com desconfiança.

— Ah! Então não conhece uma embarcação bonita e luxuosa — disse o pescador, mostrando um lugar para Tadeu sentar-se. E continuou a dizer:

— Você já ouviu falar em Tadeu de Abrantes e Abrantes?





— Nunca ouvi falar nesse cidadão.
— Vou dizer alguma coisa sobre ele, já que não tem ninguém nos escutando. Eu trabalhava na Abrantes e Abrantes. Um dia vi “seu” Magno cometeram um crime. Aliás, foram dois crimes. Quando me lembro fico arrepiado de pavor.²⁴
— Continue, parece uma conversa interessante.
— Interessante! É melhor me calar, meu rapaz, está longe de imaginar o que aconteceu naquela noite.
— Por favor, continue... faz passar o tempo. Por que saiu da Abrantes e Abrantes? — perguntou Tadeu, com os olhos fixos na boca do pescador. O homem continuou a falar:
— Magno, aquela ave agourenta, criou um menino negro. No dia em que os pais daquele infeliz apareceram. Magno levou-os para o “Crepúsculo” e jogou-os no mar. Aqueles gritos de pavor não saíram do meu pensamento.

Tadeu ficou silencioso, o homem perguntou:

— Por que está chorando?

Ele olhou para o mar escuro e disse:

— Choro por aqueles que não tiveram o prazer de rever o filho.

O pescador respirou fundo:

— Recordo as palavras de Magno: — “Morram negros desgraçados! Tadeu está fazendo minha empresa crescer, não vou perdê-lo!”

E voltando-se para Tadeu:

— Se falar o que ouviu, corto fora a sua língua. você é o primeiro a saber desses crimes de Magno!...

Amanhecerá um dia ensolarado. O pequeno barco ancorara no porto de Aleduma e Tadeu dirigi-se para a casa de

24. Frase da 1^a edição: “O pescador calou-se, Tadeu disse com voz trêmula:”.



Maria Vitória, queria fazer-lhe uma grande surpresa. Ouvia dona Catilê dizer:

— Força, minha filha!

Algumas pessoas que se encontravam na casa de Maria Vitória não paravam de olhar para Tadeu. Ele perguntou:

— Não estão satisfeitos com minha volta?

Atraído pelas palavras de dona Catilê. Tadeu entrou no quarto, ficou confuso com o choro da criança que acabava de nascer. Maria Vitória continuava agachada. Tadeu suspendeu o seu rosto e perguntou:

— O que significa tudo isso? Ele é filho de um amor incesto?

Maria Vitória respondeu:

— Não traí nosso amor. O incesto é pecado.²⁵

— Ele é filho de Hermano — disse Bernardo. E contou lhe todo o ocorrido.

Dona Catilê entregou o menino para a Maria Vitória e dizia:

— Dê-lhe o primeiro leite, depois ele beberá a seiva da vida.

Tadeu, que acariciava o rosto de Maria Vitória, disse:

— Deixa ele ser também o meu filho.

Dona Catilê voltou com a criança nos braços e disse:

— Quando bebeu as primeiras gotas da seiva não resistiu. Maria Vitória, seu filho morreu...

— Enterrarei o seu corpo debaixo da árvore mais frondosa, a árvore cujos frutos servem para prolongar nossas vidas. Meu filho será sempre lembrado no choro de cada

25. Na edição de 1981 a segunda frase era atribuída a Bernardo, na segunda edição foi unificada na fala de Maria Vitória.



criança que venha nascer do estupro²⁶ — disse Maria Vitória, entre soluços.

Tadeu aprendera todas as canções dos pescadores e era estimado por todos os moradores. Estava sempre vestido com tanga de couro e cabelos trançados. Deitado na areia, ele falava para Maria Vitória:

— É maravilhoso sentir o orvalho salpicar meus pés. E esse perfume da rosa que tanto... tanto... me embriaga. Tenho o meu corpo alimentado de mel, ouço cantar da noite enluarada, vejo as borboletas bailando ao entardecer e o veleiro voltando, trazendo o homem sorrindo. Gosto de ver os últimos raios do sol iluminando as crianças que brincam de roda debaixo dos laranjais. Obrigado, meu Deus, por tudo isso... obrigado, por amar você, Maria Vitória... obrigado, por esta paz que se encontra dentro de mim.

Maria Vitória respondeu fundo e respondeu:

— Oh! deuses de Iignum, mandai cair sobre os homens da Terra humildade e justiça antes que seja tarde demais. Amenizai os corações desesperados aqueles que pensam derramar o sangue do irmão. Oh! deuses de Iignum, chorai... chorai... E que as tuas lágrimas se derramem por todo o universo e sirvam de fluidos benéficos para a humanidade. Aí, os povos irão sorrir... Sorrir... será mesmo possível no futuro os povos da Terra sorrirem? Ajudai-nos! ajudai-nos!

Irisan e Sulamita corriam na praça e gritavam:

— Padre Ibero abriu um documento. Maria Vitória terá um outro filho!

26. Na 1ª edição ao invés de “do estupro” está “nesta ilha”. Não fica claro o motivo da troca.



Mucujaí disse, cheio de contentamento:

— Ele se chamará Datigum, que é o nome de um príncipe de Ignum.

— E se for menina? — perguntou Tadeu, sorrindo.

— Ah! os velhos documentos dizem que é mesmo um menino — respondeu Mucujaí, pondo a mão no ombro de Tadeu.

Maria Vitória disse, com as mãos no ventre:

— Já se encontra dentro de mim este filho esperado.

Chá de raízes, bolos, mel, foram servidos para todas as pessoas que visitavam Maria Vitória. Houve muitos sorrisos e abraços.



Meses depois a Ilha de Aleduma foi alertada com os gritos de Mucujaí:

— Despertai! despertai, meu povo! Nasceu Datigum, filho de Maria Vitória!

Em frente à casa de Maria Vitória, uma multidão dançava em silêncio, homenageando o pequeno Datigum. Os adultos faziam brincadeiras infantis.

Datigum crescia um menino sadio, alegre e inteligente. Corria nos campos floridos, visitava os anciãos para ouvir as histórias da ilha. Tornou-se um belo moço e se comportava como se fosse realmente um príncipe de Ignum.

Tadeu se dirigia para as palhoças dos anciãos, na margem do Lago Azul. Levava mel para presenteá-los, quando o vasilhame que carregava na cabeça foi derrubado.

Olhou para trás e viu as graúnas da Gruta de Coinjá. As mulheres começaram a gargalhar e, com rapidez, tiraram a tanga





de Tadeu para acariciarem seu pênis, num verdadeiro frenesi. Em seguida, fizeram vários montes de areia, sentaram-se com as pernas abertas e passaram a se remexer de forma erótica.

Tadeu não sentia nenhuma excitação. Assustado, observou o líquido de cor avermelhada que derramava dos seios enfileirados das mulheres.

Chegando à palhoça dos anciãos, ele contou para todos os velhinhos a cena que acabara de assistir. Um deles começou a falar, olhando para a gruta:

— Milênios atrás, o Rei Coijná usava uma afiada faca de tiumja para praticar a excisão. A ablação do clítoris era usada de maneira monstruosa quando as mulheres alcançavam doze anos de idade. As graúnas trazem prisioneiros vários homens. Nunca se vê um adolescente entre elas. Dizem que quando os filhos são do sexo masculino, elas não cuidam e deixam morrer. Quando se sentam na areia, pensam que estão mantendo relações sexuais com o Rei Coinjá²⁷. Dizem que têm de amar o seu rei, do contrário ele fará as águas do mar crescerem, e elas têm muito medo de água.

Sulamita interferiu, sorrindo:

— Para poder fugir da Gruta de Coinjá, eu disse às graúnas que aprendi com Mucujaí a fazer o mar crescer: elas ficaram amedrontadas e facilitaram minha fuga.¹

Numa manhã de verão, Datigum conversava com dois pescadores e dizia:

— Queria ser um príncipe de Iignum, domar com as minhas lanças afiadas os grandes izibuns.

Um dos homens respondeu:

²⁷. Na edição de 1981, havia um complemento sobre o Rei Coinjá: ele era polígamo.



— Ia ser um príncipe justo e corajoso. Se um dia eu fosse a Ignum diria: “Oh! meu grande príncipe, permita-me beijar as suas mãos”.

— Deixe de falar estas coisas. Lá em Igum não existe diferença entre as pessoas — disse Datigum, olhando para o céu.

Zantira, filha do pescador que conversava com Datigum, se aproximou.

— Por que esconde as lágrimas, Zantira? Deixe-as, que corram em abundância para poder desabafar a dor.

Datigum falava com voz emocionada e Zantira respondeu:

— A tua revelção de ontem está me fazendo sofrer, mas as lembranças dos teus beijos irão amenizar a minha saudade.

— Zantira, tenha paciência, mas preciso partir para o bem da humanidade — disse Datigum, apertando os lábios. Zantira respondeu, olhando para o horizonte:

— Sou favorável à tua partida. Não posso é afastar a saudade que lentamente se aproxima.

— Você é filha da Ilha de Aleduma, devia estar preparada para qualquer acontecimento — disse Datigum. E Zantira respondeu:

— Irás sentir a minha ausência?

— Zantira... minha Zantira... Cumprirei minha missão na cidade grande, mas um dia voltarei para você. Terá que ser forte... Lembra que a filha de Irisan... — disse Datigum, enquanto apertava Zantira nos braços.

O pai de Zantira gritou, enquanto o barco se afastava:

— Lembrem se que são jovens demais. O que tanto conversam?!

Um sorriso, um aceno, foi a resposta dos namorados.



Antes do sol aparecer no horizonte, a voz de Mucujaí era ouvida:

— Um grande navio se aproxima!

Todos correram para o porto.

— Olá! — gritou o capitão do navio.

— Olá! — respondeu Maria Vitória.

O capitão começou a falar:

— Esta é uma viagem de turismo, o navio apresentou defeito, espero ficar aqui por alguns dias.

— O povo desta ilha deseja-lhe boa sorte. Nossa casa é aquela de trepadeiras azuis — disse Bernardo, sorrindo.

— Obrigado, meu jovem — respondeu o capitão, olhando com insistência para a Tadeu, que se afastava com passos lentos. O capitão disse, com certo embaraço:

— Espere! espere! espere! Por favor, espere um pouco!

Tadeu se voltou, e o capitão desculpou-se:

— Perdão, pensei que... é que você se parece demais com o filho de um amigo.

— Como se chama o filho do seu amigo, senhor? — perguntou Tadeu, reconhecendo o capitão Maurício, amigo de infância de Magno de Abrantes e Abrantes.

E o capitão Maurício:

— O casal Magno e Igdes de Abrantes Abrantes. Eram felizes. Tinham um filho adotivo que era presidente da empresa que possuem. Este filho fez uma viagem e nunca mais retornou. Acreditam que esteja morto. O sobrinho de Magno ocupou o cargo, e agora estão falidos.

— Lucas um dia me jurou falar Abrantes Abrantes, mas não acreditei — disse Tadeu, procurando esconder a emoção.

Capitão Maurício respondeu, abrindo os braços:

— Não falei o nome da empresa! Como sabe que o único sobrinho de Magnus chama Lucas? Isso é demais para um velho capitão.



Depois de um forte abraço, o capitão Maurício continuou:
— Tadeu, com essa barba e cabelos crescidos, como iria ter certeza de que era você? Sua mãe está muito doente, disse que só morrerá quando receber o seu perdão.

Depois de uma grande pausa, Tadeu respondeu:
— Seguirei com o senhor, vou perdoá-la, mas ela podia ter me contado que aquele desalmado fez com meus pais.

Um soluço rouco... Tadeu desabafava dor com um pranto causando o silêncio aos demais. Capitão Maurício foi o primeiro a falar:

— Não sei o que Magno fez que lhe causou tanta dor, mas se minha conversa lhe fez recordar um passado triste, quero que me perdoe.

— Capitão, não se preocupe. O senhor não tem culpa de nada — respondeu Tadeu, com a voz tristonha. E logo em seguida, perguntou:

— E o “Crepúsculo”? O que foi feito do “Crepúsculo”? O capitão balançou a cabeça várias vezes:
— O “Crepúsculo” se acabou. Ainda são vistos seus destroços no mar.

Levando as mãos ao rosto, Tadeu continuou:
— Não fico triste com o fim do “Crepúsculo”. Tadeu conversava com Maria Vitória e dizia:
— Lucas sabia de tudo o que aconteceu com os meus pais. Por isso sempre me dizia que queria ver Abrantes e Abrantes fracassada.
— É tudo muito triste... muito triste... — argumentou Maria Vitória, enquanto trançava os cabelos do marido.

Elton, filho de um casal de turistas andava pela praia. Assustou-se quando viu Datigum se aproximar.

— Não tenha medo. Meu nome é Datigum, e o seu?



— Eu... eu... Elton. Sempre viveu nesta ilha, Datigum?
— Sim, e conheço todos os seus segredos, desde as épocas anteriores.

Elton demonstrava curiosidade. Datigum começou a falar:
— Naquela ilha pequena mora o velho Aleduma. Ele veio do planeta Ignum, que é habitado por negros de mente mais avançada do que nós da Terra. É minha mãe quem trança os cabelos do velho Aleduma e é encarregada de transmitir todas as mensagens.

— Quais são estas mensagens?
— Todas as ocorrências mundiais.
— Interessante — disse Elton, para logo em seguida perguntar: — Qual outro segredo?
— Aqui também existem as *graúnas* da Gruta de Coinjá. Elas raptam os anciãos para escravizá-los.

— Por que esse nome, Coinjá?
— O Rei Coinjá morou na gruta por muitos milênios. Era um homem perverso. Depois, o velho Aleduma tirou sua má índole com a força da mente. Desde a morte do rei que as *graúnas* continuam como se o tempo não passasse, elas não envelheceram.

— Essa é uma bonita história para cinema — finalizou Elton, sorrindo.

Datigum disse, com satisfação:
— Vou seguir neste navio, o velho Aleduma vai me enviar para uma missão importante na cidade grande.

Ao que Elton respondeu:
— Aqui está o meu endereço.

Tadeu dizia para a Maria Vitória:

— Seguirei com o capitão Maurício, minha querida. Voltarei logo que puder.



Datigum dizia:

— Espero que minha missão na cidade grande seja rápida, não quero ficar longe desta ilha.

Maria Vitória respondeu, abraçando filho:

— Serás orientado pelos deuses de Igum.²⁸

Tadeu chegou na casa de sua mãe de criação, dona Igdes. Havia um médico à cabeceira da cama:

— Meu filho, sabia que o desamor não existia no seu coração. Esperava por você para poder morrer em paz.

Dona Igdes agonizava. Tadeu perguntou baixinho:

— A senhora participou da morte dos meus pais?

— No dia em que você foi embora, Magno revelou... por isso fiquei doente e... agora, estou vendo o céu se aproximando de mim. Por favor, Tadeu, me chame de mãe... meu filho... eu...

— A senhora está morrendo. Por favor, doutor, minha mãe está morrendo... Mãe, que Olorum ampare seu espírito.

Envelhecido, mal-vestido, Magno **estava**²⁹ sentado numa cadeira na entrada do quarto, depois se aproximou de Tadeu:

— Juro que foi um momento de fraqueza, do qual me arrependo muito. Por favor, volte para a Abrantes e Abrantes, você é o único que poderá me salvar.

Tadeu olhou demoradamente para Magno. Saiu da casa sem nada responder.

28. Trecho excluído entre edições:

A voz segura de Mucujá surgiu

— Datigum precisa partir, o mundo se orgulhará do poder de sua mente.

29. No original “continuava”.



Datigum andava pelas ruas da cidade grande. Chegou a um casarão, e subiu uma escadaria, até chegar num salão chamado Kianjê, onde mulheres tipicamente vestidas serviam vinho nas mesas.

Um boêmio recitava versos acompanhado por um violão. Um escritor falava de seu próximo livro, um jornalista entrevistava um homem que vestia roupas de índio. E ali se encontrava mestre Kizambô³⁰, com sua tradicional roupa branca.

Datigum sentiu fome, mas como se dirigir ao dono do estabelecimento, se ele estava sempre ocupado? Quando se aproximara de mestre Kizambô, assustou-se com os gritos do índio:

— Compadre, viva o amor e as mulheres!... — Era um cidadão idoso e cheio de vida, parecia até filho da Ilha de Aleduma.

Datigum observava o homem, que começou a convidar todas as mulheres para dançar, e a grande faixa vermelha que amarrava sua cintura, arrastava-se no chão.

— O senhor é mestre Kizambô?

— Sim, filho. Deseja alguma coisa?

— Cheguei da Ilha de Aleduma. O velho Aleduma disse que o senhor tem grande prestígio no planeta Ignum. Ele sabe que suas casas trazem nomes que lembram o espaço.

Depois de jantar, Datigum continuou:

— Breve, haverá um congresso no planeta Ignum. O senhor deverá participar³¹ por telepatia. O convite será feito pela deusa Salópia.

30. Mestre Calá, na primeira edição. Calá é apelido de Clarindo Silva, fundador da Organização Clarindo Silva, que fica na Bahia com sede no restaurante Cantina da Lua e que financiou o projeto da primeira edição. O local ainda está ativo como centro cultural no ano de publicação desta edição. Não se sabe ao certo o motivo da mudança de nome.

31. Na edição de 1981, o convite se estende a todos que frequentam o local.



Mestre Kizambô respondeu:

— Já recebi mensagens telepáticas de Ignum. Tem lugar para dormir, filho?

— Não se preocupe, mestre. Estou com a energia protetora que era de minha mãe.

Datigum saiu do recinto, deixando mestre Kizambô pensativo. Andava pelas ruas desertas. Dormiu num banco de jardim.

Foi despertar com uma voz amiga:

— Datigum, que grande surpresa! Meu amigo!

— Oh! Elton, a surpresa é minha!

— É perigoso dormir em praça pública. Por que não procura minha casa?

— Estou com a energia protetora.

Uma casa dos pais de Elton foi entregue para Datigum desenvolver as pesquisas com raízes de infusão que trouxera da ilha.

Algum tempo depois, ele andava por todo o porto à procura do capitão Maurício:

— Ei! capitão Maurício!

— Olá, meu rapaz! Deixou a ilha?

— Sim, mas só por algum tempo.

— A propósito, como chegou à cidade?

— No seu navio, capitão.

— No meu navio? Ué? Não o vi!

Datigum sorriu um pouco e respondeu:

— Capitão, quero mandar duas cartas para a ilha. O que devo fazer?

— Tem muita sorte, meu jovem, vou partir amanhã para rever os amigos.

— Aqui estão as duas cartas, uma para a Maria Vitória, outra para Zantira.

— Maria Vitória é sua mãe?



— Sim, capitão. Fico muito grato por sua generosidade.
— Oh! meu rapaz, não vejo razão para esse agradecimento. Não se preocupe, trarei as respostas. Espere-me aqui no porto, daqui a vinte dias.
— Obrigado, capitão, e boa viagem.

Zantira estava muito alegre, pois acabara de receber a carta de Datigum. Lia afoga:

“Zantira, sinto grande saudade do amanhecer da nossa ilha e das manhãs douradas que cobrem todo o horizonte. Das corridas que fazíamos juntos até cairmos na areia molhada e ficarmos sufocados num beijo cheio de calor. Tantas vezes você me falava do canto do mar, do gemer do vento. Oh! Zantira, queria tanto nesse momento estar junto de você, para ver o seu balbuciar e o seu respirar. Aqui na cidade grande, como você bem sabe, tudo é diferente. Acordo com as buzinas dos automóveis e os homens acham tudo bonito. Dizem que é o progresso. Aliás, não sou contra nada, mas sinto muita falta do meu amanhecer, do meu viver aí em Aleduma. O pai de Elton arranjou uma casa para eu morar, e estou continuando com as pesquisas com ervas, orientado pela força do velho Aleduma. Porém, fique certa de que quando minha missão terminar aqui na cidade grande, voltarei para seus braços. Aceite o meu beijo saudoso, do sempre seu Datigum”.

Já Maria Vitória, muito triste, evitava contato com as pessoas. Ficava durante o dia e a noite sentada no portão de ca-



sa, Tadeu nunca mais dera notícias. Ela sofria com a ausência do homem que tanto amava.²

Tadeu havia se tornado um andarilho. Queria descobrir quem foram os seus pais, e em cada cidade que chegava pedia informações, dormia nas calçadas, lavava pratos nos restaurantes e em voz alta clamava por justiça social. Até que, um dia, foi informado que não longe de onde estava existiu um casal que saiu à procura do filho e nunca mais retornou.

Chegando a uma pequena vila, Tadeu pediu informações a um homem que trabalhava no campo:

— Bom dia, meu senhor. Pode me dar cinco minutos de atenção?

— É melhor ser rápido, não gosto de perder tempo com estranhos.

Mas, suspendendo a cabeça, mudou de atitude e disse sorrindo:

— Ah... mas é um irmão de cor... o que quer mesmo saber?

— Por favor, tenha paciência e me ajude. Ando pelo mundo procurando saber quem foram meus pais.

O homem deixou de regar a terra e começou a falar:

— Vamos, vá me contando o que aconteceu. Bem... quero dizer, o que sabe a respeito de seus pais.

Tadeu disse, com voz cheia de esperança:

— Fui criado por um casal de brancos donos de uma grande empresa. Eles me encontraram enrolado numa toalha na porta de uma igreja, numa manhã de domingo. Quero saber por que fui rejeitado por meus pais.

O homem gritou, emocionado:

— Refere-se ao dono da Abrantes e Abrantes?

— Sim. O senhor o conhece?



O homem continuou:

— Meu filho... você é filho do meu irmão Conrado com Maria da Guia! Quero um forte abraço!

Muito emocionado, Tadeu pensou: — “Eles estão vivos? Será que aquele pescador se enganou?”

O homem, pondo a mão no peito, começou a falar:

— Vivíamos nesta vila quando você nasceu, um menino robusto e sadio. Você se chamava Kamirê, um nome de um príncipe de Ignum. Com poucos meses de nascido, houve uma coisa terrível nesta região, as crianças estavam desaparecendo e ninguém sabia o paradeiro. Numa madrugada, seus pais saíram levando você nos braços. Queriam salvar-lhe a vida, puseram-no na porta de uma igreja. Ficaram por perto, para saberem que mãos você havia caído. Dias depois retornaram, dizendo que estava tudo bem. Um ano depois, procuraram os brancos querendo você de volta, mas levaram uma surra danada. Essas surras aconteceram várias vezes. Vinte anos depois, disseram que só retornariam trazendo o filho pelo qual sofriam tanto, do contrário preferiam morrer... E nunca mais voltaram.

— Eles foram jogados vivos no mar — disse Tadeu, acaiciando a cabeça do homem de voz cansada.

Ali terminou sua procura. Já podia voltar para Aleduma e para os braços de Maria Vitória, sua amada.³

Na ilha, agitação; o velho Aleduma recebera ordens de Ignum para a dura e triste missão: Aleduma deveria ser encoberta pelas águas.

Os deuses estavam zangados com o comportamento dos homens na Terra e decidiram que não mereciam uma ilha como Aleduma.



O velho Aleduma, que recebera, ainda, ordens para retornar para Iignum e lá ficar durante muito tempo, havia reunido o povo e falava:

— Ficarão para sempre na Filha Doce. Quando regressar, vou encontrar a terceira geração de vocês. Recebi ordens de Iignum para destruir a ilha maior.

Um choro piedoso foi ouvido, e o velho Aleduma, com as mãos cruzadas no peito, perguntou:

— Por que choram tanto, graúnas? As águas não vão destruir sua gruta.

— E o que será de nós, velho Aleduma?

Depois de uma pausa, o velho Aleduma disse, lentamente:

— As portas da gruta serão lacradas, e vocês viverão por toda a eternidade.

Em nome do povo, Maria Vitória cantava, um canto triste, de despedida da ilha. Sulamita gritou:

— Amamos você, velho Aleduma!



Numa determinada cidade, um operário pintava um muro onde clamava por liberdade, ficou alguns instantes paralisado, depois saiu correndo pela calçada, gritando:

— Fui convidado para participar de um encontro com os negros de Iignum.

Um grupo de negros organizavam seminário de tema “O Negro na Sociedade Atual”: uma febre apareceu em todos eles, e gritaram emocionados, enquanto transpiravam:

— Aceitamos este convite especial para participarmos de um encontro com os negros de Iignum.

Na quadra de ensaio de um afoxé, os componentes cantavam músicas vencedoras do último festival e todos os relógios ficaram parados, as lâmpadas se apagaram; o presidente do Afoxé ficou febril e gritou:





— Estou recebendo um convite para nós da raça negra participarmos de encontro com o povo de Iignum.

Toda a multidão gritou:

— Sentimos febre! Uma forte febre!

O presidente do afoxé falou, com voz alta:

— Que esta febre apareça sempre em cada um de nós

— e com a voz embaraçada de emoção, gritou: — Oxum! Oxum! Banhe a terra com suas águas abençoadas e que todos os nossos cânticos em ijexá traduzam nossas homenagens ao planeta Iignum. **Orayeyêo!** Cantem! Arranquem de suas almas os cânticos e brindemos a Salópia, Deusa de Iignum!

E o afoxé cantou:

As águas de Oxalá
vão lavar minha cabeça
Os filhos da África
já vem me buscar
Eu vou, eu vou, na África dançar
pra meu pai Oxalá!⁴



Bernardo falou, emocionado:

— Os deuses começaram a chorar. Compreendemos que este é o castigo que cairá sobre a Terra.

O velho Aleduma completou:

— Sim, filho, os deuses irão chorar, mas se suas lágrimas não abrandarem o coração dos homens, eles vão jogar setas de fogo sobre a Terra e também vão esvaziar os mares de Iignum.

Uma máquina descia do céu, tinha o formato de um triângulo. Dois negros deram as mãos ao velho Aleduma. Enquanto a estranha máquina subia novamente aos céus, o velho Aleduma, acenava para todos e o canto triste de Maria



Vitória se misturava com o estrondo das águas que inundavam a ilha de Aleduma..

— **Mestre, tenho que** partir. Aleduma será encoberta pelas águas, recebi um aviso. Precisam de mim na ilha.

Mestre Kizambô respondeu:

— Vá, meu filho! Você já sabe o que é a cidade grande, com seus segredos; agora só nos resta esperar um outro acontecimento inédito. Falta os deuses de Ignum chorarem e suas lágrimas caírem sobre os povos da Terra. Quando isso acontecer a paz será mundial, terminaram os conflitos entre as nações, as lágrimas dos deuses tornarão brandos os corações dos homens.

Mestre Kizambô falava erguendo os braços em direção aos camelôs e mágicos da praça, que ficavam alguns minutos paralisados, como se estivessem recebendo uma carga de energia.

Tadeu, que ainda estava na pequena vila, sentiu vibrações e febre altíssima que lhe avisaram dos acontecimentos em Aleduma. Tinha que regressar imediatamente.

Naquele momento, a noite virou o dia na vila: tudo ficou claro e um triângulo desceu, arrebatando Tadeu e levando-o de volta à Filha Doce.

O povo já o esperava e rendeu-lhe homenagem, gritando:

— Viva, Tadeu, o homem de Maria Vitória, a mulher de Aleduma! Pai de Datigum, o filho de Aleduma!

Ao pisar nas areias da Filha Doce, Tadeu correu para a Maria Vitória e, num beijo terno e meigo, demoraram se abraçados.



Irisan, segunda mulher de Aleduma, uniu-se ao abraço de Tadeu e Maria Vitória e os três apertaram-se com força, fazendo com que o céu ficasse alvo como uma pomba e as águas do mar cantassem uma canção marítima.

As graúnas gritavam:

— Maria Vitória, você continuará sendo amada e respeitada por nós. Será sempre a Mulher de Aleduma!

Na cidade grande, Datigum despedia-se de mestre Kizambô e de Elton:

— A sua benção, mestre!

Em seguida, olhou demoradamente para o amigo:

— Você é um amigo verdadeiro — e Datigum deixou as lágrimas terem liberdade na sua face...

Um cinegrafista que filmava a praça no momento em que mestre Kizambô, Datigum e Elton se despediam, espatou-se no dia seguinte, quando, revelado o filme, apareceu a figura de um velho de barba e cabelos longos e os pés voltados para trás, com aparência divina...³²



³². A edição de 1981 termina com a seguinte frase: A ilha de Aleduma se foi, mas a raça negra está representada...









'Notas de fim'

1. O trecho a seguir foi excluído na edição de 1985, mas existia na edição primeira:

Depois de modificar o rosto, Hermano voltou à ilha. Disse chamar-se Aquiles Catarino, e que havia conhecido Hermano de Alencar, o qual havia morrido recentemente, e o espírito daquele homem não o deixava em paz, pediu-lhe para ele ir até a ilha de Aleduma pedir ao povo para matarem Maria Vitória, e que o filho que não sobreviveu era filho do Rei Coinjá, que ainda vivia na gruta, e podia revoltar-se e acabar com todos.

Bernardo disse para Mucujaí:

— Como se atreveu a voltar, e ainda querendo nos fazer de bobos.

Mucujaí respondeu: — Deixemos que ele mesmo descubra que não conseguiu nos enganar.

— Não consigo me controlar. — Disse Bernardo.

Mucujaí respondeu com voz branda:

— Seu pai me obedecia... se quiser discutir com Hermano... vá...

— Perdão, Mucujaí, veja! Hermano está indo embora!

— É melhor assim — Respondeu Mucujaí sorrindo.

2. Os próximos trechos foram excluídos na segunda edição, a recuperação foi feita e o texto original mantido aqui, porque ele gera contextos extras para alguns pontos da história:

Bernardo ouviu um forte gemido foi ao encontro da irmã, lá estava Maria Vitória com o lado da face destruída.



Bernardo gritou assustado:
— Não! Não! Não!
Maria Vitória com um sorriso animalesco gritou:
— Foram meus amigos! ah! ah! ah! Meus amigos!
— Quais os amigos que minha irmã se refere?
Com os cabelos destrançados, olhos vermelhos Maria
Vitória falava em voz alta:
— Tadeu foi embora! Agora meus amigos os ratos resol-
veram alimentar-se da minha carne, carne do meu rosto! A
carne dos meus seios!
— Mucujaí, dona Catilê! Minha irmã está doente!
Ajude-me.
No belo rosto de Maria Vitória a cada dia que passava
os ossos se descobriam. Vinte dias depois o capitão Maurício
trazia um recado de Zantira.



*“Datigum, volte imediatamente; Maria Vitória está muito doente.
Beijos, Zantira”.*



— Sei qual a doença que devora o rosto de minha mãe.
— Disse Datigum observando as raízes de infusão — Tenho
certeza de que dentro de poucas horas estarei com a fórmula
nas mãos.
— Como irá descobrir essa fórmula? Você não frequen-
tou a Faculdade... É com a ajuda das estrelas? E com a força
do Velho Aleduma? — Perguntou Elton.
E Datigum respondeu:
— Um dia irei acabar também com a neurose, e com
qualquer tipo de doença que atormenta a terra.
— Tem certeza de que sua mente está sadia? — Disse
Elton descascando as raízes.





— Meu Deus... Veja Elton... Aqui está a fórmula da coisa que tanto aterroriza o mundo. Este momento é de grande emoção para mim. — Gritou Datigum chorando.

— Por favor não diga mais nada, é grande também minha emoção. — Argumentou Elton, e os dois amigos se abraçavam.

Elton foi o primeiro a falar:

— O mundo vai se orgulhar de você, o Mestre Kizambô precisa saber desta descoberta.

Horas depois Datigum dizia para Mestre Kizambô:

— Mestre, vou para a ilha amanhã, minha mãe precisa de mim... a doença está avançada.

3. Trecho excluído entre edições:

O barco seguia para ilha de Aleduma. Elton dizia para Datigum:

— Qual a reação do mundo quando vir a saber desta descoberta, sinceramente espero ver Maria Vitória curada.

Meses depois eles retornaram de Aleduma deixando Maria Vitória com saúde perfeita. O mundo tomou conhecimento da descoberta de Datigum. Cientista de todos os lugares do mundo vieram ouvir as suas entrevistas no Jardim Suspensso do Luar onde os intelectuais se encontram, nesta coletiva ele afirmou:

— O homem com o poder da mente poderá descobrir aquilo que acha impossível.

A ilha de Aleduma, então, tornou-se famosa, todos queriam conhecer o lugar onde nasceu Datigum, e, por isso, perdeu sua pureza, tornou-se uma ilha sofisticada.

Na cidade grande, Datigum se despediu de Mestre Kizambô e de Elton:

— A sua bênção Mestre.



Em seguida olhou demoradamente para Elton:
— Você é um amigo verdadeiro.
Datigum deixou as lágrimas terem liberdade na sua face,
Mestre Kizambô lhe respondeu:
— Sinto muito, Aleduma transformar-se em uma ilha
de nudismo.
Datigum continuou:
— Estou triste, porque vou deixar-lhes, mas já cumpri mi-
nha missão na cidade grande, agora vou voltar para o meu povo.
— Quando é que iremos nos ver Datigum? — Pergun-
tou Elton.
E Datigum lhe respondeu:
— Oh! Elton, nunca mais nos veremos. E pelo amor de
Olorum não tente me encontrar, ficará para sempre perdido
no mar, nunca vai encontrar a Filha Doce.
— Por que tenho que encontrar a Filha Doce?
— Aleduma será encoberta pelas águas.
Um cinegrafista que filmava a praça no momento em
que mestre Kizambô, Datigum e Elton se despediam, espan-
tou-se no dia seguinte, quando, revelado o filme, apareceu a
figura de um velho de barba e cabelos longos e os pés volta-
dos para trás, com aparência divina...
Mestre Kizambô disse para Elton:
— O carisma dele nos deixou alimentados para o resto
das nossas vidas.

4. Na primeira edição, não é um afoxé que canta, mas o
badauê e a letra da canção é a que se segue:

Oxum, Oxum.
Amenize a fúria de Ogum
Deixe Xangô, suas mulheres amar
Obá, Obá
Deixem de guerrear...







A Autora

Nascida em 15 de fevereiro de 1948¹, em Teodoro Sampaio, Bahia, Aline dos Santos França começou a escrever ainda criança, enquanto acompanhava os pais agricultores na plantação e na colheita. Possuidora de uma mente muito fértil, França nunca parou de criar e inventar, mesmo que sua mãe tenha aconselhado a parar. Na década de 1970, após prestar concurso público, foi aprovada para trabalhar na Universidade Federal da Bahia como secretária em um departamento.

Durante esse período, foi muito influenciada por escritores e movimentos nos quais a negritude e a valorização do povo africano eram presentes. Assim, em 1978, escreveu a novela *Negão Dony*, com protagonismo negro e que narra a história de um funcionário do manicômio do Estado, que também é profundo conhecedor das tradições do candomblé.

Tempos depois, foi eleita em Salvador – BA como suplente de um vereador pelo PMDB-BA. Uma vez que buscava conhecer melhor a realidade baiana e do espaço onde vivia, passando a ter uma outra visão a propósito dos compromissos sociais de seu povo, Aline França entendeu que a denúncia pura não ajudava a solucionar as discriminações raciais e





que as “lamentações” não resolveriam os problemas básicos da população brasileira, em especial a negra, tais como a falta de moradia, o acesso aos sistemas de educação ou de saúde, entre outros.

Por isso, além de desenvolver essa visão política, a autora voltou a escrever sobre temas ligados ao mundo negro. Mas não apenas sobre a realidade, seu foco era projetar um futuro diferente, produto da sua mente imaginativa. Assim, em 1981, publicou a primeira edição de *A Mulher de Aleduma*. Também participou da antologia *Dicionário de Escritores Baianos*, com o texto “Mensagens dos Nossos Ancestrais”, e integrou a comissão julgadora do Miss Afro-Bahia (1982) e do Festival de Música Popular (1985), produzindo e dirigindo espetáculos populares.

Após a repercussão de suas obras na mídia, participou de inúmeros debates sobre a mulher e o negro na literatura afro-brasileira no Brasil e no exterior. Também deu entrevistas a jornais e revistas, como a nigeriana *Ophelia*, publicada em língua inglesa e de circulação internacional, a qual se referiu a Aline França como uma das precursoras da literatura contemporânea, no gênero “ficção em estilo surrealista”.

O terceiro livro publicado por França, no ano de 1995, foi *Os Estandartes*, que descreve a cultura de um povo denominado fortiafri e os mistérios dos seus estandartes, ao mesmo tempo em que apresenta um olhar futurista sobre o cuidado com a natureza e a memória de um povo. A obra foi adaptada para o teatro e apresentada durante as comemorações pelos 300 anos de Zumbi dos Palmares. Em 2005, França publicou sua obra *Emoções das Águas*, que também foi adaptada ao teatro com o nome *As Fontes Antigas de Salvador e Seus Convidados*.

Pouco se sabe sobre a vida atual da autora. Em fevereiro de 2009, ela criou um blog para registrar na internet suas obras, marcando a existência de cada uma com recortes de



jornais, citando entrevistas, anúncios e textos que outras pessoas escreveram para os livros, incluindo ali também o prefácio da edição de 1985, escrito pelo professor Edvaldo Brito². Navegando na internet, é possível encontrar a participação de França em um evento de 2019 chamado Fliten – Festa Literária de Terra Nova³, em Terra Nova na Bahia. O evento, que tinha a autora de 71 anos como uma das convidadas homenageadas, apresentava o tema: “Negritude: A Beleza em Ser Quem Somos”. Em 2020, Aline França disputou com a coreógrafa Lia Robatto a posição da cadeira de número 15 na Academia de Letras da Bahia (ALB), vaga após o falecimento de João Carlos Teixeira Gomes⁴. A autora não venceu.

Para encerrar o texto sobre a autora, uma passagem que a amiga e professora Ieda Machado Ribeiro dos Santos deixou em seu blog:

[...] Certa vez fui cobrar de Aline França a continuação de *A Mulher de Aleduma* – que ela nos havia prometido com o título de *Vencedores de Kija* – e a resposta, dada com a maior tranquilidade do mundo: “Eu agora estou pintando”, não me surpreendeu nem um pouco. Na verdade, foi como se ouvisse algo que, inconscientemente, há muito esperava ouvir. Aline, descobriu também o segredo das tintas e dos pincéis e foi pintando com as palavras⁵.





'Notas de fim'

1. Informações coletadas tanto no Literafro, o portal da literatura afro-brasileira do departamento de Letras da UFMG, quanto na entrevista concedida pela autora a Jorge de Souza Araujo e no próprio blog da autora. Informações disponíveis em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/527-aline-franca>; <http://editorasegundoselo.com.br/loja/revista-organismo/revista-organismo-n0/>; e <http://mulherdealeduma.blogspot.com/>, Acessos em 25 jun. 2023.
2. Para ler o texto na íntegra, acessar: <http://mulherdealeduma.blogspot.com/search/label/ode%20aos%20valores%20da%20ra%C3%A7a%20negra>. Acesso em: 5 jun. 2023.
3. Reconhecimento: Homenagens são realizadas para importantes personalidades, na 2^a Fliten. *Fala Genefax. Berimbau Notícias*, 7 nov. 2019. Disponível em: <https://www.falagenefax.com/2019/11/reconhecimento-homenagens-sao-realizadas-para-importantes-personalidades-na-2a-fliten/>. Acesso em: 5 jun. 2023.
4. ABREU, Yuri. “Escritora negra é indicada para a ALB”. *Tribuna da Bahia*, 31 out. 2020. Disponível em: <https://www.trbn.com.br/materia/I29343/escritora-negra-e-indicada-para-a-alb>. Acesso em 16 jun. 2023.
5. Para ler o texto na íntegra, acessar: <http://mulherdealeduma.blogspot.com/search/label/uma%20escritora%2Fpintora>. Acesso em: 5 jun. 2023.









Referências das Imagens

Anexo I

Aleduma

Corpo: PÉTER, Balassa; FORTEPAN. Sem título. 1934. Fotografia. Disponível em: <https://fortepan.hu/hu/photos/?lang=en&id=56674> e https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_Native_Tribes,_african-american,_man,_portrait,_folk_costume,_barefoot_Fortepan_56674.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Máscara: PENDE (Western). [Máscara (Mbuya) com barba longa (Kinoyo-Muyombo)]. Final do século XIX e começo do XX. Madeira, fibra, rafia, pigmento 62.2 x 26.7 x 14.0 cm. Museu do Brooklyn, Presente de Sr. e Sra. John McDonald, 75.193.2. Creative Commons-BY (Foto: Brooklyn Museum, 75.193.2_bw.jpg). Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/101972> e https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brooklyn_Museum_75.193.2_Mask_Mbuya_with_Long_Beard_Kinoyo-Muyombo.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Flor 1: MILOŠEVIĆ, Petar. Passiflora caerulea (makro close-up). Jardim botânico Ljubljana na Slovenia. 12 set. 2015. Fotografia. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Passiflora_caerulea_\(makro_close-up\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Passiflora_caerulea_(makro_close-up).jpg). Acesso em 28 de mar. 2023.





Flor 2:PUMPKINSKY. [Flor-da-paixão (Passiflora 'Incense')]. Jardim botânico de Norfolk, Estados Unidos. 3 jul. 2017. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Passion_Vine_NBG_LR.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Nébula: Telescópio Hubble Space da NASA/ESA. NGC 2207 e IC 2163. NGC 2207 e IC 2163 quase colidindo visto pelo Telescópio Hubble Space da NASA/ESA. 4 nov. 1999, 07:00. Fotografia. Disponível em: <https://esahubble.org/images/opo9941a/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Capa

AVE: URIBE, FÉLIX. HERPETOTHERES CACHINNANS. HALCÓN REÍDOR/LAUGHING FALCON/ACAUÃ. CIUDAD BOLIVAR, ANTIOQUIA, COLOMBIA. 25 JAN.2013. DISPONÍVEL EM: <https://www.flickr.com/photos/24201429@N04/8447700222/>. ACESSO EM 27 JUN. 2023.



AREIA: COSTA, ALEXANDRE. FOTO TIRADA NO PARQUE NACIONAL DE FERNANDO DE NORONHA DURANTE A 32ª REFENO. 17 OUT. 2019. DISPONÍVEL EM: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Foto_tirada_no_Parque_Nacional_de_Fernando_de_Noronha_durante_a_32%C2%AA_Refeno_25.jpg. ACESSO EM 27 JUN. 2023.



GALHO: COLOMBI, GIOVANNA. REGISTRO DE UM PÁSSARO POSADO NUM GALHO. 23 JUL. 2015. DISPONÍVEL EM: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazilian_tree_branches,_species_unidentified_in_2015_\(2\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazilian_tree_branches,_species_unidentified_in_2015_(2).jpg). ACESSO EM 27 JUN. 2023.

PAREDE/MAR: JAMAIRE, LAURENT. TEXTURE 2017. 2 MAIO 2017. DISPONÍVEL EM https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Texture_2017_13.jpg. ACESSO EM 27 JUN. 2023.

NÉBULA NASA/JPL-CALTECH. PIA17553: 'WITCH HEAD' BREWS BABY STARS. 30 OUT. 2013. DISPONÍVEL EM: <https://commons.wikimedia.org/>





WIKI/FILE:WITCH_HEAD_NEBULA_-_PIA17553.TIF. ACESSO EM 27 JUN. 2023.

TEXTURA: MITCHFEATHERSTON. SURFACE TEXTURE. 10 MAIO 2009. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/WIKI/FILE:SURFACE_TEXTURE_001.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Surface_Texture_001.jpg). ACESSO EM 27 JUN. 2023.

Dona Catilê

Corpo: SOUTH Africa Tourism. Xhosa woman, Eastern Cape, South Africa. 12 ago. 2015. Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/south-african-tourism/20512449535/> e [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xhosa_woman,_Eastern_Cape,_South_Africa_\(20512449535\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xhosa_woman,_Eastern_Cape,_South_Africa_(20512449535).jpg). Acesso em: 28 mar. 2023.



Véu: JACHINTAPASCA. [Pacific Sea Nettle Jellyfish]. 21 fev. 2021. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pacific_Sea_Nettle_Jellyfish.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.



Cenário: NOGUEIRA, Otávio. Fernando de Noronha 9. 25 out. 2021. Fotografia. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_9_\(51629337094\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_9_(51629337094).jpg). Acesso em: 28 mar. 2023.

Graúnas

Corpos: L'Eté (fait partie du groupe Les Saisons), 1911, Bronze, Aristide Maillol, Musée Aristide Maillol de Paris. Fotografia. 30 maio 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:L%27%C3%A9t%C3%A9,_1911,_Aristide_Maillo_\(3\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:L%27%C3%A9t%C3%A9,_1911,_Aristide_Maillo_(3).jpg). Acesso em 27 jun. 2023.





Cavalo: Cavalo de branze na praça dos touros. Morón de la Frontera, província de Sevilla, Andalucía, España. Fotografía. 17 abr. 2021. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caballo_\(Mor%C3%B3n\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caballo_(Mor%C3%B3n).jpg). Acesso em 27 jun. 2023.

Máscara 1: Baulê. Mblo Portrait Mask, final do século 19 ou começo do século 20. Madeira, pigmentos. 34 x 21.5 x 15.5 cm. Brooklyn Museum, The Adolph and Esther D. Gottlieb Collection, 1989.51.15. Creative Commons-BY (Foto: Brooklyn Museum, 1989.51.15_front_PS2.jpg). Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/4887>. Acesso em 27 jun. 2023.

Máscara 2: Baulê. Mblo Portrait Mask, final do século 19 ou começo do século 20. Madeira, óleos, pigmento, pregos ferroso, 22.2 x 13.3 x 6.4 cm. Brooklyn Museum, The Adolph and Esther D. Gottlieb Collection, 1989.51.27. Creative Commons-BY (Foto: Brooklyn Museum, 1989.51.27.jpg). Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/116654>. Acesso em 27 jun. 2023.



Nébula: NIRCam Image. Southern Ring Nebula. NGC 3132, Eight-Burst Nebula. 12 jul. 2022. Disponível em: <https://webbtelescope.org/contents/media/images/2022/033/01G70BGTSYBHS69T7K-3N3ASSEB>. Acesso em 27 jun. 2023.

Roupa: Iorubá. Ceremonial Sword And Beaded Sheath With Ivory Ornaments. final do século 19 ou começo do século 20. Materiais: miçangas de vidro, pano, marfim, ferro. Dimenções aproximadas 45 cm (largura da bainha da espada), 66 cm (largura dos elementos suspensos). Presente de Mr. and Mrs. Harrison Eiteljorg. Número de acesso: 1995.115A-B (Foto: Jenny O'Donnell). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:WLA_ima_Yoruba_royal_sword_and_beaded_sheath_2.jpg e <http://collection.imamuseum.org/artwork/55154/>. Acesso em 27 jun. 2023.





Irisan

Corpo: WADDINGTON, Rod. Ceremony, Hamer Tribe, Ethiopia. 13 out. 2015. Fotografia. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ceremony,_Hamer_Tribe,_Ethiopia_\(21514052203\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ceremony,_Hamer_Tribe,_Ethiopia_(21514052203).jpg) e https://www.flickr.com/photos/rod_waddington/21514052203/. Acesso em: 28 mar. 2023.

Igreja: LAURINI JR., Dante. Fernando de Noronha. 6 out. 2011. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igrejinha_em_Fernando_de_Noronha.jpg. Acesso em: 28 mar. 2023.

Flor: FLOR de Taraxacum ou dente de leão. 30 mar. 2020. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fiore_di_tarassaco_o_dente_di_leone.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.



Nuvens: Vista das nuvens em Foz do Iguaçu. 27 out. 2014. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_das_nuvens_em_Foz_do_Igua%C3%A7u.JPG. Acesso em 27 jun. 2023.



Maria Vitória

Ave: URIBE, Félix. Herpetotheres cachinnans. Halcón Reidor/ Laughing Falcon/Acauã. Cimitarra, Santander, Colombia. 29 nov. 2011. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/24201429@N04/6554245537/>. Acesso em 27 jun. 2023.

Corpo: LEYLAND, Ralph Watts. Zulu Girl. Imagem digitalizada da página 373 do livro A Holiday in South Africa ... With map and illustrations. 1882. Londres, Inglaterra. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LL1882_pg373_ZULU_GIRL.jpg e <https://access.bl.uk/item/viewer/ark:/81055/vd->





c_000000004194#?cv=372&c=0&m=0&s=0&xywh=-1555%2C-118%2C4461%2C2357. Acesso em: 28 mar. 2023.

Pedra: NOGUEIRA, Otávio. Fernando de Noronha 6. 25 out. 2021. Fotografia. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_6_\(51628907008\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fernando_de_Noronha_6_(51628907008).jpg). Acesso em: 28 mar. 2023.

Flor 1: Centaurea cyanus. Cornflower/ Bachelor's button nos jardins do acampamento turístico Darjeeling, uma propriedade mantida por WBTDC. 17 maio 2017. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Centaurea_cyanus_or_cornflower_or_bachelor%27s_button_in_the_gardens_of_Darjeeling_Tourist_Lodge,_a_property_maintained_by_WBTDC.jpg. Acesso em 27 jun. 2023.



Praia: LÁZARO, Adelano. [Praia do Sancho – Fernando de Noronha – Brasil]. 2015. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:111_Praia_do_Sancho_04.jpg. Acesso em: 28 de mar. 2023.











Este projeto foi produzido em Perpetua
12pt, e em Tw Cen MT Condensed 12pt.

